



ELISEU DOS LEITÕES
A BAIRRADA EM LISBOA

926 246 018 | CARNIDE
961 640 001 | AV. DA LIBERDADE

Chamada para a rede móvel nacional



Diretor
Filipe Alves
Diretores Adjuntos
Leonídio Paulo Ferreira
e **Nuno Vinha**

Sexta-feira
29.5.2026
Diário
Ano 162.º No. 57 221
€2,80
www.dn.pt
Fundado em 1864,
o seu Arquivo
é Tesouro Nacional

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Cinema
O renascimento da Nova Vaga
PÁG. 33



HOJE COM O DN

Empresários avisam que vão subir mais os preços até setembro

INE Aesmagadora maioria dos quase 7000 empresários e gestores de vários sectores de atividade económica em Portugal – ouvidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), entre 1 e 21 de maio – adverte que terá de

continuar a subir os preços de venda ao longo dos próximos três meses, devido ao agravamento dos custos de produção imposto pelo choque energético, desde o início de março. De acordo com informações recolhi-

das pelo DV/DN, a inflação sentida pelos consumidores vai continuar em alta, depois de quase duplicar de ritmo, subindo de 1,9% em janeiro para 3,3% em abril, o valor mais elevado em dois anos. **DINHEIRO VIVO**

GERARDO SANTOS



CARLOS LOPES
“Nunca vivi para ser herói.
Vivi para ser melhor”
DN SPORT

“Imergente”
PS quer distanciar-se de investigação que envolve autarca e assessor

PÁGS. 6-7

Pobreza
Idosos e famílias com filhos lideram pedidos de ajuda alimentar

PÁGS. 12-13

Guerra
Ataques não travam acordo entre EUA e Irão, mas palavra final é de Trump

PÁGS. 18-19

PUBLICIDADE



UM SERVIÇO FUNERÁRIO AO ALCANCE DE TODAS AS FAMÍLIAS
não decida sem nos consultar servilusa.pt | 800 204 222



Editorial

Nuno Vinha

Diretor-Adjunto do Diário de Notícias

Tempos difíceis

As famílias portuguesas vão ter tempos difíceis pela frente. O país que saiu – bastante afetado – de um comboio de tempestades em finais de janeiro e fevereiro, deparou-se um mês depois com uma crise no Médio Oriente que lançou o caos nos mercados do petróleo e do gás natural, fez disparar a inflação e soar os alarmes no Banco Central Europeu (o que mais nos interessa e afeta), que já admite começar a subir gradualmente as taxas de juro a partir de junho e até ao final do ano.

As famílias portuguesas, aliás, já estão a sentir tempos difíceis. Como se pode perceber no trabalho que publicamos na edição de hoje do Diário de Notícias, o Banco Alimentar – em si mesmo um barómetro das dificuldades dos mais desfavorecidos – até estava a registar uma rota estável de pedidos de apoio nos primeiros três meses do ano. Só que, em abril e maio, os pedidos aumentaram fortemente, acompanhando a subida dos custos da energia, do cabaz alimentar e da habitação. Até aqui, nem se estranha muito. Afinal de contas, como diz a presidente do Banco Alimentar, Isabel Jonet, “a fome é sempre uma das primeiras consequências das crises”.

O sinal de alerta é outro. Estão a aumentar os pedidos das Instituições de Solidariedade Social (as IPSS). O que significa que um dos setores que funciona como a primeira linha de ajuda aos mais necessitados está a recorrer a ajuda de que antes não precisava. À qual não recorria mesmo em situações de crise económica ou catástrofe.

As famílias portuguesas vão ter tempos difíceis pela frente. Porque não se prevê melhorias nos vários fatores que contribuem para esta situação. Pelo contrário.

Apesar das negociações, promessas de acordo e bombardeamentos por falta dele, o impasse no Estreito de Ormuz



REINALDO RODRIGUES

está longe de terminar. Ontem, 89 dias depois do início do conflito no Irão, passaram pelo estreito quatro navios (presumivelmente petroleiros), quando num dia normal passariam mais de 100. Este fluxo raquítico não vai retirar pressão ao preço do barril de petróleo, atualmente perto dos 90 euros (contra os 65 a 72 antes da guerra).

Isto levou os empresários portugueses a afirmarem que, em setembro, vão ter de subir ainda mais os preços. Ou seja, o cabaz alimentar vai subir ainda mais.

Isso agrava a inflação, o que vai obrigar a mexidas nas taxas de juro. E isso leva a aumentos da prestação mensal que os proprietários em Portugal pagam pela sua casa (já de si inflacionada

pelo disparo no mercado da habitação nacional dos últimos anos).

O que os portugueses têm pela frente, portanto, é uma “tempestade perfeita”. Destes três fatores – custo da energia, habitação e cabaz alimentar –, o Governo só pode intervir rapidamente num deles: os preços dos combustíveis (descendo ou eliminando impostos sobre a gasolina e gasóleo). No caso da eletricidade e do gás natural, não pode impor diretamente à ERSE a descida das tarifas de acesso, o que poderia baixar em alguma medida o preço.

E politicamente, que consequências pode haver? Os tempos difíceis têm, historicamente, efeitos políticos decisivos. É nos momentos em que as sociedades vivem em maior desespero – sobretudo devido ao elevado custo de vida – que os extremismos, de esquerda ou de direita, mais proliferam. São esses os momentos de fragilidade em que é mais fácil culpar minorias por problemas históricos e estruturais que pouco ou nada têm a ver com elas. São esses os momentos em que a raiva se sobrepõe à razão, em que se tornam mais sedutoras as soluções totalitárias do que o desejável entendimento democrático.

Uma última nota: os europeus entram nesta crise com uma guerra às suas portas, entre uma Ucrânia apoiada financeira e militarmente pela UE, contra a Rússia de Vladimir Putin. Uma Europa que se está a armar como há décadas não se via, gastando dos seus orçamentos e endividando-se para precaver-se do pior dos cenários: um alargamento do conflito no seu território. É bom que os Governos europeus – sobretudo o português – sejam muito claros a explicar o porquê e como querem gastar em mísseis e aviões de combate cada um dos euros que poderia servir para evitar as situações de pobreza que se antecipam.

“**É nos momentos em que as sociedades vivem em maior desespero – sobretudo devido ao elevado custo de vida – que os extremismos, de esquerda ou de direita, mais proliferam.**”



Global Media
29.5.2026

Direção Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Nuno Vinha (Diretores Adjuntos) **Editores executivos** Carlos Ferro, Cecília Carmo, Helena Tecedeiro, Margarida Vaqueiro Lopes e Pedro Sequeira **Editores executivos adjuntos** Ricardo Simões Ferreira e Rui Frias **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Cândia e Leonardo Ralha **Editores** Carla Alves Ribeiro (Cultura), Carlos Nogueira (Desporto), Nuno Braga (Economia) e Sofia Fonseca (Online) **Redatores** Adelaide Cabral, Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Carla Aguiar, Caroline Ribeiro, César Avó, David Pereira, Frederico Bártolo, Isaura Almeida, Luís Reis Ribeiro, Nuno Tibiriçá, Rute Simão, Sónia Santos Pereira, Susana Salvador, Susete Henriques, Tomás Gonçalves Pereira e Vítor Moita Cordeiro **Arte** Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e Susana Gonçalves **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **DN Brasil** Amanda Lima (Editora), Nuno Tibiriçá **Fotografia** Reinaldo Rodrigues (Editor), Gerardo Filipe Santos, Leonardo Negrão e Paulo Spranger **Inovação & Novos Projetos** Sabina Estreia **Redes Sociais** Carolina Lorena **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Frederico Bártolo, Leonardo Ralha, e Luís Reis Ribeiro **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **Diretor Geral Editorial** Filipe Alves **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Sede:** Rua Tomás da Fonseca, Torre E - 3º Andar 1600-209 Lisboa **Morada da Redação** Rua Mouzinho da Silveira, 27, 2º - 1250-166 Lisboa **Tel.:** 213187679 **Fax:** 213 187 515 **Publicidade:** 213 187 500. Estatuto **VISAPRESS** © **apct**
editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de dezembro 2025: 6 084 exps.

20 · 21 · 27 · 28
JUN



PARQUE TEJO
LISBOA

20 JUN

PALCO MUNDO

KATY PERRY

CHARLIE PUTH

PEDRO SAMPAIO

CALEMA

PALCO MUSIC VALLEY

ALOK

AUDREY NUNA

NENA · MANINHO

PALCO SUPER BOOK

BEBE REXHA

BARBARA BANDEIRA

NAPA

SOFIA CAMARA

21 JUN

PALCO MUNDO

LINKIN PARK

CYPRESS HILL

THE PRETTY RECKLESS

GRANDSON

PALCO MUSIC VALLEY

SEPULTURA

P.O.D. · THE KID

COLOSSEUM

E ORELAINE NEGRA · DEALEMA

PALCO SUPER BOOK

KAISER CHIEFS

HOOBASTANK

BLASTED MECHANISM

TARA PERDIDA

27 JUN

PALCO MUNDO

ROD STEWART

CYNDI LAUPER

SHAGGY

4 NON BLONDES

PALCO MUSIC VALLEY

XUTOS & PONTAPÉS

GNR · UHF · JAFUMEGA

PALCO SUPER BOOK

JOSS STONE

BELO

THE WAILERS

SYRO

28 JUN

PALCO MUNDO

21 SAVAGE

CENTRAL CEE

REMA

MATUÊ

PALCO MUSIC VALLEY

FILIPE RET

DENNIS · CARLÃO

IRINA BARROS

PALCO SUPER BOOK

LOLA ÍNDIGO

CEELO GREEN

VALETE · KARETUS

COMPRA
AGORA!



MAIS INFORMAÇÕES EM

ROCKINRIOLISBOA.PT





A figura do dia

Luís Osório

Pedro Passos Coelho tem razão

Abomino teorias da conspiração e histórias da carochinha, mas o *timing* do ataque da Polícia Judiciária à sede do Partido Socialista e a quase centena de mandados de busca tornam irresistível o exercício especulativo. É espantoso que este movimento de centenas de agentes da PJ tenha acontecido menos de 24 horas após as declarações de Passos Coelho e precisamente cem anos depois do dia em que o Estado Novo nasceu. Poderia ter sido hoje ou na quarta-feira, mas a Justiça apontou para a data mais redonda que poderia ter escolhido: o dia em que, em 1926, o general Gomes da Costa desceu o país a trote de cavalo para acabar com a pouca vergonha de uma República decadente, corrupta e gasta. O povo estava a ficar um “pouco impaciente” e a democracia caiu como um baralho de cartas.

Não sei nada do processo, mas a Judiciária é a mais preparada das nossas polícias de investigação. Há muitos anos que não ponho as mãos no fogo por ninguém, seria ridículo e ingénuo. Que se investigue e se chegue à verdade o mais rapidamente possível, mas o tema central não é esse, mas outro e doloroso. Passos Coelho tem razão no essencial: as pessoas estão a ficar impacientes, mas não apenas com o Governo e a oposição, estão a ficar impacientes com a democracia. Começa a ser difícil descortinar em quem podemos realmente confiar. Gente que corporize uma ideia de futuro, com esperança e ideias novas. Estas detenções são mais um prego no caixão. Não sei o que dizer mais, tudo o que acredito está em jogo, a democracia nunca foi tão pouco eterna.



OLHAR

A partir de hoje e até domingo, o subpalco da sala Luís Miguel Cintra do Teatro São Luiz recebe o espetáculo *Hipólito*, de Bruno Simão. A partir de um texto de Mickael de Oliveira, com Bruno Simão e Xana Lagusi, este é um espetáculo sobre brutalidade nas relações familiares. Tem a duração de 50 minutos e esta sexta-feira e amanhã a apresentação está marcada para as 20h00 e domingo será às 17h30.

FOTO **LEONARDO NEGRÃO**



Nem mais, nem menos... António Rebelo de Sousa

Da aprendizagem global

Importa reconhecer que as economias que têm experimentado um maior “sucesso desenvolvimentista” são aquelas que não apenas conseguiram expandir as respectivas curvas de possibilidades de produção mais rapidamente como também que reduziram mais significativamente o “fosso que se para o melhor do mediano”, *i.e.*, que reduziram mais substancialmente os Pareto” que existem, a vários níveis, nas sociedades.

Sucedem que, de um modo geral, não se verificam todos os pressupostos necessários a que os mercados sejam, “*de per si*”, eficientes na produção e na difusão do conhecimento e da aprendizagem, dado que, para tal, deveriam ser perfeitamente concorrenciais, por forma a não existir qualquer tropismo para a internalização das inovações e, por isso mesmo, do processo científico e tecnológico.

Sempre que os mercados se apresentam imperfeitos e sempre que se está confrontado com

uma informação endógena e assimétrica, os mercados não são eficientes “à la Pareto”, conforme refere Stiglitz, sendo, ainda, certo que a existência de imperfeições nos mercados de capitais também origina ineficiências nos processos de inovação.

Em qualquer caso, importa reconhecer que, com a globalização, se registaram avanços na aprendizagem e ao nível da generalização do conhecimento, sendo mesmo de sublinhar que tenderam a universalizar-se, no mundo desenvolvido, os padrões de vida de uma elite.

Todavia, se é verdade que a globalização permitiu generalizar diversos níveis e tipos de aprendizagem, também não se apresenta menos verdade que continuam a existir, a nível mundial e no que se refere à “*governance*”, importantes “*gaps*”.

Assim, poderíamos considerar cinco “*gaps*”: em matéria do conhecimento, das normas existentes, das políticas implementadas, das instituições e da “*com-*

pliance” (envolvendo controlo/fiscalização).

Por outro lado, a constatação de que proliferam os actores com relevância no panorama internacional deveria levar os responsáveis políticos a apostar, cada vez mais, no diálogo e na negociação, conforme refere Thomas Weiss.

É, ainda, sabido que as políticas, entendidas como conjuntos interligados de instrumentos que são utilizados tendo em vista a consecução de objectivos pré-determinados, objectivos esses desejavelmente assentes em valores, conhecem diversas dificuldades de implementação quando emanam de instituições supranacionais.

Como refere o mesmo Thomas Weiss, pensando-se no exemplo do Conselho de Segurança e da Assembleia-Geral das Nações Unidas, manda a verdade reconhecer que os votantes nos *fora* internacionais mais não são de que delegados dos respectivos países, obedecendo a lógicas de grande complexidade explicativa.

Quanto às instituições supranacionais, importa sublinhar a debilidade existente nos mecanismos de coordenação das acções empreendidas, pensando-se, a título exemplificativo, nas dificuldades que o Conselho de Segurança experimenta, em muitos casos, em fazer cumprir as suas deliberações.

Nesta como noutras questões,

o problema dos “*gaps*” existentes entre a deliberação e a realidade aparece relacionado com a questão dos mecanismos e estruturas de poder e bem assim com a introdução de incentivos à adopção de novos comportamentos. Os Estados podem e devem desempenhar um papel relevante na superação dos “*gaps*”, sendo, todavia, certo que, a nível internacional, importa sempre apostar no reforço das instituições supranacionais, dotando-as de capacidade de intervenção.

E ao nível das Nações Unidas, mais dia, menos dia, haverá que pensar num mecanismo de deliberação por maioria qualificada que impeça a aplicação do direito de veto.

Sem que tal aconteça, a Assembleia-Geral das Nações Unidas jamais ganhará a credibilidade de que necessita.

Nem mais, nem menos...

PS - No passado dia 23 de Maio, assisti à transmissão pelo canal Mezzo Live de um Festival de Música Barroca, em Beirute, de inegável qualidade. Foi gratificante. Pela sua qualidade e por ser em Beirute, cidade atormentada pela hodiernidade.

Economista e professor universitário

Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico



Direito a pensar Alexandra Leitão

As cadeiras de Bad Bunny... e a falta delas em Lisboa

Bad Bunny esteve em Portugal para dar dois concertos da sua digressão *Debi Tirar Mas Fotos*. O artista porto-riquenho causa sempre grande impacto, como se viu na sua icónica exibição no *Super Bowl*. Tal como nesse espetáculo, que apelou às suas raízes hispânicas, também a capa do álbum que dá o nome à digressão, em que se veem duas cadeiras de plástico e uma densa vegetação tropical, convoca o calor humano e a proximidade que caracteriza os latinos.

Os bancos no espaço público são um convite à conversa, ao convívio e à confraternização. Mas, infelizmente, Lisboa tornou-se uma cidade muito pouco propícia ao encontro e à vida em comunidade pela manifesta falta de condições para que isso possa acontecer.

Nada que preocupe Carlos Moedas, interessado apenas em aumentar a sua propagação nas redes sociais. Mais interessado em aparecer do que fazer. Desta vez protagonizou um vídeo inspirado na capa do álbum de Bad Bunny, com as suas cadeiras brancas de plástico, para dar as boas-vindas ao cantor, em evidente contradição com a realidade que os lisboetas vivem todos os dias, de uma cidade cada vez menos acolhedora.

Hoje, em Lisboa, é difícil fazer algo tão simples, mas tão essencial para a nossa qualidade de vida, como sentar num banco ao ar livre, numa cidade arbori-

“

As ruas e os passeios estão sujos e esburacados, os jardins ao abandono (...)”

zada que protege das ondas de calor, numa cidade iluminada, com praças, espaços verdes e zonas pedonais, com bebedouros públicos que assegurem acesso gratuito a água potável para todas as pessoas.

Em Lisboa, a Câmara não cuida do espaço público. As ruas e os passeios estão sujos e esburacados, os jardins ao abandono e as zonas pedonais escasseiam. As árvores estão negligenciadas e os jacarandás foram mesmo arrancados, apesar de 50.000 pessoas terem assinado uma petição para tentar evitar que isso acontecesse. A iluminação é péssima, há ruas inteiras às escuras, provocando insegurança e intranquilidade.

Mas não se trata só de uma total incapacidade de execução. É uma escolha política: em vez de uma cidade desenhada para estar, conviver e descansar, optou-se por uma cidade desenhada para circular, consumir e atravessar. O modo como se planeia uma cidade revela que formas de vida coletiva são valorizadas. Quando o es-

paço urbano cria condições para viver, permanecer e encontrar o outro, produz relações de confiança e de identificação. Quando essas condições desaparecem, a cidade torna-se mais fragmentada e mais individualista.

Tem de se garantir a todos o direito à cidade, independentemente da idade, condição física, rendimento ou estilo de vida, proporcionando onde descansar com conforto sem precisar de consumir. O direito a sentar não pode depender da capacidade financeira para pagar um café. A mercantilização do espaço público deve ser travada.

A atual gestão de Lisboa revela uma visão fragmentada, individualista, excludente e até hostil do espaço urbano. A substituição de bancos nas paragens de autocarros por encostos, a ausência de uma estratégia integrada de mobiliário urbano, a degradação ou desaparecimento silencioso de pequenos equipamentos e a implementação de uma arquitetura defensiva e fechada mostram uma cidade que é apenas um lugar de circulação e de passagem e não de permanência e de pertença.

Por isso, falar de bancos, praças, árvores, sombra e equipamentos públicos não é discutir mobiliário urbano, é discutir democracia urbana. Ou a falta dela.

Vereadora na Câmara Municipal de Lisboa eleita pelo PS



As ideias têm consequências Jaime Nogueira Pinto

Deus e os homens no tempo da IA

O Papa Leão XIV, no início do seu pontificado, explicou que tinha escolhido o nome Leão em atenção ao seu predecessor, Leão XIII, o “papa social” que condenou os excessos do liberalismo capitalista e do socialismo marxista nos finais do século XIX, quando as “coisas novas” eram a Revolução Industrial e as suas consequências económico-sociais.

Leão XIV foi eleito sucessor de S. Pedro num momento difícil para a Igreja e para o mundo, em que se temia que um papa “muito à esquerda” ou “muito à direita” (cedendo ao jargão político-jornalístico corrente) pudesse desencadear um “cisma”.

Leão quer ser um papa de unidade, numa Igreja de homens e mulheres com fé, mas também com paixões, políticas e outras, que hoje tendem a radicalizar-se. Essa foi também a conjuntura da *Rerum Novarum* de Leão XIII, há 135 anos, embora as grandes tensões político-sociais tivessem a sua mais dramática explosão depois da Grande Guerra e da revolução soviética de Outubro de 1917, que criaria o primeiro Estado socialista da História, bem diferente das sonhadas utopias socialistas. A brutalidade dos bolcheviques, a sua impiedosa supressão dos opositores como “inimigos do povo”, gerou reacções também brutais que levaram a um estado de excepção e a um surto ditatorial na Europa.

As “coisas novas” de que fala a *Magnífica Humanitas* de Leão XIV têm que ver com “a salvaguarda da pessoa humana na era da Inteligência Artificial”, como reza o subtítulo; e a encíclica começa assim:

“A Magnífica Humanidade criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erigir uma nova Torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a Humanidade habitem juntos.”

E reclamando-se do “Magistério dos Antecessores”, o Papa trata dos problemas postos pelas novas tecnologias e da ambiguidade que as acompanha.

Hoje “as coisas novas” estão sobretudo ligadas à Robótica e à Inteligência Artificial. Não deixando de celebrar o lado positivo que sempre assumem as novas tecnologias (foram essenciais, por exemplo, para criar as condições que permitiram o fim da escravatura), Leão XIV alerta para os perigos que também sempre representam – as profundas di-

ferenças e abismos criados entre quem as possui, controla, e quem não as tem, nem as pode ter.

E a Inteligência Artificial, além de poder substituir o trabalho humano em muitas profissões e actividades, traz uma simulação de humanidade e, para quem a produz e domina, infinitas oportunidades de orientar e manipular os outros, a maioria. É nesse sentido que Leão XIV nos alerta para os novos dilemas e interrogações que estas “coisas novas”, a par dos benefícios, também nos trazem.

Entra os novos “deuses”, já não de máquinas visíveis, mas de algoritmos e das suas múltiplas cabeças e mãos invisíveis, engendrados para substituir e superar a nossa humanidade, propõe-nos a eterna verdade e a eterna novidade de Cristo.

E termina com palavras de esperança:

“Na humilde fidelidade de cada dia, também a era da Inteligência Artificial pode tornar-se uma etapa em que o Espírito faz amadurecer a civilização do amor na nossa vida: o Senhor continua a renovar todas as coisas e mantém aberta, em cada época, a possibilidade de se tornar história de salvação à luz da Encarnação (...) de modo que possamos testemunhar a beleza de uma magnífica humanidade habitada por Deus.”

*Político e escritor
O autor escreve de acordo com a antiga ortografia*

“

Hoje ‘as coisas novas’ estão sobretudo ligadas à Robótica e à Inteligência Artificial.”



PS quer distanciar-se de investigação que envolve autarca e assessor socialistas

JUSTIÇA Alegados contratos por ajuste direto na freguesia de Santa Maria Maior adjudicados à empresa do assessor de José Luís Carneiro levaram a PJ a criar a operação *Imergente*, que levou à detenção de cinco pessoas. Chega aponta baterias ao núcleo duro socialista.

TEXTO LEONARDO RALHA

Marcada estrategicamente para começar dez minutos antes de soar a estridente campanha que convoca os deputados para o início das sessões plenárias na Assembleia da República, a reação de José Luís Carneiro à Operação *Imergente*, que envolveu buscas à sede nacional do PS e a figuras do partido,

no âmbito de uma investigação que mobilizou 400 elementos da Polícia Judiciária e sete magistrados do Ministério Público, mostrou o secretário-geral a procurar que a notícia que marcou a atualidade nesta quinta-feira prejudicasse o menos possível a recuperação do seu partido.

Desde logo, apesar de um dos implicados ser Miguel Coelho, ex-

-presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior e uma das figuras mais emblemáticas do PS-Lisboa, e da detenção de Duarte Moral (um dos cinco detidos durante o dia), assessor que ainda na véspera estivera consigo na Assembleia da República, Carneiro garantiu que o PS não está a ser visado na operação que o Departamento de Investigação e Ação Pe-

nal (DIAP) de Lisboa esclareceu visar adjudicações de contratos por autarquias, num valor global próximo de dois milhões de euros, tal como a emissão de faturas para recebimento indevido, por dois dos suspeitos, de quantias de um partido político. Estarão em causa eventuais crimes de prevaricação, e ainda suspeitas de participação económica em negócio, peculato, abuso de poder, burla qualificada, falsificação de documento e fraude fiscal qualificada.

“Tudo farei para que a legalidade seja defendida e promovida em todos os níveis de responsabilidade do PS, seja a nível local, seja a nível nacional”, garantiu o secretário-geral do PS, acrescentando que, “a terem sido cometidos crimes, todos os responsáveis devem naturalmente ser responsabilizados pelos mesmos”.

A intervenção de José Luís Carneiro terá servido como uma espécie de muro de contenção a possíveis reações epidérmicas às notícias sobre a Operação *Imergente*, que colocavam a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior como epicentro de uma sucessão de contratos por ajuste direto, realizados entre 2016 e 2022, e que terão lesado o erário público. Antigo coordenador autárquico socialista, o deputado André Rijo,

Estarão em causa eventuais crimes de prevaricação, e ainda suspeitas de participação económica em negócio, peculato, abuso de poder, burla qualificada, falsificação de documento e fraude fiscal qualificada.

apesar de garantir não pretender fazer uma relação de causa-efeito, comentou, no programa radiofónico “Entre Políticos”, transmitido pela Antena 1 na manhã desta quinta-feira, que “no momento em que o PS aparece novamente a reconquistar alguma confiança, demonstrada em sucessivas sondagens, aparece este tipo de notícias”.

Certo é que a investigação da Polícia Judiciária avançou para a fase de buscas e detenções para interrogatório num momento positivo para a liderança de José Luís Carneiro, que no último Barómetro DN/Aximage viu o PS aumentar a vantagem para as principais forças à sua direita. Numa altura em que se cumpre um ano das últimas eleições legislativas, nas quais os socialistas não só voltaram a ver a AD ganhar como perderam a liderança da oposição para o Chega, o estudo de opinião deste mês de maio mostrou o PS com 33,4% de intenções de voto, muito à frente do Chega (23,5%) e da AD (23,2%). Um resultado que teve o condão de animar Carneiro, sobretudo numa conjuntura em que o antecessor, Pedro Nuno Santos, retomou o mandato de deputado, enquanto o ex-ministro Duarte Cordeiro recupera forças e notoriedade no comentário televisivo.

Consequência quase imediata da investigação foi a suspensão do mandato de deputado municipal de Miguel Coelho, histórico socialista que era o presidente do grupo do partido na Assembleia Municipal de Lisboa, sendo substituído por Hugo Gaspar. Num

comunicado divulgado ao início da tarde, o antigo presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior justificou a sua decisão “para que esta situação não condicione o trabalho do grupo municipal do PS, o normal funcionamento da Assembleia Municipal, nem fragilize a muito necessária fiscalização ao executivo municipal”. E garantiu estar disponível para colaborar com as autoridades, defendendo-se “com a consciência tranquila” quanto à sua conduta e “com a honradez que sempre procurei colocar no meu percurso cívico e político”.

Ventura faz ligação ao PSOE

Com a Câmara de Lisboa a ser cautelosa nas reações a uma operação que deu cumprimento a 60 mandados de busca domiciliária e 32 mandados de busca não domiciliária nas zonas de Lisboa, Mafra, Oeiras e Coimbra – a Câmara da Amadora também comunicou que houve buscas nas suas instalações, mas sem envolver a autarquia –, os piores ataques ao PS vieram de André Ventura, com o líder do Chega a fazer ligação entre José Luís Carneiro e os escândalos de corrupção que incidem sobre o PSOE espanhol.

“Vemos o que está a acontecer em Espanha, com buscas na sede do PSOE e uma trama de corrupção que envolve a malha do partido. Parece haver aqui um padrão”, disse Ventura, considerando ser “muito importante que o PS não se escondesse e que não fosse protegido”, nomeadamente pela comunicação social, “para que não fosse permitido ignorar e seguir em frente, como se nada fosse”.

Também não faltaram críticas ao que Ventura descreveu como uma “infantilização” do secretário-geral do PS, pois “nem fica nada bem dizer que a responsabilidade é do trabalhador”, embora Carneiro se tenha escudado no desconhecimento de dados concretos sobre a investigação para não comentar a detenção de quem tem sido responsável pela sua comunicação.

Para o líder do Chega, a Operação Imergente é “uma questão que toca o núcleo duro do PS”, ressaltando que tal não significa que Miguel Coelho ou Duarte Moral sejam culpados. Ainda que, em sua opinião, seja necessário “chegarmos rapidamente a conclusões sobre isto e não ficarmos 10 ou 15 anos para saber o tipo de responsabilidade”.

“Quero garantir que tudo farei para que a legalidade seja defendida e promovida em todos os níveis de responsabilidade do PS, seja a nível local, seja a nível nacional.”

José Luís Carneiro
Secretário-geral do PS

“Era muito importante que o PS não se escondesse e que não fosse protegido, para que não lhe fosse permitido ignorar e seguir em frente, como se nada fosse.”

André Ventura
Presidente do Chega

“Infelizmente, não é novidade que os dois partidos que vão disputando o poder entre eles no nosso país estão sempre envolvidos num conjunto de situações de grande opacidade.”

Mariana Leitão
Presidente da Iniciativa Liberal

“Os líderes do campo progressista devem ser absolutamente límpidos em relação a suspeitas de gerir autarquias sem ter em conta o superior interesse, que é o interesse público.”

Rui Tavares
Co-porta-voz do Livre

Quem é Duarte Moral, visado na operação “Imergente”?

PERCURSO Passou pelas redações do Público, de A Capital e do Diário de Notícias e alternou a vida jornalística com a assessoria no PS.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O PS confirmou que na manhã de ontem a Polícia Judiciária esteve na sede do partido “a realizar diligências relacionadas com atividades que são imputadas a um dos seus trabalhadores”, sem referir o nome de Duarte Moral, assessor que trabalha a comunicação de José Luís Carneiro e que é um dos detidos nesta operação. Antigo jornalista do Público e do Diário de Notícias, que antes e depois passou por outras publicações, teve grande parte do seu percurso profissional na assessoria política e no PS, sobretudo com António Costa, tendo feito essa aproximação ainda nos governos de António Guterres.

“A operação ‘Imergente’”, como a PJ designou a investigação, de acordo com um comunicado divulgado por esta força de segurança, “mobilizou cerca de 400 inspetores e peritos”, para além de “sete magistrados do Ministério Público”. Duarte Moral, um dos cinco detidos nesta megaoperação – tal como a sua mulher, Rute Reimão, segundo a CNN Portugal – será um dos que “serão presentes no Tribunal Central de Instrução Criminal de Lisboa, para primeiro interrogatório judicial e aplicação de medidas de coação”.

Na base da ligação de Duarte Moral a este processo estarão alegadas contratações por ajuste direto feitas por juntas e autarquias socialistas à empresa de comunicação de que o atual assessor do PS é sócio, Diálogo Emergente.

“Em causa estão procedimentos de ajuste direto ou de consulta prévia, em clara violação das normas legais aplicáveis e com evidente prejuízo para o erário público”, explica a PJ, sem referir nomes, apenas levantando o véu do que está por trás do processo de investigação.

Na década de 1990, Duarte Moral trabalhou na editoria de Política do jornal Público, antes de transitar oficialmente para a assessoria de António Costa, ministro da



Duarte Moral, ao centro, trabalha no gabinete de comunicação do PS.

● IMPLICADOS

MIGUEL COELHO

O ex-presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Miguel Coelho, é um dos investigados (não foi detido). Suspendeu o mandato como deputado municipal de Lisboa “para não fragilizar” o Grupo Municipal socialista, que passa a ser liderado por Hugo Gaspar.

RUTE REIMÃO

Está detida e é mulher de Duarte Moral. Foi técnica superior da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, responsável pela área cultural, disse à Lusa fonte do grupo municipal do PS. Terá celebrado contratos com a Junta, por ajuste direto, na ordem dos 70 mil euros entre 2020 e 2022.

5 DETIDOS E 37 ARGUIDOS

Além de Duarte Moral e Rute Reimão, sabe-se que foram detidas mais três pessoas e há 37 arguidos. Também houve buscas da PJ na Câmara da Amadora, assim como em empresas, juntas e autarquias nas zonas de Oeiras, Mafra e Coimbra.

Justiça entre 1999 e 2000, no Governo de António Guterres.

Em 2001, passou pelo jornal para profissionais de comunicação Meios & Publicidade. Entre sensivelmente 2002 e 2005, Duarte Moral trabalhou na redação do Diário de Notícias, onde foi editor de Desporto. Ainda em 2005, regressou ao PS, para assessorar o ministro da Administração Interna António Costa, na altura no Governo de José Sócrates, e manteve o cargo até 2007.

Em dois períodos distintos – entre 2007 e 2009, e 2015 e 2017 – foi também assessor do grupo parlamentar do PS.

Atualmente, Duarte Moral assumia as funções de assessor de imprensa do secretário-geral do PS, José Luís Carneiro.

“O Partido Socialista não é, como tal, visado pela investigação da Polícia Judiciária”, sublinhou o partido em comunicado, acrescentando que, “como é seu dever, o Partido Socialista está a colaborar com a Polícia Judiciária em tudo quanto lhe é por esta solicitado, no sentido de assegurar a boa condução das investigações e no respeito integral dos princípios e regras do Estado de direito”.

Mário Amorim Lopes

“Governo está a jogar para o empate e Chega acha que está numa luta de boxe. IL joga para ganhar”

ENTREVISTA Líder parlamentar da Iniciativa Liberal diz que o primeiro ano desta sessão legislativa revela falta de vontade de mudança na AD.

TEXTO LEONARDO RALHA FOTO GERARDO SANTOS

Desde o início da legislatura, o primeiro-ministro tanto acusou a Iniciativa Liberal (IL) de se radicalizar como a juntou aos partidos da AD num bloco da moderação, cercado no hemisfério à esquerda e à direita. Consegue entender o que se alterou nas percepções de Luís Montenegro? Não consigo, e acho que o próprio primeiro-ministro também não. Uma coisa é verdade: somos muito radicais na ambição que temos para Portugal. Achamos que pode ser um país com muito mais oportunidades, melhores salários, empresas mais fortes e que possa estar ao nível de outros países europeus. Não há nada que nos impeça. Somos nós que escrevemos o nosso futuro e a IL quer escrevê-lo. Claro que para um primeiro-ministro que não partilhe dessa vontade de mudança – embora diga que sim –, é incómodo ter um partido sempre a recordar-lhe que há muitas reformas por fazer, e que é preciso passar das palavras aos atos. **A 21 de outubro de 2025, ao ser eleito líder parlamentar, garantiu que a IL iria continuar a lutar para criar o país que os portugueses merecem, aquele onde os jovens possam ficar, os trabalhadores ganham o que merecem e os avós possam envelhecer com dignidade. Esses objetivos ficaram mais próximos?**

A IL é um partido do futuro e para o futuro. Houve muitos partidos no passado, que tiveram o seu lugar na história, mas queremos olhar para a frente. É o que nos move e todos os dias caminhamos nesse sentido, porque insistimos que é possível estar melhor e vamos apresentando propostas. Não basta contestar e dizer mal. É preciso mostrar uma visão para o país, o que fazemos diariamente, no Parlamento e não só.

“Fazer política com coragem não é para todos. Há quem tenha receio de ir contra os interesses instalados, contra quem está bem com o *status quo* e não quer mudar nada. Muitas vezes, o Governo não partilha dessa vontade, energia e coragem de fazer acontecer.”

Há exemplos palpáveis dessa melhoria em Portugal?

Infelizmente, ainda não conseguimos observá-lo por parte do Governo que falou tanto, na campanha eleitoral, da necessidade de mudança. Passaram-se quase dois anos e a única reforma que o Governo fez – ou está a tentar fazer – é a laboral, mas fica a ideia de que, na verdade, não quer que ela avance. Ainda não há reforma de Justiça, não houve uma reforma fiscal, na Saúde precisamos desesperadamente de uma verdadeira reforma, e mesmo nas medidas para a Habitação ainda não está quase nenhuma no terreno – as que estão ainda não produzem efeito, e as que produziram agravaram o problema, pois aumentaram a procura. Exigimos, não por nós e sim pelos portugueses, o que não tem sido feito. Da parte da IL, continuaremos a apresentar um conjunto de reformas, nas várias áreas. É o nosso compromisso com os portugueses, foi para isso que depositaram a confiança em nós, para que puxemos pelo Governo.

As últimas eleições trouxeram o hemisfério mais desequilibrado para a direita de sempre, com menos de um terço de deputados à esquerda do PSD e com o PS a perder a liderança de oposição para o Chega. A correlação de forças permitia ir mais além?



Em teoria sim, mas na prática parece que não, porque, intitulado-se de direita, o Chega tem sido tudo menos de direita, pelo menos do ponto de vista económico. Na reforma laboral, André Ventura disse que é contra, tal como na medida de o Tribunal de Contas acabar com os vistos prévios, que estrangulam a Administração Pública. Podia haver oportunidade para realizar essas reformas, mas o Chega não é claramente um parceiro. Na Assembleia da República, só há mesmo um partido que faz da necessidade de reformismo bandeira permanente, da qual não arreda pé, que é a IL.

Na vossa visão, o Chega, além de populista, é mesmo socialista?

Economicamente tem sido. Em alguns temas, ultrapassa o PS pela esquerda. Veja-se que continuava a defender uma TAP pública. Na questão laboral, André Ventura parecia que se estava a candidatar à liderança da CGTP. E baixar a idade da reforma era uma proposta que, tipicamente, vinha da extrema-esquerda. O Chega é, cada vez mais, um partido que dá as mesmas soluções que a esquerda. Não acrescenta nada.

Depreendo que a AD também desilude as vossas expectativas.

Por vários motivos. Muitas vezes votam contra as propostas da IL para não nos dar ganho político, e mais tarde viabilizam-as por iniciativa do Governo, ou então votam contra por receio de mudança. Querer mudar o país requer a coragem de explicar medidas que podem não ser imediatamente populares, mas têm de ser tomadas. E fazer política com coragem não é para todos. Há quem tenha receio de ir contra os interesses instalados, contra as corporações, contra quem está bem com o *status quo* e não quer mudar nada. Muitas vezes, o Governo não partilha dessa vontade, energia e coragem de fazer acontecer. Desilude sobretudo os portugueses. Imagino que quando votaram na AD, em 2024 e 2025, foi para mudar. Se não, teriam votado novamente no PS.

Segundo as sondagens, alguns desses eleitores neste momento até voltariam a votar no PS.

Eventualmente, mas porque ainda não ouviram o secretário-geral do PS. Quando o ouvirem, são capazes de recuar, ao perceberem



que o PS, além de ainda não ter aprendido muito com o que aconteceu recentemente, continua a ensaiar um discurso que às vezes parece muito próximo do Bloco de Esquerda. As sondagens são importantes, mas valem o que valem. Tenho é a certeza de que há uma grande vontade de mudança. Os portugueses não estão satisfeitos. Continuam a emigrar em massa, sobretudo os jovens – um em três – e a queixarem-se, com toda a razão, da Saúde, da Justiça, da Habitação e do custo de vida. Neste momento, o partido que elegeram para estar à frente do Governo não partilha dessa vontade de mudança, mas a nota positiva é que há um que tem precisamente essa missão. **Apesar de tudo, os quatro partidos da direita convergiram em alguns temas. Nacionalidade e a imigração foram questões totalmente casuísticas ou há aqui um embrião de qualquer coisa?** Acho que foi uma necessidade do momento. O PS cometeu erros primordiais em matéria de imigração. Somos a favor da imigração, pois o país precisa, e a ideia de as pessoas poderem circular livre-

mente é algo de que estamos muito próximos, mas com regras e condições. Aquilo que o PS fez foi, literalmente, abrir o país, através da manifestação de interesse, sem qualquer tipo de controlo e cometendo erros crassos, como o fim do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. A população imigrante passou de 4% para 14%, aumentando um milhão de pessoas em seis anos, e não é possível a um país que tem de ter Estado Social, serviços de saúde e habitação, num espaço tão curto acomodar tanta gente, sem regras e sem critério. Tivemos de reconhecer, por pragmatismo, que era necessário impor regras. O Chega diaboliza os imigrantes, e jamais partilharemos dessa opinião. Aliás, não olhamos para os imigrantes como um coletivo. Todos os que vêm para Portugal são diferentes, não há nenhuma repetível. Se vêm por bem, para cumprir regras e para trabalhar, são muito bem-vindos. Houve um voto comum, mas com motivações diferentes. **Também tem havido algum chão comum na Constituição...** Por motivos diferentes, uma vez mais. Quase desde a fundação da

IL falamos da necessidade de rever a Constituição, de a modernizar e de lhe retirar a sua grande carga programática. A Constituição resultou do desmantelamento do Estado Novo e, nessa altura, o país guinou completamente à esquerda. Mas não se pretende que uma Constituição seja um objeto ideológico ou programático. É suposto ser um denominador comum, que une os portugueses. Uma Constituição não pode ser a caminho do socialismo, como também não pode ser a caminho do liberalismo ou do capitalismo. Deve ser um objeto que permita aos portugueses escolherem ser livres e determinar o seu futuro. É essa a nossa motivação para rever a Constituição, mas seremos intransigentes na defesa de princípios transversais à sociedade portuguesa. Não iremos permitir a prisão perpétua, que assume que ninguém é reintegrável, ou a castração química. Temos essa capacidade, pois são necessários dois terços dos deputados, e jamais permitiremos que essas propostas do Chega sejam vertidas na revisão constitucional. Queremos é retirar de lá coisas obsoletas e desadequadas, como a dissolução dos blocos político-militares. Não está a ser cumprido, pelo que estamos a dizer que a Constituição tem letra morta, mas sendo consequentes significaria sair da NATO e apelar à sua dissolução, o que iria contra os interesses nacionais, pois a NATO é um grande instrumento de defesa. Veja-se a Ucrânia, que está há anos a pedir para aderir. E também não faz sentido acabar com os latifúndios. Teríamos de acabar com mais de metade da agricultura em Portugal.

Entende a relutância do PSD na revisão constitucional? Não, mas a posição do PSD começa a ser essa: diz que é preciso mudar, mas acaba por fazer pouco. Estamos a entrar no Mundial, e a metáfora que me ocorre é futebolística. Temos o PS, que não quer mudar nada e nem sequer participar no jogo; temos o Governo, que joga para o empate; e temos o Chega que acha que está numa luta de boxe. Nós queremos jogar para ganhar. **O impasse na eleição dos órgãos externos da Assembleia da República foi o ponto mais negativo deste primeiro ano?**

Foi um ponto muito negativo. Os portugueses assistiram a três partidos a discutir lugares. Sobre tudo no Tribunal Constitucional a

“Uma Constituição não pode ser a caminho do socialismo, como também não pode ser a caminho do liberalismo ou do capitalismo. Deve ser um objeto que permita aos portugueses escolherem ser livres e determinar o seu futuro.”

disputa era essa: o PSD tem direito a x, mas o Chega, como agora é líder da oposição, também queria um assento – o partido que se diz antissistema quer fazer parte dele –, e o PS esqueceu-se de que passou para terceira força política e fez finca-pé. A nossa posição sempre foi que, independentemente de quem sugere, queremos pessoas competentes e idóneas, que não vão para o Tribunal Constitucional entrincheirá-lo e polarizá-lo. Não nos interessa se é proposto pelo partido A, B ou C. Vemos os nomes, avaliamos, e em função disso damos a anuência. Foi sempre essa a nossa postura construtiva.

Na reforma laboral e na reforma do Estado, que expectativas têm de conseguir ajudar a que a legislação seja aprovada?

A reforma laboral é absolutamente necessária. Se não fosse, tínhamos de reconhecer que as coisas estão bem tal como estão, mas um em cada três jovens emigram por não encontrarem oportunidades em Portugal, temos 20% de taxa de desemprego jovem e 50% dos jovens que estão empregados têm contratos precários. Portugal é um dos países com maior precariedade da Europa, em que os salários e a produtividade são baixos. Creio que ninguém está satisfeito com isso. Ora, se não estamos satisfeitos com a situação, temos de a mudar. Daí a necessidade de uma reforma laboral. Mas não deve ser instrumento de luta de classes. Uma boa reforma laboral tem de ser boa para todos. Faz com que os trabalhadores possam ter mais produtividade e ajuda a que as empresas cresçam mais, para poderem pagar melhores salários. Esse deve ser o grande desidera-

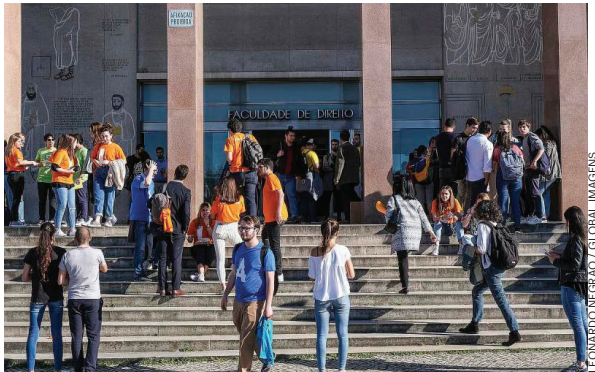
to. E perceber como introduzimos alguma flexibilidade, em linha com o que acontece em toda a Europa – Portugal tem os mercados laborais mais rígidos de toda a Europa, aliás, de toda a OCDE –, mas assegurando segurança. Não vamos desproteger os trabalhadores. Isso é muito importante, mas compete a entidades diferentes. As empresas têm de ter flexibilidade e o Estado tem de ajudar as pessoas em momentos de transição. Mas o Governo está a cometer muitos erros e a insistir em pontos incompressíveis. Depois de tanta discussão que o apoio à maternidade e a redução do horário para amamentar geraram, traz ao Parlamento a reforma laboral com essa medida, que só vai criar ruído, não resolve nenhum problema do mercado laboral e é uma não-questão, verdadeiramente. Não se percebe se o Governo quer mesmo que a reforma laboral avance ou se quer usá-la como trunfo político para mais tarde dizer que não deixaram o Luís trabalhar.

Tendo em conta que o Governo não tem maioria absoluta, a IL está preparada para as próximas eleições ou espera que a legislação possa ir até ao fim?

Temos no nosso DNA estarmos sempre preparados para todo e qualquer cenário, mas o país precisa de estabilidade. Os portugueses foram chamados a votar em 2025, já tinham sido chamados a votar em 2024, e não há mudanças sem estabilidade. Se estivermos sempre a mudar de Governo não conseguimos mudar o país e melhorar a vida das pessoas. Esperamos que haja condições para que o Governo possa executar essa agenda de transformação de que tanto fala. Iremos contribuir para tal e estamos continuamente a insistir para que o Governo o faça. Não podemos é dar desculpas para que depois venham dizer que não houve tempo para fazer reformas.



ACEDA AQUI À ENTREVISTA
COMPLETA EM WWW.DN.PT



Nova bolsa proposta deverá ter o valor de 1075 euros.

Governo revê modelo de ação social para o Ensino Superior e cria bolsa de incentivo

EDUCAÇÃO O Executivo apresentou um novo modelo de atribuição de bolsas de estudo. Pede contributos até dia 3.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

O Governo enviou uma proposta de Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo a Estudantes do Ensino Superior aos partidos Chega, IL, PS, ao Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e a várias entidades e associações académicas.

O modelo de ação social proposto prevê a criação de uma bolsa de incentivo (cumulativa com a bolsa de estudos), destinada a estudantes do primeiro ano oriundos de famílias carenciadas, bem como uma revisão do atual sistema de bolsas de estudo.

Segundo a proposta apresentada, a nova bolsa de incentivo terá um valor de 1075 euros, correspondente a duas vezes o Indexante dos Apoios Sociais (IAS), e será atribuída a estudantes beneficiários do primeiro escalão do abono de família, que ingressem pela primeira vez no ensino superior. O apoio aplica-se a estudantes de TeSP, licenciaturas e mestrados integrados e será automaticamente atribuído no momento da inscrição. A bolsa de incentivo acumula com a bolsa de estudo regular e não implica devolução posterior.

O novo regulamento pretende, segundo o Governo, assegurar que “nenhum estudante fica de fora do ensino superior por razões económicas”. Para isso, o Executivo propõe um modelo mais progressivo, baseado no custo real de estudar e no rendimento disponível do agre-

gado familiar. Entre os princípios definidos no documento estão a liberdade de escolha do curso e da instituição de ensino superior, a consideração do custo médio de vida por concelho e a simplificação das candidaturas. O novo sistema mantém um valor mínimo garantido para a bolsa de estudo, fixado em 876 euros, correspondente a 1,63 vezes o IAS.

No caso dos estudantes deslocados, a proposta define uma componente adicional relacionada com alojamento. Será considerado o custo estimado de uma cama em residência, equivalente a 30% do IAS (cerca de 160 euros). Caso o estudante bolsheiro não consiga vaga numa residência, poderá receber uma majoração correspondente ao custo estimado do alojamento privado no respetivo concelho.

As despesas médias consideradas no cálculo da bolsa variam entre 153 e 212 euros mensais, aos quais acresce o valor da propina. Já os custos médios estimados de alojamento fora de residência variam entre 260 e 500 euros, dependendo do concelho.

O regulamento prevê ainda situações especiais para estudantes com incapacidade igual ou superior a 60%, estudantes a tempo parcial e estudantes inscritos em cursos a distância.

O Governo solicitou o envio de contributos e sugestões até ao dia 3 de junho.



Perguntas Inocentes Pedro Tadeu

A greve geral é mesmo necessária?

Uma greve geral não é um capricho: é a única resposta eficaz que os trabalhadores por conta de outrem têm para não passarem a ser gente sem direito a uma vida de qualidade. A proposta de lei laboral entregue pelo Governo de Luís Montenegro na Assembleia da República pode mesmo ser aprovada se o protesto não se fizer ouvir claramente. É que há, pelo menos, dez razões para fazer greve na próxima quarta-feira.

1 – O pacote laboral aumenta a precariedade. O Governo quer alargar os contratos a termo certo até três anos e os contratos a termo incerto até cinco. Mais tempo a prazo significa mais tempo sem capacidade de planear casa, filhos, arranjar crédito, organizar a vida.

2 – O pacote laboral despreza a juventude. A proposta permite continuar a contratar a prazo quem nunca teve um contrato sem termo, na maioria os jovens.

3 – O pacote laboral abre a porta à substituição de despedidos por *outsourcing*. Ou seja: as empresas podem despedir coletivamente e, logo depois, subcontratar o mesmo trabalho... Isto é que é o “humanismo” de que Montenegro tanto fala?

4 – O pacote laboral permite o despedimento ilícito. Se um despedimento declarado ilegal poder terminar sem reintegração do trabalhador em troca de uma indemnização um pouco maior, a lei, na realidade, passa a dizer “se podes pagar, despede à vontade”.

5 – O pacote laboral ressuscita o banco de horas individual, mesmo fingindo que é “por acordo”. O “acordo” entre patrão e trabalhador nunca é

discutido entre iguais e poder subir a jornada de trabalho até 50 horas semanais e 150 horas anuais devasta a vida familiar.

6 – O pacote laboral desvaloriza o trabalho suplementar. A compensação de horas acumuladas, com acréscimo de 25%, permite trocar horas extraordinárias, mais bem pagas, por uma gestão de horários mais barata.

7 – O pacote laboral ataca a vida familiar. O horário flexível para quem tem filhos terá de se ajustar ao trabalho noturno, fins de semana e feriados. Na prática, pais e mães ficam presos a horários que incompatibilizam trabalho e família.

8 – O pacote laboral é contra a amamentação. A dispensa passa a ter limite até aos 2 anos e exige declaração médica depois de o bebé nascer (amamentar é doença?!) e nova prova seis meses depois.

9 – O pacote laboral reduz formação nas microempresas. Baixar de 40 para 30 horas anuais de formação significa que quem trabalha nas empresas mais pequenas perde uma ferramenta de qualificação para melhorar a sua posição no mercado de emprego.

10 – O pacote laboral tira força aos trabalhadores, isolando cada um deles: facilita a caducidade das convenções coletivas, admite a redução temporária das condições de trabalho em crise empresarial e alarga o âmbito dos serviços mínimos numa greve. Sem contratação coletiva forte e sem greve eficaz, cada trabalhador fica sozinho, sem apoio nem solidariedade, para resistir a eventuais abusos empresariais.

Por tudo isto, esta greve não é apenas “contra uma lei”. É contra uma ideia de país onde a competitividade não se faz pelo investimento e inovação das empresas, mas pela insegurança, pelos despedimentos, pela desregulação de horários e pela transformação de direitos de trabalhadores em favores patronais.

Prometem que o pacote laboral irá fazer subir os salários. A experiência passada onde, desde 2003, juras idênticas foram feitas noutros “pacotes” e noutras “reformas laborais”, demonstra que quem agora acreditar nisso merece mesmo este triste epíteto: otário.

“

A proposta de lei laboral entregue pelo Governo de Luís Montenegro na Assembleia da República pode mesmo ser aprovada se o protesto não se fizer ouvir claramente.”

Journalista



Men's Health

Women's Health

OBRIGADO!

**REVISTAS
LIFESTYLE
DO ANO**



REINALDO RODRIGUES

Idosos e famílias com filhos lideram pedidos de ajuda alimentar

POBREZA Pedidos de apoio ao Banco Alimentar Contra a Fome aumentaram entre abril e maio, à boleia da subida dos custos com a energia e da fatura com a habitação. Isabel Jonet defende que são urgentes medidas públicas para evitar que cenário escale nos próximos meses.

TEXTO RUTE SIMÃO

“A fome é sempre uma das primeiras consequências das crises” e é à mesa onde as famílias começam por cortar. O prato de comida é o principal sacrificado quando a pressão das contas sobre o orçamento familiar se adensa. O retrato é traçado por Isabel Jonet, presidente da Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome, que explica ao DN que, nos últimos dois meses, o número de pedidos de ajuda alimentar aumentou. A fatura com a habitação, a escalada dos custos com a energia e a subida do preço do

cabaz alimentar são a tríade que tem levado cada vez mais pessoas e instituições a procurar auxílio.

Só no primeiro trimestre do ano, a rede dos 21 bancos prestaram apoio a 370 mil famílias e a 2400 instituições, num total de 6,4 toneladas de alimentos distribuídos. O cenário agravou-se entre abril e maio. “Os dados que temos compilados até março estão em linha com o período homólogo, o que é bastante preocupante porque revelam que os pedidos não diminuíram de um ano para o outro. Nos últimos dois meses tem havido ainda um acréscimo de pedi-

dos, não só das famílias, mas também por parte das instituições de solidariedade que tiveram de absorver o aumento do custo dos combustíveis e dos produtos alimentares. Estão a enfrentar mais desafios e a pedir-nos mais produtos”, detalha a responsável em entrevista ao DN.

O acréscimo nas solicitações por parte das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) é uma das principais diferenças emergentes este ano e um “sinal de alerta”. “São os parceiros no terreno para apoiar as famílias mais vulneráveis e que ajudam através

das creches, dos lares ou dos jardins infantis e são uma almofada de segurança. Esta rede precisa de ser protegida porque, por exemplo, há mais idosos com várias doenças que são ajudados por estes lares e há cada vez menos capacidade das famílias para poderem tê-los em casa. Há que poupar esta rede e ajudá-la para que não fique frágil por não estar a conseguir responder aos aumentos dos custos”, aponta. Do lado dos requerentes individuais, os reformados representam a franja mais fragilizada com pensões insuficientes para responder ao aumento do custo

de vida. “É importante recordar que em Portugal quase dois milhões de pessoas vivem com menos de 520 euros por mês, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE). Ainda temos um valor muito elevado de idosos com pensões de reforma muito, muito baixas. Há muitas mulheres que não tiveram carreira contributiva e, portanto, recebem pensões de viuvez de 200 euros”, exemplifica.

Já o número de famílias empregadas e com filhos a pedir ajuda para comer também tem sido crescente. São os chamados ‘trabalhadores pobres’, que auferem maioritariamente o salário mínimo e para quem os custos com a habitação representam 70% do orçamento familiar, impossibilitando o cumprimento das restantes obrigações financeiras. “O dinheiro que sobra para comer, para a luz, água, internet ou medicamentos faz com que, por exemplo, os filhos destas famílias não possam ir a atividades letivas. Não podem sequer ter qualquer tipo de pretensão de ir comer fora ou ao cinema, isso não existe. São famílias que vivem todos os meses com os tostões contados e que, se não fosse o apoio que recebem do cabaz de alimentos que vão buscar a uma instituição perto de si, não tinham comi-

da na mesa”, garante Isabel Jonet. A presidente do Banco Alimentar Contra a Fome elucida que estes agregados já viviam com orçamentos “muito muito esticados”, sobretudo devido aos encargos com a casa, cenário que tem se tem configurado mais crítico com a atual conjuntura. “Qualquer pequena oscilação ou aumento de preço nas outras rubricas causa uma pressão muito grande nas famílias. O tema da habitação é muito preocupante. A juntar a isto, o aumento dos preços da energia e do cabaz alimentar estão a impactar bastante”, afiança. Por isso mesmo, a ajuda alimentar é decisiva para evitar o incumprimento nos créditos à habitação e ao consumo. “É uma forma de levar esperança e ajuda a estes agregados para que possam manter, de alguma forma, uma vida digna”, assegura.

Já numa leitura ao mapa nacional, é em Setúbal, Lisboa, Porto, Madeira e Algarve que se registam mais pedidos de apoio alimentar. Nestas regiões, justifica a responsável, “não existe outro tipo de solidariedade nem de respostas locais” e os bancos alimentares afirmam-se como recurso principal de socorro.

Idosos são os que têm mais vergonha em pedir ajuda

Aos 66 anos de idade, Isabel Jonet soma metade da vida ligada ao Banco Alimentar Contra a Fome, onde iniciou o seu percurso no voluntariado em 1993. A experiência de três décadas não lhe deixa dúvidas para afirmar que as crises e a fome andam constantemente de mãos dadas. “As carências alimentares saltam logo à vista e quando há instabilidade, o número de pedidos aumenta logo, mesmo em antecipação”, elucida. Embora já tenha “assistido a muitas coisas”, o pior período, recorda, foram os dias da pandemia da covid-19. Atualmente, pesa a ansiedade que está a deixar os consumidores num limbo de incerteza e insegurança devido à guerra no Médio Oriente, cuja evolução e o desfecho imprevisíveis deixam as famílias mais carenciadas num elevado estado de preocupação.

Dar o passo de bater à porta de um banco alimentar ou instituição quando o aperto financeiro se manifesta e o frigorífico fica despido é ainda um movimento de vergonha para muitos, principalmente para os mais idosos. “Os mais velhos foram criados e educados de uma forma diferente, sob a premissa de que não se pedia ajuda e muito menos ajuda para comer. Quando

“Quando uma família pede ajuda para comer é quando já esgotou todas as portas a que podia bater”, frisa Isabel Jonet, presidente da Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome.

uma família pede ajuda para comer é quando já esgotou todas as portas a que podia bater. Quando se pede ajuda para comer é até, no fundo, ficar condicionado a uma realidade que é muito dura”, refere. Do lado oposto, para a geração mais nova é mais fácil reclamar assistência.

São preciso medidas de combate à pobreza e políticas públicas têm de se ajustar à realidade

São vários os fatores de tensão que ameaçam sobrecarregar ainda mais a economia nos próximos meses e, conseqüentemente, a carteira dos portugueses. Isabel Jonet defende ser urgente que se adotem medidas para melhorar as condições das famílias de forma a que os números dos pedidos de apoio com a alimentação não disparem na segunda metade de 2026. “No passado já tivemos apoios públicos, por exemplo, às pessoas mais velhas ou até para pagar os medicamentos, bem como aumentos dos abonos de família. Há um conjunto de apoios sociais que podem ajudar a criar alguma folga”, sugere.

É fulcral, alerta, que exista uma consciência pública de que a taxa de pobreza em Portugal é “demasiado elevada” e, por isso mesmo, “as políticas públicas têm que se ajustar à realidade”. “Há um trabalho a fazer ao nível da habitação a preços mais acessíveis, mas também um conjunto de medidas que podem ser adotadas em relação ao apoio à pobreza infantil, no que respeita ao alargamento do acesso às creches gratuitas bem como outro tipo de prestações sociais que podem ser aprovadas”, propõe. “Sou economista e, para mim, a única forma de lutar contra a pobreza é gerando riqueza e a melhor

riqueza que se pode gerar é o emprego mais bem pago. Temos de pôr a máquina da economia a funcionar para que não tenhamos que depender de apoios públicos”, acrescenta.

Ainda assim, Isabel Jonet refreia as expectativas sobre aquela que poderá vir a ser a resposta do Governo. “Não perspetivo que nos próximos meses isso [a adoção de medidas] possa ser automático e, portanto, temos de estar conscientes de que só a solidariedade poderá ajudar estas famílias que estão com mais dificuldades”, infere. Para Isabel Jonet, as crianças que estão inseridas em agregados familiares com carências representam a maior preocupação. “Acabam por ser privadas de um futuro que poderia ser mais auspicioso e mais alegre. Em Portugal, temos uma transmissão intergeracional de pobreza que não há forma de se quebrar. Vejo as estatísticas do abandono escolar e fico muito preocupada”, considera.

Campanha de recolha de alimentos decorre este fim de semana

Entre amanhã e domingo irá decorrer a primeira campanha do ano de recolha de alimentos promovida pelo Banco Alimentar Contra a Fome. A ação, que se realiza a cada seis meses, irá decorrer em 21 pontos do país e o apelo ao voluntariado ganha uma relevância acrescida na atual conjuntura. “A causa é levar alimentos a quem precisa. Se não tivermos voluntários nas lojas, não nos é possível cumprir este desígnio. A praia é o nosso maior concorrente nesta altura e, por isso, é imperativo apelar à solidariedade de todos. São os voluntários, que muitas vezes estão dez horas em pé a instar à boa vontade de quem passa, que permitem que as campanhas sejam possíveis”, destaca Isabel Jonet.

Apesar das condicionantes económicas, a presidente está confiante no altruísmo dos portugueses. “As campanhas são sempre o melhor que é possível, face à conjuntura em que se realizam. Na campanha de maio do ano passado foram recolhidas 410 toneladas de alimento, e presumo que nesta teremos uma quantidade sensivelmente igual. É sempre menor face a dezembro, devido aos subsídios de Natal, mas tenho a certeza de que será uma campanha muito bem sucedida e de que vamos, uma vez mais, ter uma expressão grande da solidariedade dos portugueses”, conclui

Caso de líder do PCC libertado foi para o Constitucional

JUSTIÇA O pedido foi decidido em dois dias em Lisboa e na instância superior no mesmo dia, explica o tribunal.

TEXTO **AMANDA LIMA**

O Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais (CSTAF) esclareceu ontem que a libertação do líder do Primeiro Comando da Capital (PCC) não ocorreu por o pedido de asilo não ter sido decidido, mas sim porque a defesa de Ygor Daniel Zago, conhecido como “Hulk”, recorreu da recusa do tribunal em decidir sobre esse pedido. Segundo o comunicado a decisão foi tomada em dois dias. “É este o intervalo que medeia entre a entrada da petição e a decisão judicial. Convém recordá-lo a quem, com facilidade pouco recomendável, tem vindo a sugerir o contrário”, destaca o CSTAF.

A seguir, fonte judicial complementou que o recurso no Tribunal Central Administrativo Sul já foi rejeitado. A defesa recorreu novamente, desta vez para o Tribunal Constitucional (TC). “O Autor reclamou da decisão da primeira instância (em que o TAC de Lisboa se julgou territorialmente incompetente) para o Juiz Presidente do Tribunal Central Administrativo Sul. O processo foi decidido no próprio dia, a 7 de maio. Posteriormente, o Autor recorreu da decisão para



“Hulk” foi condenado em 2014 a 29 anos de prisão no Brasil.

o Tribunal Constitucional, onde o processo deu entrada ontem, 27 de maio”, explica o tribunal.

Sobre o regime de asilo e as regras da extradição, o Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais assinala que existe aqui uma lacuna. “O alegado vazio legal não se situa na jurisdição administrativa. Decorre, antes, de uma assimetria do regime de cooperação judiciária internacional em matéria penal: enquanto a pendência de pedido de proteção internacional suspende a entrega no processo de extradição (...) não prevê a correspondente suspensão da contagem dos prazos de detenção, que continuam a correr até ao seu termo”.

Em termos práticos, a atual legislação não impede que uma pessoa detida, com um pedido de asilo em curso, seja libertada quando termina o prazo máximo de prisão preventiva. O novo texto da lei das deportações, atualmente em discussão no Parlamento, prevê este tipo de situações. Se a legislação já estivesse em vigor, o cidadão brasileiro poderia sair da prisão e ser encaminhado para um centro de detenção para imigrantes, sem que o pedido de extradição ficasse suspenso devido ao pedido de asilo. Fonte ligada ao Governo disse ao DN que encara o caso de “Hulk” como “um exemplo flagrante do sistema de asilo” em Portugal. “É precisamente este tipo de caso que pretendemos combater com a nova lei”, vinca.

A atual legislação não impede que uma pessoa detida, com um pedido de asilo em curso, seja libertada quando termina o prazo máximo de prisão preventiva. O novo texto da lei das deportações, atualmente em discussão no Parlamento, prevê este tipo de situações.



Mais tempo de vida, mais tempo até à idade da reforma.

Portugueses com 65 anos podem viver mais 20 anos

INE Esperança de vida aumenta na última década em 1,28 anos para a população, 1,56 anos para os homens e 0,98 anos para as mulheres e prolonga idade da reforma a partir de 2027.

TEXTO ANA MAFALDA INÁCIO

A esperança de vida, no triénio de 2023-2025, aumentou para o total da população portuguesa, passando quem tem 65 anos a poder esperar viver, pelo menos, mais 20,19 anos. O dado consta do relatório publicado ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) sobre o tema. De acordo com o mesmo documento, aos 65 anos os homens podem esperar viver mais 18,43 anos e as mulheres 21,55 anos, o que representa um aumento de 0,13 anos para o sexo masculino e de 0,20 anos para o feminino.

Segundo o INE, no triénio de 2023-2025, a esperança de vida à nascença foi estimada em 81,75 anos, sendo 78,99 anos para os homens e 84,21 anos para as mulheres, o que representa, em relação ao triénio anterior, um aumento de 0,26 anos (3,1 meses) para homens e de 0,25 (3,0 meses) para mulheres. No mesmo documento, o instituto refere que no espaço de uma década, o aumento registado na esperança de vida à nascença foi de 1,28 anos para o total da população,

de 1,56 anos para os homens e de 0,98 anos para as mulheres.

Uma subida que, explicam ainda, resultou sobretudo de uma redução na mortalidade em idades iguais ou superiores a 60 anos. A contribuição das idades ainda mais avançadas foi superior para as mulheres em comparação aos homens.

Em suma, este novo relatório do INE vem demonstrar que no último, triénio 2023-2025, as mulheres continuaram a viver mais anos do que os homens, mantendo-se, contudo, a tendência de convergência da esperança de vida à nascença de homens e mulheres, que foi interrompida em 2019-2021.

O relatório revela ainda que, nos últimos dez anos, a diferença na esperança de vida à nascença entre homens e mulheres diminuiu de 5,80, em 2013-2015, para 5,22 anos, em 2023-2025. Ou seja, para o período de 2023-2025, estimou-se que 42,9% dos nados-vivos do sexo masculino e 61,9% dos nados-vivos do sexo feminino sobreviveram até à idade de 85 anos, quando no período de 2013-2015, a análise feita às condições de mortalidade específicas

por idade observadas neste período, os valores eram, respetivamente, de 35,8% e 56,5%, para homens e para mulheres.

Tal como explica o INE, a esperança de vida à nascença é um dos mais importantes indicadores de longevidade derivados da tábua de mortalidade e com base neste indicador é que é determinada a idade da reforma. E, segundo a estimativa do INE, em 2027, a idade da reforma vai subir para os 66 anos e 11 meses. Foi com base no aumento da esperança de vida da população global para os 20,19 anos que foi possível calcular a idade legal de acesso à reforma. Este valor é superior em dois meses ao de 2026 (66 nos e nove meses), que tinha já subido dois meses em relação a 2025. Em 2024, a idade de reforma ficou inalterada, nos 66 anos e quatro meses, face a 2023, ano em que se registou um recuo de três meses por comparação com a idade fixada para 2022, algo inédito desde que a idade da reforma passou a estar associada à esperança média de vida, mas que se deveu ao excesso de mortalidade durante a pandemia da covid-19.

Militares já limpam 500 km de caminhos

Uma média de 50 militares por dia estão a trabalhar desde abril na desobstrução de caminhos florestais nas zonas afetadas pela tempestade Kristin, num total de 500 quilómetros, segundo o Estado-Maior General das Forças Armadas.

Questionada pela Lusa, a porta-voz do Estado-Maior General das Forças Armadas, Patrícia Fernandes, disse que desde abril os militares desobstruíram 500 quilómetros de caminhos em dez municípios: Sátão, Póvoa-a-Nova, Figueiró dos Vinhos, Oleiros, Leiria, Pombal, Marinha Grande, Tomar, Vila de Rei e Batalha.

A desobstrução de caminhos, limpeza de terreno, criação de acessos novos, abertura de caminhos e “pontos de fuga” para os bombeiros nas estradas mais estreitas faz-se com recurso a maquinaria pesada, como retroescavadoras, niveladoras, máquinas de rasto e tratores, operadas por militares.

No terreno estão presentemente dez destacamentos e a média de militares envolvidos não só nas operações de desobstrução de caminhos, mas também nas atividades de apoio e desenvolvimento é de 50 elementos por dia, disse.

A porta-voz sublinhou o “trabalho conjunto” com várias entidades realizado pelas entidades que integram o Comando Integrado de Prevenção e Operações (CIPO), criado em abril pelo Governo.

A redução do risco de incêndio rural antes do verão, num ano em que há milhares de árvores caídas devido às tempestades, é o que o Governo pretende com esta estrutura.

DN/LUSA

BREVES

Hospital opera menor ao pé errado

A Entidade Reguladora da Saúde (ERS) impôs medidas corretivas ao Hospital CUF Descobertas por ter realizado uma cirurgia no pé errado de uma menor de dez anos. O médico terá consultado o processo clínico relativo ao dia da consulta, em março de 2025, em que indicou “direita” quando a localização era “esquerda”, como constou do consentimento informado assinado pelos pais e da proposta. Após a cirurgia, foram os pais da menor a identificar que a intervenção adicional tinha sido realizada no pé errado. O pagamento da cirurgia e os cuidados de saúde prestados posteriormente não foram cobrados pelo hospital, que defendeu ser “uma falha pontual na execução do sistema”.

Onda de calor. Mora chegou aos 40,3°C

Regiões a sul do rio Tejo estão em situação de onda de calor, tendo Mora atingido na quarta-feira os 40,3°C, um extremo absoluto para um mês de maio. Segundo um balanço do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) em Mora e Alvega (Abrantes) foram ultrapassados o anterior extremo absoluto de maio, os 40°C (graus celsius) de Pinhão, a 30 de maio de 1953, e Termas de Monfortinho, nos últimos dois dias de maio de 2001. O IPMA diz que 16 estações automáticas estão em situação de onda de calor. Ainda que o período quente atinja todo o continente, a onda de calor começou no dia 20 de maio e verifica-se no Alentejo e vale do Tejo.

Porto. Defensores internacionais da deportação em massa reunidos

REDE GLOBAL A lista de participantes no evento mostra a ligação de Portugal a figuras extremistas, alguns condenados, com posições contra imigrantes. Como é habitual nestas atividades da Reconquista, local da cimeira será divulgado horas antes do início, para evitar boicotes.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Defensores da deportação em massa de imigrantes (remigração) vão estar amanhã reunidos no Porto para “impedir a substituição dos nossos povos e proteger os nossos”, de acordo com a descrição do evento. A organização é do grupo Reconquista, um dos principais defensores desta política de remigração, já proposta pelo Chega no Parlamento. O grupo é investigado pela Polícia Judiciária (PJ) por crimes de ódio.

A organização desta edição em Portugal está a cargo de Afonso Gonçalves, conhecido por ser líder da Reconquista e apoiante do Chega, tendo apelado ao voto no partido e em André Ventura nas eleições mais recentes. O ativista, já detido várias vezes por ações de carácter xenófobo, foi um dos oradores na cimeira realizada em

maio do ano passado na cidade italiana de Milão. “Se combinarmos remigração com coragem, com boa estética, com uma boa visão, com coisas às quais as pessoas queiram associar-se, com coisas que tenham significado, nós venceremos”, afirmou na ocasião. A realização em Portugal da segunda edição, com a presença de representantes deste movimento, sinaliza a ligação dos extremistas portugueses com a cena internacional.

Os ativistas consideram que fomentar a polarização já produziu o efeito desejado. “Nos últimos anos, contra todas as probabilidades, o movimento de direita trouxe a remigração para o debate público como solução para a maior crise enfrentada pelo mundo ocidental. O primeiro passo – a polarização, a visibilidade e a afirma-

ção da remigração como projeto político – foi claramente conquistado por nós”, destacou Maximilian Märkl num dos vídeos de divulgação da cimeira. Märkl é líder da Identitäre Bewegung (Movimento Identitário, em tradução livre), organização que está sob vigilância do Serviço Federal para a Proteção da Constituição da Alemanha.

ção da remigração como projeto político – foi claramente conquistado por nós”, destacou Maximilian Märkl num dos vídeos de divulgação da cimeira. Märkl é líder da Identitäre Bewegung (Movimento Identitário, em tradução livre), organização que está sob vigilância do Serviço Federal para a Proteção da Constituição da Alemanha.

Ativistas detidos

Ao pretender embarcar para Portugal ontem à tarde, Maximilian Märkl foi detido e impedido de deixar a Alemanha. “Mesmo antes da Cimeira da Remigração, eles estão em pânico. Já perderam todos os debates e a guerra cultural. Todos os europeus conseguem ver, com os próprios olhos, as consequências devastadoras da substituição populacional. Por isso, es-

ção a jogar a sua última cartada: repressão pura e simples”, escreveu nas redes sociais. Até o fecho desta edição, Dries Van Langenhove também estava com dificuldades em embarcar, porque foi condenado pela segunda vez por crime de ódio.

O evento na Invicta conta ainda com a presença confirmada de outras figuras extremistas, como Dries Van Langenhove, Martin Sellner e Eva Vlaardingerbroek. Martin Sellner, o ativista austríaco responsável pela popularização do termo “remigração” na Europa, foi, em 2023, um dos organizadores do que ficou conhecido como a “Reunião de Potsdam”, onde apresentou o plano de remigração. Tem ligações passadas a grupos neonazistas durante a juventude – algo que admitiu publicamente – e foi orientado por Gottfried Küssel, negacionista do Holocausto. Teve a entrada negada em países como os Estados Unidos, o Reino Unido e a Suíça, de onde foi expulso em 2024.

Já Dries Van Langenhove, belga de 32 anos, fundou o grupo Escudo & Amigos, cuja principal bandeira é a oposição à imigração. Este mês, um tribunal belga confirmou uma pena suspensa e uma multa por violação das leis contra o racismo e o negacionismo do Holocausto.

Também marcarão presença Carlos Quero, deputado espanhol do VOX, e Milan Mazurek, eurodeputado eslovaco desde 2024. Antes disso, foi o primeiro parlamentar eslovaco a perder o mandato na sequência de uma condenação criminal, relacionada com discurso de ódio e racismo.

Local do evento

Os congressos da reconquista, em geral, têm o local divulgado apenas aos inscritos e horas antes do início. O objetivo é evitar o cancelamento dos espaços à última hora, por causa da ideologia do grupo. Isso ocorreu, por exemplo, no congresso do outono passado, também no Porto.

O primeiro sítio marcado cancelou a participação após notícias sobre a ideologia da Reconquista. Rapidamente outra sala foi encontrada e o evento realizou-se com a presença de aproximadamente 400 pessoas. Na ocasião, um dos oradores foi o deputado e vice-presidente do Chega, Pedro Frazão. Outras figuras do partido, como o assessor parlamentar Francisco Araújo e simpatizantes do partido marcaram presença.

amanda.lima@dn.pt



Primeira cimeira da remigração foi em Milão.

FOTO: DR

Governo quer avançar com dois cursos de formação por ano na Polícia de Segurança Pública

SEGURANÇA Unidade Nacional de Estrangeiros e Fronteiras recebe 360 dos 570 agentes que terminaram formação.

Mais de metade dos 570 polícias da PSP que ontem terminaram o curso de formação de agentes vai ser colocado nos aeroportos, num total de 360, e os restantes no Comando Metropolitano de Lisboa.

O 21.º curso de formação de agentes terminou com a cerimónia do compromisso de honra na Escola Prática de Polícia, em Torres Novas, dos 570 novos polícias.

Fonte da Polícia de Segurança Pública precisou à Lusa que 360 novos agentes vão para a Unidade Nacional de Estrangeiros e Fronteiras (UNEF) e 210 para o Comando Metropolitano de Lisboa da PSP.

Os 360 polícias que vão para a UNEF iniciam de imediato o curso de guarda de fronteira, que tem a duração de quatro semanas, para entrarem ao serviço nos aeroportos no início de julho, um reforço que faz parte do plano de contingência da PSP para o verão e que visa diminuir as filas de espera dos passageiros de fora do espaço Schengen. Segundo a Polícia de Segurança Pública, 150 serão colocados no aeroporto de Lisboa, 90 no Porto, 70 em Faro, 30 nos Açores e 20 na Madeira.

A PSP justifica a colocação dos polícias na zona de Lisboa com o facto de ser maioritariamente do efetivo policial deste comando que provêm os agentes necessários ao desempenho de funções

na Direção Nacional, Unidade Especial de Polícia, no ISCP/SP, serviços sociais da PSP e Polícia Municipal de Lisboa.

Nesta cerimónia, o ministro da Administração Interna, Luís Neves, adiantou que o Governo quer avançar com dois concursos anuais para a formação de agentes desta força de segurança.

“Tudo aponta de uma forma quase e absolutamente inequívoca que, dentro de dias, teremos mais 600 e muitos novos agentes (...) que aqui entrarão para, no final do ano, os termos a trabalhar”, afirmou Luís Neves à Lusa.

O governante disse esperar que a PSP passe a ter “dois cursos por ano”, algo que considerou inédito “em mais de década e meia”, estando já previsto para junho o arranque de um novo curso de formação com 683 candidatos, depois de a corporação não ter conseguido preencher as 800 vagas previstas. “Tudo o que estiver ao alcance do Governo, tudo faremos para que haja dois cursos por ano”, assegurou.

Um novo curso de agentes, com 683 candidatos, está previsto para começar em junho e terminar no final de dezembro. Este número reflete a dificuldade da corporação em preencher as 800 vagas previstas, que há vários anos não consegue obter o número de candidatas a agentes pretendido.

DN/LUSA



O voo da liberdade António Capinha

Polícias, para que os queremos!

“A polícia deve estar mais perto das pessoas, mas sem perder capacidade operacional forte de resposta e investigação.” Esta declaração, correctíssima e muito oportuna, foi proferida pelo novo ministro da Administração Interna, Luís Neves.

Nesta afirmação está expressa toda a missão policial que deve ser exercida pelos efectivos da PSP, na verdadeira dimensão da função policial de proximidade aos cidadãos.

Como sabemos, não é isso que tem acontecido. Na cidade de Lisboa não vemos um polícia de giro (duvidamos que isso ainda exista), nem vemos carros patrulha a circular em acções de vigilância preventiva nas zonas mais problemáticas da cidade ou, até mesmo, nas menos problemáticas. A cidade de Lisboa está um caos. Os cerca de 700 policiais municipais que existem em Lisboa servem, sobretudo, para dar apoio à EMEL no que respeita ao reboque de viaturas e estacionamento proibidos. Caça à multa, pois claro. Ou, ainda, para a eventualidade de acção num qualquer problema de trânsito. E ficam por aí!

Lisboa está, pois, um inferno. As motorizadas de distribuição de alimentos circulam em contramão. Circulam e estacionam nos passeios desrespeitando e pondo em perigo a segurança dos peões. Não respeitam os sinais vermelhos de trânsito, ameaçando os transeuntes que passam com o sinal verde nas passadeiras que lhes estão dedicadas. As perigosas gincanas das motorizadas de distribuição de comida, num zigue-zague perigoso, ora à esquerda, ora à direita, à volta dos automóveis, são o pão nosso de cada dia. As faixas *Bus* são pistas

quase exclusivas das motos Bolt, Uber Eats e afins, que as utilizam em alta velocidade.

Do conjunto de elementos da PSP na cidade de Lisboa, não há um polícia, uma patrulha da PSP ou da Polícia Municipal que veja e controle estas situações. Os ciclistas de distribuição de comida, à noite sem luzes de sinalização, ignoram as ciclovias construídas e destinadas às bicicletas para circularem nos passeios exclusivos dos peões. É um fartar vilanagem sem qualquer respeito pelas regras de trânsito estabelecidas para Lisboa.

Mais uma vez não se vê uma patrulha de polícia que controle estas situações, multe, verifique documentos, seguros, apreenda veículos que estão desconformes com as leis em vigor.

São os cidadãos que com os seus impostos pagam à PSP. A PSP custa-nos 1,18 mil milhões de euros, dos quais 952 milhões saem, directamente, do Orçamento do Estado. Mas não vemos nas ruas os polícias que pagamos com os nossos impostos. Não sabemos onde estão. Talvez fechados nas esquadras em tarefas burocráticas, a operar, lentamente, um computador que produz avisos de tribunal ou multas, ou, ainda, numa outra qualquer treta administrativa. Cerca de 30% dos efectivos da PSP estão afectos a actividades administrativas.

Os TVDE, numa abusadora ocupação das vias públicas, param com os quatro piscas ligados, em segunda ou terceira fila, interrompendo o fluxo normal de trânsito, carregando ou descarregando as malas dos turistas, durante largos minutos. Alguns são arrogantes e mal-educados. Os outros automobilistas que esperem. Há ambulâncias? Que esperem! Há gente com ur-

gência na deslocação? Que esperem! Os TVDE são os novos donos da cidade de Lisboa. Polícia, seja ela a PSP ou Polícia Municipal, não sabemos onde está!

A PSP deixou de servir o cidadão que a paga. Entrou numa lógica mercantilista. Querem ver polícias? Vão onde estão os serviços gratificados. Nos supermercados. À porta das embaixadas. Nos acontecimentos futebolísticos. Num qualquer evento privado com capacidade financeira para pagar à polícia. É aos gratificados que a PSP vai buscar os 222 milhões de euros que constitui uma parte do seu Orçamento. Qual polícia de giro! Qual patrulha motorizada! Se existir um assalto, espere 30 a 40 minutos até que apareça um ou dois dos 6700 polícias que há em Lisboa.

Nas zonas de distribuição e consumo de droga, em Lisboa ou Porto, seja, na Rua do Benfornoso ou no centro histórico do Porto, não se vê patrulhas de polícia que controlem ou dissuadam os protagonistas dos circuitos de droga. Consumidores ou vendedores actuam com total impunidade à luz do dia ou a coberto da noite.

Há, em Portugal, 1,9 agentes por cada mil habitantes, que custam, por homem, cerca de 40 mil euros por mês.

O ministro Luís Neves prometeu uma PSP de maior proximidade. Vamos aguardar. No dia em que virmos uma patrulha da PSP, a pé, de bicicleta, em viatura, a passar numa qualquer rua em acção de prevenção e segurança, então sim, abrimos uma garrafa de espumante e fazemos uma festa lá no bairro.

Journalista
EScreve sem aplicação
do novo Acordo Ortográfico



BERNARDO SANTOS

Comando de Lisboa vai receber 210 agentes.

Vidas Exemplares

A história do Crédito Agrícola em Portugal é a história dos que nunca deixaram de acreditar no bem comum

José António dos Santos

Caixa Agrícola da Lourinhã

O homem que fez tudo o que desejou

TEXTO RAQUEL GASPAR SILVA e LUÍS OSÓRIO FOTOGRAFIA RAFAEL ANTUNES

Não se confunda. O homem da fotografia não é o mesmo da semana passada. É um outro, muito diferente embora igualmente extraordinário. Este chama-se José António, o seu irmão gémeo é António José. Um o outro, um com o outro, construíram o maior império agroindustrial português, o Grupo Valouro. E os dois foram desafiados, no mesmo ano de 1989, a salvar caixas agrícolas diferentes, o António José a de Torres Vedras, e o José António a da Lourinhã.

Perguntamos a José António se aceitaram o desafio como parte de um jogo, uma disputa entre os dois, uma brincadeira de irmãos. Ofendeu-se com a pergunta, legitimamente: como era possível pensarmos sequer na possibilidade, tinham-no feito pelo apelo das pessoas, pelo drama de as instituições poderem falir, pelo que isso significaria para tantas famílias, pequenos empresários e a própria terra. Nunca lhes passou pela cabeça fazerem comparações até por serem caixas com dimensões diferentes, a de Torres Vedras quatro vezes maior. Uma pergunta imperdoável se tivéssemos sabido de toda a história de irmãos, do primeiro negócio que inventaram aos 14 anos, a venda de coelhas. Sim, leu bem, coelhas. Tinham conseguido dez coelhas bebés e criaram-nas com ervas e boa azeite da Marteleira, a terra onde nasceram e onde construíram e ofereceram, décadas depois, um lar para que nenhuma pessoa passasse a velhice sem estar acompanhada. E um pavilhão para que as crianças pudessem praticar desporto. Ah, quanto às coelhas, multiplicaram-se e eles ganharam um bom pé de meia para se fazerem à vida.

Mas contemos a história de



cooperativista de José António dos Santos. Em 1989, um seu sócio num pequeno negócio de porcos, era associado da Caixa da Lourinhã e desafiou-o a presidir à assembleia-geral. Não daria qualquer trabalho, eram apenas duas reuniões por ano e a sua voz poderia ser importante para definir algumas linhas estratégicas numa caixa que parecia à deriva. José António aceitou nessa premissa, um par de dias por ano. Entretanto, o seu irmão é desafiado para presidente em Torres Vedras e na Lourinhã as contas estavam piores do que alguém

poderia imaginar. A Caixa estava em falência técnica e ninguém se entendia. Seis meses após integrar a assembleia-geral já era presidente do conselho de administração. Colocou como condição o poder contratar uma pessoa da sua confiança, não podia ser de outra maneira, afinal geria dezenas de empresas e isso era e continuaria a ser o centro da sua vida. Contratou José Damião que trabalhava na União de Bancos e começou a aventura.

José António nunca entrara nas instalações, não sabia sequer onde ficava a sede. A Caixa da

Lourinhã tinha três milhões de contos de ativo, mas mais de passivo. Além do mais uma parte dos ativos não eram cobráveis, uma percentagem importante do crédito estava concentrada numa empresa de um familiar de um antigo administrador, uma enorme bagunça. Para se ter uma ideia do ambiente, contámos-lhe um episódio. Logo nas primeiras semanas da sua liderança, estava casualmente no balcão da sede e viu um cliente pedir para levantar todo o dinheiro que tinha depositado, cerca de seis mil contos, não tão pouco quanto isso. O funcionário foi ao cofre e trouxe as notas, José António aproximou-se e o homem disse-lhe das razões. Bastou um minuto de conversa para que o cliente lhe fizesse uma pergunta que nunca mais esqueceu: “O Sr. José António vai mesmo ficar aqui? Assegura-me isso?”. Que sim, assegurava-lhe que o compromisso estava fechado, ficaria. O senhor pediu então para devolver o dinheiro ao cofre. É uma história mais marcante do que parece. A banca é feita de confiança, quando esta se perde, perde-se tudo. E a confiança está ligada a pessoas concretas.

A recuperação foi lenta, mas consistente. José António dos Santos conseguiu injetar três milhões de contos através do Fundo de Garantia do Crédito Agrícola, do Banco de Portugal e, a partir daí, foi limpando imparidades e liquidou o crédito em menos de metade do tempo do que estava previsto no acordo.

Mantém-se na presidência trinta e dois anos, quase uma vida. Sai no dia 27 de junho de 2021 por causa das notícias que os associavam a um esquema ligado à compra de ações do Benfica. Em poucas semanas tudo se esclarece, os procuradores achavam que era um especulador a soldo de Luís Filipe Vieira, não associaram à sua narrativa o pequeníssimo pormenor de José António ser multimilionário, de as ações do Benfica não terem passado de um vulgar negócio. Os inspetores descobriram, espantados, que em mais de trinta anos nunca aquele homem rece-

bera um cêntimo da Caixa Agrícola, que nunca sequer deixara a Caixa pagar-lhe um almoço. Muitas desculpas, mas o mal estava feito. E não lhe apeteceu continuar, já chegava. Trinta e dois anos em que, com exceção de 1990, a Caixa da Lourinhã deu sempre lucro. Dizia aos seus administradores que a responsabilidade de tratar do dinheiro dos outros, do dinheiro que não lhes pertencia, era enorme. Que era preciso ter cuidado. Orgulha-se destes anos.

A Lourinhã lá continua, agora sem ele, mas basta passear um pouco pelas ruas e perguntar pela falta que faz, é unânime que sim, que os tempos são um pouco diferentes por as regras terem mudado. A Lourinhã pertence, ao contrário de Torres Vedras, à Caixa Central. O movimento de independência feito pelo seu irmão António José, não foi acompanhado por estar numa situação financeira de enorme fragilidade, não podia dar-se ao luxo de arriscar prosseguir sem uma rede maior que amparasse a Lourinhã caso fosse necessário.

José António não se sente confortável com o caminho de um cooperativismo cada vez menos cooperativista. A Caixa Central tornou-se impositiva e quebrou a independência das caixas, no seu tempo não era assim, existia uma autonomia que, apesar de alguns sinais que já se adivinhavam, era respeitada. Para ele, a matriz social deveria ser um dogma. Assim como todas as características que permitem que estas instituições sejam distintas da banca comercial, de outra maneira não vale a pena. As caixas agrícolas fazem falta para que exista elevador social, para que os mais pobres possam emprender pois, de outra forma, ninguém lhes empresta dinheiro.

Perguntamos-lhe à saída sobre o que lhe faltou fazer. José António dos Santos sorri e desarmamos com cinco palavras: “Não me falta fazer nada.”

Ataques não travam acordo entre EUA e Irão, mas palavra final é de Trump

GUERRA Memorando de entendimento de 60 dias permite prolongar o cessar-fogo e abrir as negociações sobre o programa nuclear, assim como reabrir o Estreito de Ormuz. Informação foi avançada pelo *site* Axios e não foi confirmada pela Casa Branca ou pelos iranianos.

TEXTO SUSANA SALVADOR

Os negociadores dos EUA e do Irão chegaram a acordo sobre um memorando de entendimento de 60 dias para prolongar o cessar-fogo e iniciar negociações sobre o programa nuclear iraniano, permitindo a reabertura do Estreito de Ormuz. Mas ainda faltava a luz verde do presidente Donald Trump, sendo que Teerão não confirmou nada. A informação foi avançada pelo *site* de notícias norte-americano Axios e validada por outros media, mas a Casa Branca fugiu a uma confirmação formal, depois de mais uma noite em que houve violações do cessar-fogo.

De acordo com o Axios, o memorando de entendimento que já terá sido acordado ainda na terça-feira estipula que a navegação pelo Estreito de Ormuz será “sem restrições”, o que significa que não haverá cobrança de portagens nem pressão e que o Irão terá de remover todas as minas do estreito no prazo de 30 dias. “O bloqueio naval dos EUA também será suspenso, mas isso ocorrerá proporcionalmente à retoma da navegação comercial”, refere.

O Irão compromete-se a não desenvolver uma arma nuclear (algo que sempre disse que não estava interessado em fazer), com ambos os lados a negociar como Teerão se irá livrar do que Trump apelida de “pó nuclear” – os 400 quilos de urânio altamente enriquecido que tem. Os EUA

comprometem-se, por sua vez, a discutir o alívio das sanções e a libertação de bens iranianos congelados, ainda segundo o Axios.

A notícia do avanço na diplomacia surge depois de mais uma madrugada de ataques cruzados. Depois de, na quarta-feira, Teerão ter acusado os EUA de violarem o cessar-fogo, quando atacaram o sul do país na noite de terça-feira alegadamente em “autodefesa”, ontem foi a vez de os norte-americanos acusarem os iranianos do mesmo. Segundo um comunicado do Comando Central dos EUA (CENTCOM, responsável pela região do Médio Oriente), pouco depois das 03h00 em Lisboa, “o Irão lançou um míssil balístico em direção ao

O avanço a nível diplomático foi feito após mais uma noite de ataques cruzados entre EUA e Irão, com Teerão a lançar um míssil contra uma base norte-americana no Koweit, que foi intercedida por este país, depois de os EUA destruírem drones iranianos.

Koweit, que foi intercedido com sucesso” pelas forças desse país.

“Esta flagrante violação do cessar-fogo por parte do regime iraniano ocorreu horas depois de as forças iranianas terem lançado cinco drones de ataque unidirecional, que representavam uma clara ameaça dentro e nas proximidades do Estreito de Ormuz”, referiu o CENTCOM num comunicado nas redes sociais. “Todos os drones foram intercedidos com sucesso pelas forças norte-americanas, que também impediram o lançamento de um sexto drone a partir de uma base de controlo terrestre iraniana em Bandar Abbas”, acrescentou.

A televisão estatal iraniana alegou que os Guardas da Revolução, em retaliação, atacaram a base norte-americana no Koweit de onde terá sido lançado esse ataque. E que, mais cedo, tinham visado “quatro navios que tentavam atravessar o Estreito de Ormuz sem coordenação com as forças de segurança”. A reabertura desta importante via marítima, por onde antes da guerra passava 20% do petróleo e do gás natural mundial, era um dos objetivos das negociações.

Apesar de Trump alegar que não tinha pressa em fazer um acordo (e só após ser validado pelo presidente é que a Administração admite falar num acordo), aliados dizem que a pressão do aumento do preço dos combustíveis na economia norte-ameri-



Um mural anti-EUA em Teerão.

EP/A. ABDIN TAHERI/ARREH

cana era insustentável – e o Irão também está desesperadamente a precisar de dinheiro.

As constantes violações do cessar-fogo não parecem ter afetado o diálogo indireto entre EUA e Irão. O Paquistão, que tem servido de mediador, continua a insistir numa saída diplomática, com o chefe da diplomacia Ishaq Dar a ser esperado hoje em Washington, para uma reunião com o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio. Segundo Islamabad, Dar vai reunir-se com Rubio “para analisar as relações bilaterais e trocar opiniões sobre os desenvolvimentos regionais e globais de interesse mútuo”.

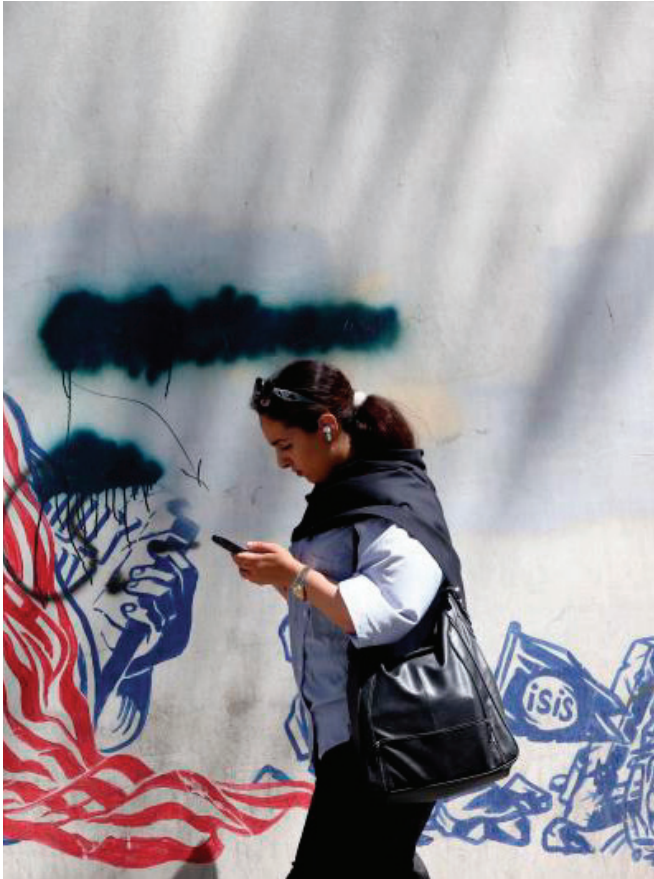
Israel ataca o Líbano

O artigo do Axios não faz qualquer referência à guerra entre Israel e o Hezbollah, no Líbano, sendo que até agora o Irão tem defendido que o cessar-fogo tem que ser total. Israel intensificou nos últimos dias os ataques contra o grupo xiita libanês, voltando a bombardear os arredores de Beirute (o que já não acontecia há três semanas) e em Tiro – nes-

te após emitir ordens de evacuação. O Hezbollah, por seu lado, reivindicou vários ataques contra os militares israelitas.

Segundo a imprensa de Israel, o alvo do ataque contra um edifício nos arredores da capital libanesa era Ali al-Husni, chefe da força de mísseis da Divisão Imam Hosseini, uma milícia alinhada com o Hezbollah e o Irão. Ontem ainda não tinha sido confirmada a sua morte. Apesar do cessar-fogo mediado pelos EUA e anunciado a 16 de abril, Israel e ao Hezbollah continuam as trocas de tiros diárias, com Beirute a ser contido poupada a pedido de Washington – só tinha sido bombardeada outra vez desde então, no início de maio, tendo sido morto um comandante.

Mas o sul do Líbano não só continuou a ser atacado, como Israel ocupou uma faixa de terreno que se estende 10 quilómetros para lá da fronteira entre os dois países e destruiu várias localidades nessa zona. Esta semana, as operações terrestres já foram para lá da chamada Linha Amarela, estendendo-se até para lá do



Rio Litani (a cerca de 30 quilômetros da fronteira).

O primeiro-ministro libanês, o sunita Nawaf Salam, criticou os ataques, denunciando um “castigo coletivo” contra toda a população. “Nada justifica os contínuos ataques a Tiro e Nabatieh e a destruição dos seus marcos históricos, nem as constantes ameaças contra o nosso povo pacífico nestas regiões, nem os repetidos apelos para que abandonem as suas casas e os seus meios de subsistência”, escreveu no X. Estas ações “apenas reforçam a nossa determinação quanto à necessidade de um cessar-fogo imediato. E continuamos a procurar todo o apoio árabe e internacional para o conseguir”, afirmou.

As negociações diretas entre Israel e o Líbano, que têm decorrido em Washington com a mediação dos EUA, deviam ter recommençado ontem a nível técnico, esperando que se alargassem a nível político no início de junho. Mas após o intensificar das ações israelitas, não era certo que as negociações – que o Hezbollah rejeita – continuassem.

“Nada justifica os contínuos ataques a Tiro e Nabatieh e a destruição dos seus marcos históricos, nem as constantes ameaças”, escreveu no X o primeiro-ministro libanês, Nawaf Salam, após ataques de Israel contra Beirute e o sul do país.

Israel entra na lista negra da violência sexual e corta laços com Guterres

ONU Embaixador israelita fala de uma “decisão ultrajante”, acusando secretário-geral e a sua equipa de “espalharem mentiras”.

TEXTO SUSANA SALVADOR

O embaixador de Israel nas Nações Unidas, Danny Danon, anunciou ontem o corte de relações com o gabinete do secretário-geral, António Guterres, após o seu país ter sido incluído na lista negra dos que usam a violência sexual como arma de guerra – uma lista onde também está o Hamas.

Essa é uma “decisão ultrajante”, denunciou o embaixador num vídeo partilhado no X, acusando Guterres e a sua equipa de “espalharem mentiras contra Israel”. Danon insistiu que é inaceitável colocar Israel “na mesma lista que os terroristas do Hamas”, alegando que o seu país convidou os responsáveis da ONU a investigar as “acusações ridículas” e que eles optaram por não o fazer.

“Chegámos ao fim com este secretário-geral”, referiu ainda, defendendo que “equiparar o Estado democrático de Israel aos terroristas do Hamas é um nível de baixa sem precedentes”

te” e que “Israel protege os seus cidadãos enquanto o Hamas massacra, viola e rapta”. O grupo terrorista palestino foi adicionado à lista em agosto de 2025, depois de um relatório sobre atos de violação e agressão sexual durante o ataque de 7 de outubro de 2023 e contra os reféns israelitas.

A inclusão de Israel nesta lista negra das Nações Unidas não foi ainda tornada oficial, mas foi avançada pelo jornal *Jerusalem Post*, que revelou que o Serviço Prisional israelita está entre as várias entidades adicionadas em 2026. Outras autoridades israelitas ficam sob monitoriza-

ção, podendo ser incluídas no futuro. Segundo o jornal, os israelitas alegam que, após a inclusão do Hamas, houve pressão junto de Guterres para que acontecesse o mesmo a Israel. O mandato do secretário-geral termina no final deste ano.

A notícia da inclusão de Israel na lista surge duas semanas depois de o jornal norte-americano *The New York Times* publicado um ensaio intitulado: “O silêncio que acompanha a violação de palestinos”. O artigo do jornalista Nicholas Kristof detalhava alegações de que mulheres, homens e crianças palestinas foram violadas e abusadas sexualmente em centros de detenção militar israelitas.

O governo de Israel anunciou que vai processar o jornal norte-americano por difamação. “Vamos combater estas mentiras na opinião pública e nos tribunais. A verdade vai prevalecer”, disse o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, num comunicado citado pela Reuters.

“Equiparar o Estado democrático de Israel aos terroristas do Hamas é um nível de baixa sem precedentes.”



O mandato de Guterres termina no final do ano.

Kiev compra 20 caças à Suécia e vai receber mais 16 como donativo

GUERRA Ucrânia vai usar 2,5 mil milhões do empréstimo de 90 mil milhões de euros da União Europeia para concretizar o negócio. Pilotos ucranianos já estão a receber treino para os Gripen, estando previsto que as primeiras aeronaves do acordo comecem a chegar no início de 2027.

TEXTO ANA MEIRELES

A Ucrânia vai comprar 20 novos caças *Gripen* à Suécia e Estocolmo, por seu turno, irá doar a Kiev 16 unidades de um modelo mais antigo desta aeronave fabricada pela Saab no próximo ano, anunciaram ontem o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e o primeiro-ministro sueco, Ulf Kristersson. A Ucrânia atribuiu 2,5 mil milhões de euros do empréstimo de 90 mil milhões da União Europeia para as aeronaves, sendo que as entregas do novo modelo deverão começar a partir de 2030.

“O *Gripen* é a melhor e mais adequada escolha para a Ucrânia. Por isso, hoje, damos o próximo passo importante nesta viagem conjunta”, disse Kristersson numa conferência de imprensa na base aérea de Uppsala, na Suécia. “Precisamos destes caças e, para nós, este é

realmente um novo capítulo na história da Ucrânia”, disse, por sua vez, Zelensky, acrescentando que Kiev pretende comprar todos os 150 caças estipulados na carta de intenções original, assinada pelos dois no ano passado. “Deus nos abençoe, teremos financiamento suficiente para isso”.

De acordo com o primeiro-ministro sueco, as negociações para a aquisição do *Gripen E* estão em curso, com estas aeronaves mais modernas a começarem dentro de quatro anos. Após a Ucrânia finalizar o acordo de compra e a Suécia obter as aprovações de exportação necessárias, prosseguiu Kristersson, Estocolmo irá transferir 16 aeronaves *Gripen C/D* atualmente usadas pela Força Aérea Sueca, estando as entregas previstas para o início do próximo ano. Zelensky confirmou este calen-

dário, adiantando que os pilotos ucranianos já iniciaram os treinos relacionados com os Gripen “há algum tempo”.

Um comunicado conjunto nota que este é “o maior pacote de apoio militar até à data” da Suécia, pois, além da doação dos

“Neste momento, a diplomacia não pode deter a Rússia. Estamos a detê-los com os nossos mísseis de longo alcance”, afirmou o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky.

Gripen C/D, “inclui capacidades de longo alcance, munições, capacidades de guerra eletrónica e apoio à inovação”.

Este acordo com a Suécia vai permitir à Ucrânia ampliar a sua frota de aviões de combate fornecidos pelo Ocidente, que já inclui *F-16* norte-americanos e *Mirage 2000* franceses, com Kiev a ressaltar que continuará a precisar de mais aeronaves para defender as suas cidades e infraestruturas dos ataques diários de mísseis e drones russos.

Kristersson foi questionado se esperava uma reação hostil da Rússia a este acordo, respondendo que tal era “bastante óbvio”. “Sabemos muito bem o que a Rússia pensa dos países que prestam ajuda à Ucrânia, por isso não nos surpreenderia”, afirmou o líder sueco. “Acho que todos os países da nossa região estão muito bem preparados para diferentes reações russas, para ameaças híbridas e todas essas coisas que estão a acontecer, por isso, nesse sentido, isso não muda nada.”

Já Zelensky foi questionado sobre a carta que enviou ao presidente Donald Trump e ao Congresso dos Estados Unidos, na qual pede ajuda com a defesa aérea. “Neste momento, a diplomacia não pode deter a Rússia. Estamos a detê-los com os nossos mísseis de longo alcance e pedimos veementemente aos nossos parceiros americanos que nos ajudem a alocar um maior número de mísseis antibalísticos ou que concedam à Ucrânia licenças para que possa aumentar essa capacidade por si própria.”

Possibilidade que justifica com a guerra no Irão, que complicou o fornecimento de mísseis *Patriot*, dizendo que a Europa “precisa de ter aqui, neste continente, todas as capacidades necessárias para proteção”.

BREVES

Starmer defende-se das críticas de Blair

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, defendeu o seu governo contra as críticas de Tony Blair, dizendo que os seus ministros adotaram as políticas certas para começar a estabilizar o país após um período de instabilidade. “[É uma] situação muito diferente em 2024 em comparação com 1997; e lidando com o que tivemos de reverter, as escolhas políticas foram justificadas por elas, porque essas mudanças aconteceram”, disse Starmer, referindo-se à época em que Blair foi primeiro-ministro. Os dois potenciais candidatos a substituir Starmer na liderança dos trabalhistas – o autarca da Grande Manchester, Andy Burnham, e o ex-ministro da Saúde Wes Streeting – rejeitaram também as críticas de Blair.

Noruega adere ao apoio nuclear da França

A Noruega decidiu aderir à “dissuasão nuclear avançada” proposta pela França aos seus aliados europeus, anunciou o presidente francês, Emmanuel Macron, após um encontro com o primeiro-ministro norueguês, Jonas Gahr Støre. Esta nova postura de Paris foi anunciada por Macron, num discurso proferido no início de março, durante o qual atualizou a doutrina de dissuasão nuclear da França, o único país europeu com armas nucleares, juntamente com o Reino Unido. A esta nova doutrina estiveram inicialmente associados oito países: Reino Unido, Alemanha, Polónia, Países Baixos, Bélgica, Grécia, Suécia e Dinamarca.





Notas geopolíticas: a ordem internacional e as crises do presente

Victor Ângelo

Humanidade e algoritmos: o alerta de Leão XIV ao mundo

Ao publicar a sua primeira encíclica, *Magnífica Humanitas*, o Papa Leão XIV não nos entregou apenas um documento pastoral. Fez um diagnóstico portentoso sobre a natureza do poder nos dias de hoje. Vejo o texto como um importante manifesto geopolítico sobre possivelmente a maior fonte de poder e de conflito neste século XXI: a Inteligência Artificial (IA).

A encíclica vai muito além da tradicional crítica aos Estados e aponta o dedo às megaempresas de tecnologia enquanto verdadeiros atores políticos e militares. Munidas de mundos e fundos, de meios de pesquisa avançados e de uma extraordinária influência política, estas corporações definem agora prioridades estratégicas que ultrapassam a capacidade de decisão dos próprios governos. Fazem-no à margem de qualquer escrutínio democrático.

O Papa é claro nas suas advertências. A IA está a minar a opinião pública através da desinformação à escala global e a esvaziar-nos da nossa humanidade quando delegamos decisões morais a máquinas. Pior ainda: com a proliferação dos Sistemas de Armas Letais Autónomas (SALA), a IA ameaça a própria lógica da guerra, já de si quase sempre um contrassenso ético. Basta olhar para a tragédia de Minab, no sul do Irão. A 28 de fevereiro, um sistema autónomo de seleção de alvos “decidiu” matar 156 pessoas numa escola primária. É mais uma prova da perigosidade e falibilidade destes sistemas. Alibis para os erros? Bancos de dados desatualizados, modelos enviesados por preconceitos e uma estranha incapacidade de ler o contexto no terreno. Existem vários exemplos onde a alegada “precisão cirúrgica” mais não foi que uma carnificina indiscriminada.

Há um detalhe operacional que não escapou ao Vaticano. Estas plataformas operam a uma velocidade que simplesmente retira o tempo necessário aos militares para avaliarem os alvos. Os operadores correm o risco de se tornar simples validadores formais. Ou seja,

invertem-se os papéis: as máquinas viram decisores e os humanos reduzem-se a meros autómatos que clicam no “sim” para aprovar uma escolha feita por um algoritmo. Esta rapidez vertiginosa eliminaria a responsabilidade moral de quem comanda. Aquilo que o Direito Internacional classificaria como um inegável crime de guerra — em Minab, Beirute, Gaza, Kiev e mais — passa a ser cenicamente arquivado como um “erro de programação”. O Papa afirma que, superada a teoria da “guerra justa”, apenas subsiste um direito muito restrito de legítima defesa, com proporcionalidade ética e sob decisão humana responsável.

Perante isto, e porque a encíclica sublinha a centralidade da paz na ONU, volto a insistir numa proposta que faço frequentemente: a urgência de uma revisão profunda da *Carta das Nações Unidas*. A nova versão deve mencionar explicitamente as novas ameaças existenciais e fazer adotar um novo princípio vinculativo que torne obrigatória a solidariedade internacional. Ou seja: o avanço tecnológico tem de servir o progresso humano.

No dia seguinte à publicação da encíclica, aconteceu uma coincidência interessante — o Conselho de Segurança da ONU reuniu-se para debater vários temas, entre eles a gestão da IA. António Guterres, na sua intervenção, sublinhou que as novas tecnologias avançam mais rapidamente do que a nossa capacidade de as gerir o que cria riscos adicionais e ainda desconhecidos para a paz internacional. Contudo, a tónica da reunião — convocada e presidida por Wang Yi, braço-direito de Xi Jinping — foi outra.

Wang anunciou a criação da “World AI Cooperation Organization (WAICO)”, que ficará sediada em Xangai. A justificação oficial avançada pela China parece atraente, é fácil de vender: reforçar o multilateralismo. A realidade, porém, é bem diferente. Trata-se de criar um contrapeso direto ao poder digital Ocidental. Na verdade, é mais um passo na estratégia de Pequim para dominar a nova ordem mundial.

Ficam assim frente a frente duas visões opostas. Visto de Pequim, o futuro constrói-se reforçando de modo implacável o poder do Estado. Para os que pensam como Leão XIV, o foco é a sobrevivência da própria condição humana. Para quem apoia o sistema multilateral, a questão já não é debater qual destas visões está certa. É tentar perceber como é que as frágeis instituições globais vão sobreviver ao choque frontal entre as razões de poder e as razões de humanidade.

Tudo se resume à forma como definimos soberania. A China mantém uma visão estritamente *westphaliana*: o Estado como autoridade soberana última. Mas atenção, isto não é um exclusivo chinês. O realismo geopolítico de Pequim é o espelho exato da doutrina atual na Casa Branca e no Kremlin. Seja a “segurança indivisível” russa, o hiper nacionalismo da Administração Trump, o controlo estatal de Xi Jinping ou o expansionismo securitário de Netanyahu, a premissa é a mesma. Todos reduzem a IA a uma mera ferramenta militar, de espionagem e de contraespionagem, e de controlo. Acreditam, ilusoriamente, que o progresso dos algoritmos gera equilíbrio e segurança. A História prova exatamente o contrário. O realismo despido de valores não garante estabilidade. Conduziu sempre, invariavelmente, à ditadura, à confrontação e à guerra.

Contra esta insensatez, Leão XIV contrapõe a defesa sem ambiguidades do humanismo. Não se trata de ingenuidade de pacifista ou de uma utopia espiritual. É a convicção pragmática de que a arquitetura internacional tem de ser moldada para preservar a vida, e não para alimentar um darwinismo robotizado entre superpotências e outros Estados belicistas.

É por isso que acredito que o verdadeiro impacto da *Magnífica Humanitas* se vai sentir fora do eixo tradicional de poder internacional. No Sul Global, o texto será um manifesto valioso contra o colonialismo digital. E mesmo em sociedades não-cristãs — no mundo islâmico ou na Ásia —, o foco universal na dignidade humana, desprovido de dogmas teológicos, oferece uma plataforma de convergência bastante relevante. Leão XIV deixou um aviso claro: a governação global só terá êxito se nascer de um diálogo que proteja a Humanidade da sua própria desumanização tecnológica.

“

A encíclica vai muito além da tradicional crítica aos Estados e aponta o dedo às megaempresas de tecnologia enquanto verdadeiros atores políticos e militares.”

Conselheiro em Segurança Internacional.
Ex-secretário-geral-adjunto da ONU

Catarina dos Santos-Wintz

“Só quando entrei para o Parlamento é que resolvi a minha dupla identidade portuguesa e alemã”

ALEMANHA De passagem por Lisboa, a deputada da CDU, primeira luso-alemã no Bundestag, falou ao DN sobre os desafios da Alemanha, a necessidade de maior unidade europeia para garantir a segurança do continente e das férias de verão no Algarve com a família materna.

TEXTO HELENA TECEDEIRO, FOTO LEONARDO NEGRÃO

Filha de um alemão e de uma portuguesa, Catarina dos Santos-Wintz nasceu em Lisboa, mas cresceu em Aachen, no estado alemão da Renânia do Norte-Vestefália, junto à fronteira com a Bélgica e os Países Baixos. Eleita para o Bundestag em 2021 e reeleita em 2025, a deputada da União Democrata-Cristã (CDU, o partido de centro-direita do chanceler Friedrich Merz) falou ao DN no final de uma visita a Portugal, onde já não vinha há dois anos. Sentada no alpendre da residência da embaixadora da Alemanha (atualmente Daniela Schlegel), no Restelo, Catarina recordou como a invasão russa da Ucrânia mudou a política de defesa alemã e destacou a necessidade de mais independência – e maior cooperação – na Europa nessa área. A deputada destaca ainda a necessidade de os partidos tradicionais, como a CDU, travarem o avanço da extrema-direita da AfD. Aos 31 anos, a luso-alemã garante ainda que a comunidade portuguesa está bem integrada na Alemanha e recorda os verões passados em Ferragudo, terra da sua família materna. E confessa as saudades da comida portuguesa.

Nos últimos anos, sobretudo desde a guerra na Ucrânia, vimos a Alemanha mais disposta a assumir o seu papel em termos de defesa europeia. Na Alemanha, a invasão russa da Ucrânia em 2022

foi um ponto de viragem que fez os líderes – na altura o chanceler social-democrata Olaf Scholz com o seu discurso *Zeitenwende* – perceberem que o mundo não seria o mesmo e só uma Alemanha mais forte, também militarmente, o pode enfrentar?

Claro que sim. Não só desde essa altura, mas sobretudo depois de 2022 houve uma mudança na política de defesa da Alemanha. Há muitos anos que a Europa – e Alemanha também, claro, tinha a certeza que os Estados Unidos estariam lá para nos proteger. E a Alemanha há muito dependia da energia barata vinda da Rússia. Então, agora, o que é importante para mim é que o apoio à Ucrânia não é apenas solidariedade com Kiev, é também uma questão de

“Daquilo que eu sei do chanceler Merz, ele diz que tem uma grande admiração por Macron, que têm boas conversas. É uma relação muito ao nível do trabalho e se calhar um bocadinho menos para as fotografias.”

segurança europeia. E essa é uma sensação que temos muito na Alemanha – de que se a Ucrânia perder a guerra, a Europa ficará mais vulnerável, política, militar e economicamente. Portanto, para nós, obviamente, é muito importante investimos mais em defesa agora. **Como a guerra no Médio Oriente a impactar na economia e sobretudo na questão energética, como é que a Alemanha está a lidar com este desafio? O debate sobre o nuclear está encerrado de vez?**

Desde o ataque russo à Ucrânia, a Alemanha teve de rapidamente reavaliar a sua política energética; tomámos decisões para nos tornarmos mais independentes. É claro que o fecho das centrais nucleares foi novamente discutido, mas este passo é irreversível. Já no acordo de coligação [entre CDU e SPD] em 2025 estabelecemos que o nosso abastecimento energético deve voltar a ser concebido de forma mais aberta às diferentes tecnologias. Isso inclui os pequenos reatores modulares, que também estão a ser discutidos a nível europeu, como parte da alternativa, bem como a decisão política de investir na investigação sobre fusão. Queremos que a primeira central de fusão seja construída na Alemanha. A guerra no Irão confirma a orientação do Governo federal de apostar em diferentes tecnologias. **Há pouco mais de um ano assistimos à eleição de Friedrich Merz como chanceler. Mas hoje vemos**

o governo da CDU a lidar com algumas dificuldades – desde a fraca recuperação da economia, agravada pelos efeitos da guerra no Médio Oriente até às tensões com os EUA. Apesar dos desafios, a Alemanha continua firme no seu papel de motor da UE?

Sim, queremos ver a Alemanha assumir mais responsabilidade em termos não só de política externa, mas também dentro da Europa, no enquadramento europeu. Mas liderança não significa imposição. Isso é muito importante para nós, significa criar confiança, procurar consensos e avançar com os nossos parceiros e não contra eles. Portanto, queremos mais liderança, sim, mas no enquadramento europeu. E sei que para o chanceler Merz também é importante que seja assim.

A Catarina também é membro da Assembleia Parlamentar Franco-Alemã, num cenário de instabilidade global a UE precisa mais do que nunca do “casal” franco-alemão. Podemos dizer que a relação Merz-Macron tem funcionado?

Sim, acho que está a funcionar e tem de funcionar. Afinal, por razões históricas, temos sempre um grande interesse em manter as relações entre a Alemanha e a França muito estáveis e fortes. Nos últimos tempos, temos também reforçado a relação com a Polónia. Estamos a tentar reativar e reforçar o Triângulo de Weimar. Mas, no fim de contas, claramente é verda-

de que a relação com França para nós é muito importante. E acho que estamos num bom caminho. **Ao longo dos anos, habituámo-nos a ver Adenauer e De Gaulle, Willy Brandt e Pompidou, Mitterrand e Kohl, Schroedere e Chirac, a chanceler Merkel e Chirac, Sarkozy, Hollande e Macron. Agora temos o chanceler Merz e o presidente Macron. Como vê a relação entre os dois?**

Bem, houve outros momentos na história em que as relações franco-alemãs ficavam muito bem nas fotografias. Mas daquilo que eu sei do chanceler Merz, ele diz que tem





uma grande admiração por Macron, que têm boas conversas. É uma relação muito ao nível do trabalho e se calhar um bocadinho menos para as fotografias.

A Catarina cresceu em e foi eleita por Aachen, cidade ligada a Carlos Magno e símbolo de unidade e concórdia europeia. Hoje os líderes europeus deveriam aprender com a História e trabalhar para essa unidade?

Sim, sem dúvida! Isso fica mais evidente no exemplo da defesa europeia. É claro para todos os envolvidos que uma defesa europeia só poderá ser eficaz se deixarmos de

adquirir tudo individualmente, enquanto Estados-nação, e de tentar depois encaixar as competências individuais como se fossem peças de um *puzzle*. Uma aquisição conjunta com normas uniformes e mais cooperação seria muito mais eficaz nesse sentido. Isto pode ser aplicado a quase todas as áreas. Mesmo que as relações com os EUA enfrentem atualmente alguns desafios, isso tem também o aspeto positivo de nos fazer perceber: somos tão fortes quanto estamos unidos.

Foi eleita pela primeira vez para o Bundestag em 2021 e reeleita no

ano passado. Como tem sido essa experiência?

Eu nunca planeei ir para a política, nem seguir esta carreira. Portanto não tinha uma ideia muito definida do que podia acontecer no Parlamento. E até agora considero um grande privilégio poder trabalhar para um dos meus dois países. Entrei no Parlamento na fase da covid e foi uma experiência diferente da que qualquer deputado já tinha tido. Mas, claro, nestes anos aconteceram muitas coisas. No início de 2022 começou a guerra na Ucrânia, mas já antes disso, na campanha para 2021 tivemos as cheias na Alemanha. Depois o ataque do Hamas a 7 de outubro de 2023, a situação com os Estados Unidos, etc. Vai sempre haver coisas novas a acontecer e novos desafios, portanto o melhor a fazer é trabalhar sempre em políticas que sejam positivas para as pessoas e para o nosso país.

Uma das diferenças hoje em relação a quando entrou para o Parlamento é o grande aumento da bancada do partido de extrema-direita AfD. Isso também colocou desafios novos?

O fenómeno da extrema-direita é um que vemos em quase todos os países da Europa e em muitas partes do mundo, portanto, não é um problema só alemão, ou só português, ou só europeu. Mas é verdade que na Alemanha vimos a bancada da AfD duplicar em número de 2021 para 2025. É uma coisa assustadora. Mas nós temos eleições democráticas na Alemanha, é o eleitorado a votar, e temos de nos preocupar sobretudo com as razões que levam as pessoas a votarem. Temos de nos focar no nosso trabalho, que devia ser resolver os problemas das pessoas e falar de uma maneira que crie confiança. Obviamente, temos tido problemas com isso, mas tenho a certeza que a maioria das pessoas não é da extrema-direita. É frustração, é também ainda um pouco um voto de protesto, mas também é a perda de confiança nos outros partidos. É isso que temos de discutir e trabalhar é que é a solução.

Quando olhamos para o mapa dos resultados eleitorais, a AfD é muito forte no Leste da Alemanha. Mas o fenómeno é bastante mais geral?

Em todas as áreas, a todos os níveis. Às vezes falamos só da Alemanha de Leste, onde obviamente é um tema e a AfD está muito bem nas sondagens, mas é a Alemanha como um todo que tem este problema.

“O que a Alemanha pode aprender com Portugal tem talvez a ver com a mentalidade. Mas também em relação à forma como Portugal está a lidar, por exemplo, com a digitalização, em termos de modernização das estruturas de Estado.”

Desde 2022, é também Conselheira da Diáspora Portuguesa. Que retrato faz da comunidade portuguesa na Alemanha e quais os seus desafios?

Eu digo sempre, com muito gosto, que também sou deputada dos portugueses na Alemanha. Porque sou a única. Portanto espero que mais colegas se venham juntar a mim neste desafio. Eu acho que a comunidade portuguesa na Alemanha é uma comunidade muito bem integrada, muito dedicada ao trabalho, à família, à vida no país, que tem ótimos empregos e que tem ainda uma boa dinâmica conjunta. É uma pena, por exemplo, que os centros portugueses sejam sempre menos do que deviam, mas isso não é um problema alemão, é um problema que temos em todas as partes onde há comunidade portuguesa. Eu, como Conselheira da Diáspora Portuguesa, tento sempre manter o contacto com a Embaixada, que faz um excelente trabalho em Berlim, mas também com a Embaixada da Alemanha aqui em Lisboa. E fico muito feliz ao ver isso.

Nasceu em Lisboa mas cresceu em Aachen, com um pai alemão e uma mãe portuguesa. Como foi lidar com essas duas culturas em casa?

Sim, cresci ao pé de Aachen. Como sempre vivi na Alemanha, claramente falo melhor alemão do que português, andei na escola alemã, nunca fui à escola portuguesa. Para mim enquanto crescia, e sobretudo ali pelos 13, 14 anos, que é uma fase um bocadinho mais difícil, sempre tive de lidar com o tema da minha identidade – que percentagem de mim é portuguesa, que percentagem é alemã. E acho que muitas crianças que têm dupla nacionalidade conhecem estas questões. Não é que fosse uma

questão que todos os dias me bloqueasse ou na qual pensasse a toda a hora, mas a verdade é que só quando entrei para o parlamento é que senti que resolvi a minha identidade. O que é impressionante. Aconteceu porque tive sempre o privilégio, desde o primeiro dia, de ser responsável para Portugal. O que é surpreendente numa primeira legislatura. Mas eles sabiam que eu era a única deputada que falava português e eu insisti que queria ser responsável e ter o privilégio de trabalhar com as instituições portuguesas, com a embaixada, viajar para Portugal. Para mim, resolveu completamente essa... não é uma crise identitária, mas foi sempre uma questão ao crescer na Alemanha. Portanto, hoje posso dizer que sou ambos – sou portuguesa e alemã. Mas obviamente, na parte da pontualidade, sou um bocado mais alemã [risos].

A sua família materna é do Algarve, de Ferragudo, quando era pequena havia férias em família em Portugal

Ah, sempre, sempre. Passava sempre o verão em Portugal. Ainda hoje venho sempre que posso. Por isso estes dois anos que estive sem cá vir agora foram o período mais longo da minha vida sem visitar. Não vou repeti! Foi um privilégio poder passar os verões com a minha família, com primos da minha idade, a dormir na areia. E tive muitas saudades da comida portuguesa. Fico muito feliz de voltar.

Para terminar, o que é que Portugal pode aprender com a Alemanha? E o que é que a Alemanha pode aprender com Portugal?

Eu acho que há sempre possibilidade de aprender uns com os outros. O que a Alemanha pode aprender com Portugal tem talvez a ver com a mentalidade. Mas também em relação à forma como Portugal está a lidar, por exemplo, com a digitalização, em termos de modernização das estruturas de Estado. É uma área em que Portugal está muito avançado. Em tudo o que tem também a ver com inovação. O ambiente de startups em Portugal está muito avançado. Esses são alguns dos exemplos em que acho que a Alemanha pode aprender com Portugal. Quanto ao que Portugal pode aprender com a Alemanha, diria que é como se trabalha com estruturas muito estáveis, com eficácia, com eficiência, que é algo que temos na Alemanha. Mas há sempre muitos exemplos de setores em que podemos aprender uns com os outros.

P&R

O filósofo de esquerda, 'El Tigre' ou a neta do antigo presidente. Quem vai suceder a Petro na Colômbia?

ELEIÇÕES Iván Cepeda, Abelardo de La Espriella e Paloma Valencia são os três candidatos mais bem colocados. Mas nenhum vai conseguir a vitória à primeira volta, devendo ser necessária nova ida às urnas a 21 de junho para decidir.

TEXTO SUSANA SALVADOR

Quem são os candidatos às eleições presidenciais na Colômbia?

Há 11 candidatos às eleições presidenciais colombianas, mas as atenções estão focadas em apenas três. O ativista de direitos humanos, filósofo e senador Iván Cepeda, da coligação de esquerda Pacto Histórico, quer continuar o trabalho do presidente Gustavo Petro. Segundo as sondagens, o candidato de 63 anos será o previsível vencedor da primeira volta, neste domingo. Mas tem vindo a perder terreno para o milionário advogado de extrema-direita Abelardo de la Espriella, conhecido como "El Tigre", que se apresenta pelo movimento Defensores da Pátria e vai a votos pela primeira vez na vida. Admirador dos presidentes Donald Trump (EUA), Javier Milei (Argentina) e Nayib Bukele (El Salvador), o *outsider* de 47 anos é o mais bem colocado para chegar à segunda volta, a 21 de junho. A direita tradicional apostou na congressista Paloma Valencia, de 50 anos, neta do antigo presidente Guillermo León Valencia (1962-66) e conta com o apoio do popular antigo presidente Álvaro Uribe. Mas as sondagens não são favoráveis à candidata da coligação Grande Consulta pela Colômbia.

O que dizem afinal as sondagens?

A última, feita pelo Centro Nacional de Consultoria para a revista *Cambio* e divulgada uma semana antes da ida às urnas, mostra um empate técnico entre Cepeda e De la Espriella, com nenhum deles a chegar aos 50% necessários para evitar uma segunda volta. O primeiro surge com 33,4% das intenções de voto, enquanto o segundo tem 30,9%. A diferença de 2,5 pontos percentuais está dentro da mar-



IVÁN CEPEDA

O ativista de direitos humanos, filósofo e senador de 63 anos é candidato do Pacto Histórico (esquerda).

gem de erro, de 3%. Na sondagem anterior do mesmo centro, do início de maio, o candidato da extrema-direita tinha 20,4%, o que significa que cresceu mais de dez pontos percentuais em menos de um mês. Já Cepeda caiu 3,8 pontos no mesmo período (tinha 37,2%). Valencia surge com apenas 12,6% das intenções de voto (também caiu três pontos), parecendo estar afastada da corrida, mas noutras sondagens surge mais próxima de De la Espriella e a expectativa da sua candidatura é que possa surpreender. Os outros candidatos estão todos abaixo dos 2,5%.

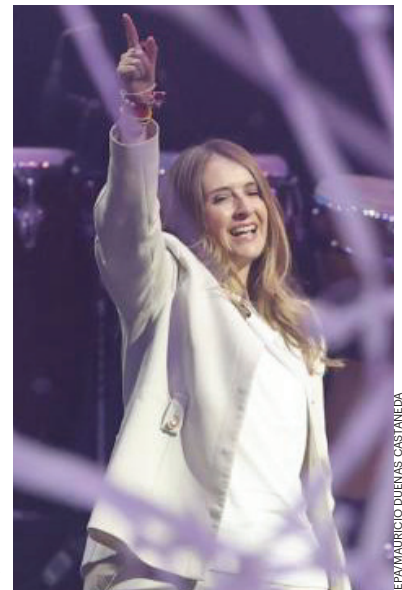
Nesse cenário, quem poderá ganhar na segunda volta?

A mesma sondagem para a re-



ABELARDO DE LA ESPRIELLA

O advogado de 47 anos, conhecido como "El Tigre", é o "outsider". Representa o Defensores da Pátria, da extrema-direita.



PALOMA VALENCIA

A congressista de 50 anos, da coligação Grande Consulta, representa a direita e tem o apoio do antigo presidente Uribe.

Sondagens dão a vitória a Iván Cepeda, de esquerda, mas Abelardo de la Espriella, da extrema-direita, tem vindo a crescer nas últimas semanas e surge dentro da margem de erro.

vista *Cambio* coloca Cepeda à frente num eventual duelo com De la Espriella a 21 de junho, mas dentro do empate técnico – 43,6% contra 40,9%. Contudo, tendo em conta que o candidato da extrema-direita tem estado a crescer, nada é certo. Outra sondagem, feita há mais tempo para a revista *Semana*, dá-lhe a possível vitória, por exemplo, com 44% contra 40,4%. Numa hipotética luta entre Cepeda e Valencia, a diferença é ainda menor (1,7 pontos) a favor do candidato de esquerda, que surge com 40,8% contra 39,1% para a conservadora.

Mas afinal quem é Iván Cepeda e o que defende?

Filho de militantes comunistas,

Cepeda viveu vários períodos no exílio, passando pela então Checoslováquia, Bulgária, Cuba e França. Liderou os apelos por justiça das vítimas dos crimes perpetrados pelo Estado, depois de o seu pai, na altura senador, ter sido morto em 1994 numa operação coordenada entre o exército e os esquadrões paramilitares de direita. Ex-congressista, o senador é apelidado pelos adversários de "herdeiro das FARC", depois de ter sido chave nas negociações de paz com a guerrilha em 2016. Esteve por detrás do processo contra o antigo presidente Uribe, que seria condenado a 12 anos de prisão domiciliária por manipulação de testemunho antes de ver re-

vogada a sentença. Após ter ganho as primárias do Pacto Histórico com 65% dos votos, apostou pela continuidade do “primeiro governo de mudança” de Petro, o ex-guerrilheiro que chegou ao poder em 2022 (não há reeleição na Colômbia) e cuja aprovação está nos 49,1%, ao mesmo tempo que se tenta afastar dos escândalos de corrupção do seu governo. A sua candidata a vice-presidente é a senadora indígena Aida Quilcué, de Cauca. Se for eleito presidente vai contar com uma maioria nas duas câmaras do Congresso, após as eleições legislativas de 8 de março.

E de onde veio o desejo de Abelardo de la Espriella para entrar na política?

O advogado milionário de 47 anos lançou-se na política com o anúncio da candidatura à presidência, há dois anos, mas não é um estranho nestes meandros – devido aos clientes de alto perfil que defendeu, entre eles o antigo presidente Uribe. E também não é um total desconhecido, apesar de viver em Miami antes disso, tendo editado várias covers de músicas em espanhol e italiano e lançado uma marca de roupa. Autointitula-se “El Tigre”, uma alcunha que surgiu de forma espontânea nas redes sociais depois de Uribe ter dito um dia que o seu partido estava à espera de um tigre para liderar as presidenciais. O partido do ex-presidente apostou na candidatura de Valencia, mas a alcunha pegou. O seu candidato a vice-presidente é José Manuel Restrepo, que foi ministro das Finanças de Iván Duque.

Qual foi o principal tema da campanha?

A violência é uma das grandes preocupações dos colombianos. O problema é crónico, com o diálogo com grupos terroristas e criminosos a criar inúmeras dissidências e outros grupos que controlam mais território e entram em choque uns com os outros. Em 2025, houve um assassinato a cada 38 minutos, segundo os dados oficiais. Cepeda insiste na ideia de “paz total” de Petro, segundo a qual a violência tem causas sociais e não se resolve apenas com a força, mas com diálogo e políticas sociais. Em relação ao narcotráfico, propõe a legalização da coca, para tirar uma fonte de rendimento aos grupos armados. De la Espriella, que fez campanha ro-

deado de seguranças e com colete e vidro à prova de bala, não vai buscar a Bukele apenas o estilo de barba: quer construir 10 megaprisões na Colômbia e defender uma abordagem militarizada ao tráfico de droga, com ataques a aviões e barcos suspeitos (ao estilo dos EUA) e a fumação das plantações de coca. Valencia, crítica tanto do acordo de paz com as FARC de há dez anos como a “paz total” de Petro, propondo um Plano Colômbia 2.0 (numa referência à iniciativa contra o narcotráfico que existiu com o apoio dos EUA até 2016). Quer contratar mais 60 mil polícias e militares e aumentar o orçamento para a segurança.

E que outros temas foram discutidos?

A crise na saúde e a corrupção também marcaram a campanha, este último tema pelas denúncias a envolver membros do governo de Petro. Na saúde, o problema prende-se com a falta de medicamentos, além dos atrasos em conseguir consultas. Neste âmbito, Cepeda quer reverter a privatização do setor e defender o sistema público, mas o Senado até agora tem rejeitado a proposta de Petro no mesmo sentido. Vê a saúde como um direito fundamental e não um negócio. De la Espriella quer maior controlo sobre o que os privados fazem com o dinheiro do Estado, pondo o paciente no centro do sistema.

E, no final, quem vai eleger o sucessor de Gustavo Petro?

Há 41,4 milhões de eleitores colombianos, sendo que os que estão no estrangeiro tiveram uma semana para votar (desde segunda, 25, até ao domingo). Os eleitores votam na dupla formada pelo presidente e pelo vice-presidente, com a foto de ambos a surgir lado a lado no boletim de voto, assim como o quadrado onde têm que colocar a cruz. No sorteio dos lugares onde cada dupla aparece, Cepeda foi o mais beneficiado, surgindo no primeiro lugar, no canto superior esquerda, com De la Espriella (que na foto está a fazer continência) a surgir logo abaixo, sendo o primeiro da segunda linha. Valencia perde-se no meio de todos. O boletim de voto tem não só os 11 candidatos oficiais, como outros três que entretanto desistiram (todos a favor do candidato da esquerda).



David Sánchez (ao centro) e outros dez arguidos começaram a ser julgados em Badajoz.

Aliados aumentam pressão sobre Sánchez

ESPAÑA Sumar e Junts querem mais explicações do PSOE, PNV pede eleições. Primeiro-ministro pediu para ir falar ao Congresso.

TEXTO ANA MEIRELES

O Sumar, parceiro de coligação do PSOE no governo, já não esconde o seu incômodo com a sucessão de escândalos e investigações a envolver figuras socialistas, desde o ex-primeiro-ministro José Luis Zapatero às buscas desta quarta-feira à sede do partido por causa de uma alegada trama (que envolve antigos e atuais dirigentes) criada para “desestabilizar de forma sistemática” as ações judiciais que afetam o PSOE e o governo.

“Isto é demasiado grave. A política não é a vergonha que testemunhamos diariamente no nosso país, independentemente da sua origem. A política não se resume a antigos primeiros-ministros, sejam eles quem forem, a fazer o que, alegadamente, parece que todos fazem”, disse ontem a vice-presidente do governo e ex-líder do Sumar, Yolanda Díaz.

O ministro da Cultura e porta-voz do Sumar, Ernest Urtsun, exigiu que os socialistas deem mais explicações sobre a nova investigação. “As novas informações são graves e acreditado sinceramente que o PSOE

precisa de estar ciente de que deve fornecer mais explicações”, disse Urtsun à TVE. Mesmo assim, este dirigente do Sumar defendeu que está em curso uma operação para “deitar abaixo” o governo e que uma governação de direita não resolverá “nada”.

O Junts, através do deputado Josep Maria Cruset, exigiu que Sánchez explique no Congresso os processos que o envolvem, classificando-os como uma situação “absolutamente excepcional” e muito grave, tendo ainda afirmado que o PSOE está “apavorado” com a possibilidade de eleições antecipadas – algo que o primeiro-ministro rejeitou na quarta-feira.

David Sánchez, que enfrenta uma pena de três anos de prisão, viu o Ministério Público pedir em tribunal que lhe seja retirada uma das acusações.

Respondendo aos apelos de esclarecimentos, Sánchez solicitou ontem comparecer no Congresso para abordar os escândalos do PSOE, pretendendo usar a ida que já tinha agendada para falar sobre o Conselho Europeu de junho.

O líder do Partido Nacionalista Basco (PNV), Aitor Esteban, que apoia o governo do Congresso, repetiu ontem o que já tinha dito há dias – “a legislatura chegou ao fim” e o “interesse geral” exige a convocação de eleições ainda este ano –, mas garantiu que não estão a considerar avançar ou apoiar uma moção de censura.

Ontem voltou a ser notícia outra dor de cabeça judicial de Sánchez, com o início do julgamento do seu irmão (e outras 10 pessoas) por alegadas irregularidades na criação e atribuição a David Sánchez, em 2017, de um alto cargo Conselho Provincial de Badajoz. Este primeiro dia ficou marcado por uma boa notícia para o irmão do líder socialista – que enfrenta uma pena de três anos de prisão – ao ver o Ministério Público pedir que se lhe seja retirada uma das acusações.

Carla Pais

“Gosto de resgatar as pessoas que ficam para trás, que ninguém quer ver”

LITERATURA Escritora recebe o Prémio Leya 2025 pelo romance *A Sombra das Árvores no Inverno* amanhã, numa cerimónia na Feira do Livro de Lisboa. Em março lançou o livro de poesia *A Brutalidade do Movimento Conjugado*. “Eu não sei se sou poeta, se sou romancista. Sou uma mulher de emoções”, diz em entrevista ao DN.

TEXTO CARLA ALVES RIBEIRO

A autora de *A Sombra das Árvores no Inverno* venceu o Prémio Leya 2025 pela “elegância da escrita” e o “trajeto íntimo e social das personagens, situações problemáticas e convulsas de candente atualidade na Europa”, destacou o júri presidido por Manuel Alegre quando Carla Pais foi anunciada como vencedora, no dia 19 de novembro do ano passado. O livro chegou às livrarias a 28 de abril e amanhã decorrerá a cerimónia de entrega do prémio, na Feira do Livro de Lisboa.

Natural de Leiria, Carla Pais, que vive e trabalha em França desde 2012, escreveu também *Um Cão Deitado à Fossa* (2022, Porto Editora), distinguido com o Prémio SPA para o melhor livro de ficção narrativa em 2023, e *Mea Culpa* (2017, Porto Editora), além dos livros de poesia, *A Instrumentação do Fogo* (Prémio de poesia Francisco Rodrigues Lobo 2017) e *A Brutalidade do Movimento Conjugado* (2026, The Poets and Dragons Society).

O que a levou a escrever *A Sombra das Árvores no Inverno*?

Foi o facto de, entre 2015 e 2018, eu me estar a aperceber que havia uma grande confusão entre duas palavras, refugiado e terrorista, que não querem dizer de todo a

mesma coisa, e, no entanto, estávamos a normalizar qualquer coisa que não pode ser normalizada, que é a desumanização do outro. Há vidas, e é preciso não esquecer isso, que cada pessoa é uma pessoa, é única, tem uma história própria.

Qual foi a primeira personagem deste livro que lhe apareceu?

Foi a Nádia. A Nádia aparece porque juntamente com este fenómeno havia um paradoxo terrível a que estávamos a assistir na Europa. Enquanto estávamos a desumanizar os refugiados que vinham à procura de uma mão amiga que os amparasse, estávamos ao mesmo tempo a assistir a um fenómeno que era os nossos jovens europeus a abandonar a sociedade que nós estávamos a

construir para eles, para irem lutar por uma causa que não era a deles. Como é que se compreende isto? A Nádia nasce disto, como é que uma mãe que educa um filho sobre os princípios que ela defende e, de repente, se vê numa situação daquelas, de perder um filho para uma guerra terrorista, para o jihadismo, quando ela nunca defendeu aquilo? Era todo esse contexto global que estávamos a viver e que tinha muitas frentes a acontecer ao mesmo tempo. Eu coloco-me na pele de uma mãe assim, eu tenho dois filhos, poderia ter acontecido comigo. Se me acontecesse aquilo a mim, como é que eu iria reagir? Como é que as coisas se passariam? Foi nesse exercício de tentar compreender aquela mãe e de me colocar no lugar de uma dessas mães que nasceu a Nádia.

Enquanto emigrante em França, lida com pessoas dessas diferentes comunidades que retrata no livro?

Estas personagens não têm a ver com pessoas com quem me relaciono no meu dia-a-dia, mas têm a ver com uma observação permanente daquilo que acontece à minha volta. Víamos imagens tão perturbadoras, daquelas crianças sírias que atravessavam o mar com os pais, perdiam os pais, era um drama terrível e, portanto, não



Carla Pais emigrou para França em 2012.



A SOMBRA DAS ÁRVORES NO INVERNO

Carla Pais
Leya
288 páginas

podia compreender como é que o ser humano conseguia estar completamente abstraído daquela dor, daquelas imagens. Eas personagens foram surgindo naturalmente.

Como é que a Carla se coloca na pele dos personagens? Qual é o seu processo?

É sempre quando estou a escrever, há uma frase, há uma ideia, pode haver um poema, alguma coisa que me leve para algum lado. E depois eu meto-me assim numa

espécie de uma bolha, fecho-me aqui no escritório com os meus phones, ouço sempre música clássica. E aquilo transporta-me para um outro mundo. E como eu estou completamente vazia e desconectada de tudo, é-me fácil, aos poucos, ir integrando, ir jogando com o papel daquele personagem. Há personagens tão fortes que eu posso sentir aquelas dores. Lembro-me quando estava a escrever uma das cenas da Aisha, quando ela mete os meninos na



cabana, de ter chorado. De ter chorado porque eu sabia que aquela mãe não ia voltar para aqueles filhos. Eu sabia que aquelas crianças iam ficar órfãos. E chorei enquanto mãe. Não eram os meus filhos, mas podiam ser. É um processo muito orgânico.

A história de uma das famílias passa-se na Síria, houve algum trabalho de investigação?

Poderia ter sido o caso, mas não foi. Porque eu já viajei muito para os países do Médio Oriente e eu

conheço a cultura, conheço as pessoas. Eu estava perfeitamente à vontade para poder retratar tudo o que vi e tudo o que vivi lá. Normalmente, eu falo de temas onde me sinto à vontade para falar. O território que eu vou buscar é sempre alguma coisa com a qual eu já tive algum contacto. Porque, senão, eu não sei se seria capaz de deixar alguma coisa de mim no livro.

Quanto tempo demorou a escrever *A Sombra das Árvores no Inverno*?

Este demorou muito tempo, eu demorei entre cinco a seis anos, porque houve uma altura em que o livro quebrou. Eu cheguei a uma parte do livro em que não conseguia escrever mais, porque ele era complexo, ele era difícil, provocou-me emoções muito fortes e, portanto, estive ali um ano, um ano e pouco, que não conseguia escrevê-lo. E depois eu ia de férias, levava o computador, conseguia escrever ali qualquer coisa, mas aquilo não desbloqueava totalmente. Há uma parte, que tem que ver mais com as crianças – porque era uma coisa que me tocava muito, de forma particular –, em que o meu cérebro bloqueou. E então, porque eu queria mesmo acabar o livro, decidi ir uma semana para fora, fechei-me numa casa sozinha e é como se tivesse desconfinado todas aquelas personagens, ‘agora somos só nós e isto vai ter que acontecer e vamos ter que acabar o livro’, e aquela desconexão total do mundo permitiu-me acabá-lo.

A prosa neste romance é muito poética. A poesia é importante para a sua escrita?

Isso depende do meu estado de espírito. Às vezes, preciso de escrever muita poesia. Por exemplo, eu lancei há pouco tempo um livro de poesia, saiu agora em março. Eu não sei se sou poeta, se sou romancista. Sou uma mulher de emoções e, portanto, quando eu sinto alguma coisa, ela tem que sair. Depois, não sei qual é a forma como ela vai sair. Às vezes, pode-se escrever um poema e depois aquilo vai ser um romance. Mas o que eu sei é que a língua é uma arma poderosa que eu tenho à minha disposição e que eu aprendi, de alguma maneira, a usar e a trabalhar e a lutar para falar daquilo que eu sinto e daquilo que eu acho que não está bem.

Há muito “inverno” nos seus livros. São temas duros, difíceis.

Quer que as pessoas se confrontem com esse lado mais negro da

vida, com as emoções que ficam “escondidas na arca”, como escreve algumas vezes neste romance?

O que eu acho é que a literatura e, sobretudo, a língua, pode ser uma arte de resgate. Porque a humanidade, como eu a vejo, é uma força em movimento. Vamos todos num comboio e há pessoas que ficam para trás e a literatura tem que ser isto: tem que haver alguém que diz alto, há pessoas que ficaram para trás e é sobre essas pessoas que eu quero escrever. Eu não quero que ninguém fique para trás, porque a humanidade não pode fazer sentido se deixarmos pessoas para trás. É isso que eu tento fazer. É essas pessoas que muitas vezes ficam para trás e que ninguém quer ver e que são quase os invisíveis da sociedade que eu gosto de resgatar. É preciso falar dessas pessoas, porque elas existem enquanto pessoas.

Disse numa entrevista que se sentia envergonhada com o discurso público instalado em Portugal sobre a imigração...

O que eu vejo agora não é o povo que eu conheço e não é o povo que eu defenderei sempre. E essa não é a minha língua. O que me entristece é a pobreza do discurso político, o nível tão baixo a que chegámos para falar de política. Política inclui a sociedade, não é? Falamos de pessoas. Eu hoje tenho a capacidade e a possibilidade de poder comparar, eu ouço um debate político aqui em França e ouço um debate político em Portugal e eu quase que sinto vergonha, porque o meu país é muito mais do que aquilo. Nós temos uma língua riquíssima, nós temos um país que poderia ser quase exemplar em determinadas questões e não, estamos a regredir. É por isso que eu tenho vergonha, porque eu achei que ia haver um progresso, e o que eu estou a ver é um retrocesso.

O que é que a levou a começar a escrever e a participar em concursos literários?

Ir para França deu-me a capacidade de olhar para o meu país de uma forma diferente. Esse distanciamento permitiu-me ver coisas que eu não conseguia ver estando lá. Quando chego, a minha prioridade é acompanhar os meus filhos e aprender a língua. E, então, além de estudar o francês à noite, fui trabalhar em limpezas, trabalhar com vários tipos de pessoas, velhotes, pessoas que trabalhavam na bolsa, que trabalhavam no mundo do espetáculo... Eu tinha vários tipos de personagens ali à

“Muito cedo, mais do que identificar aquilo que eu queria, eu identifiquei aquilo que eu não queria. E andei sempre em contracorrente (...) No meu percurso, nada poderia prever que eu viesse a ser escritora.”

minha volta. E todos eles tinham um denominador comum, que era, quando eu chegava, primeiro, tratavam-me sempre pelo meu nome. E, depois, a primeira coisa que faziam era convidar-me para beber um café e comer umas bolachas. Nunca me deixavam começar a trabalhar sem partilharem o café da manhã comigo. E isso não acontecia em Portugal, nunca. Quando em Portugal vais trabalhar para a casa de determinadas pessoas, trata-se sempre as pessoas por doutora, não é? Aqui não há doutor. Doutor é um médico. Foi uma coisa que me agradou imenso, e isso começou a trabalhar na minha cabeça. E em 2014, estava de férias em Portugal, estava a ler um livro da Hertha Müller, que era *Já então a Raposa era o Caçador*, e aquele livro mostrou-me que, de facto, a língua tem um poder brutal e que se pode fazer com a língua imensas coisas, mesmo retratar o horror. A Hertha Müller permitiu-me ver que a literatura podia ser diferente. E, na altura, eu tinha visto que havia um prémio literário a ocorrer na Madeira para um conto. Decidi tentar, concorri e, depois, quando cheguei de férias, uma semana depois, eles ligaram-me da Madeira para dizer que eu tinha ganho o prémio.

Nunca fez nada do que esperavam desí?

Sim, porque eu venho do meio rural, e uma criança nos anos 1980 que cresce numa aldeia, tendo aquela aldeia uma igreja e uma escola primária, não precisa de mais nada, porque aqueles são os pilares da educação patriarcal, a educação é vertical, o poder vem de cima para baixo e não há mais nada. E o que acontece é que, muito cedo, mais do que identificar aquilo que eu queria, eu identifiquei aquilo que eu não queria. E andei sempre em contracorrente. Quando a sociedade me preparava para um padrão, eu disse, este

padrão não é o que eu quero seguir. E fiz tudo ao contrário. Quando a sociedade me dizia, olha, agora tens que ir estudar para fazeres como faz toda a gente, eu disse, não, eu agora não vou estudar, eu agora quero amar, eu agora quero ser mãe, eu agora quero fazer outra coisa. Quando a sociedade me dizia, tu agora queres ser mãe, muito bem, agora vais trabalhar, tens que educar os teus filhos, eu disse, eu vou educar os meus filhos, mas eu não vou trabalhar, eu agora vou voltar para a escola. E foi sempre assim a minha vida. E foi isso que me permitiu criar a minha liberdade, que é o que eu mais defendo hoje. A liberdade de poder escolher o meu caminho sem seguir padrões ou sem seguir massas. Eu faço o que eu quero, quando eu quero, e assumo as consequências. Tenho a perfeita noção das decisões que tomo e assumo as consequências, como assumi em toda a minha vida. Mas essa liberdade é qualquer coisa que eu não posso nunca negligenciar.

O que significa para si ganhar o Prémio Leya?

Ganhar o Prémio Leya permitiu-me ter visibilidade, que eu ainda não tinha. Permitiu que a minha obra chegasse a muito mais leitores e que o meu nome se posicionasse de uma forma diferente no mercado literário.

Este prémio literário surpreendeu a sua família?

Ainda ninguém percebe o que é que se passou. Porque, como é evidente, no meu percurso, nada poderia prever que eu viesse a ser escritora. A minha família é muito pequena, sou eu, o meu irmão e os meus pais. Ainda agora, por exemplo, a Câmara de Leiria decidiu condecorar-me com a medalha de mérito na categoria de bronze para a cultura. Eu decidi, ‘vou lá, é uma coisa tão bonita’, e então disse à minha mãe, ‘no dia 22 de maio eu vou estar aí, preparem-se para irem ao teatro para assistirem à cerimónia’. A minha mãe só chorava, era o orgulho a falar, mas eles não compreendem como é que eu cheguei aqui.

Está a escrever um novo livro?

Estou a escrever um novo livro, não sei sobre o que vai ser, sei apenas que eu tenho uma velha na minha cabeça que fala latim. Agora, o que esta velha vem dizer, eu ainda não sei. Sei que ela foi resgatar uma língua morta e que tem alguma coisa para dizer, mas mais do que isto não posso avançar, porque é muito prematuro.



Map (1961), o mapa dos Estados Unidos com pinceladas calculadas e letras.

Jasper Johns. Precursor da 'Pop Art' em retrospectiva no Guggenheim de Bilbao

EXPOSIÇÃO *Jasper Johns: Night Driver* mostra a trajetória de um dos artistas de referência da segunda metade do século XX. É possível ver obras marcantes dos anos 1950, com bandeiras, alvos e mapas, assim como a sua produção ao longo das décadas seguintes, até ao último quadro que pintou, em 2020.

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO**

O artista norte-americano, hoje com 96 anos, rompeu nos anos 1950 com o expressionismo abstrato de Jackson Pollock ou Willem de Kooning, produzindo um conjunto de obras que deslocaram a atenção das emoções do pintor para a imagem e a sua materialidade. Ao gesto livre dos expressionistas, Jasper Johns res-

pondeu com a pincelada calculada e a representação de objetos e símbolos já conhecidos. Jasper Johns não se queria ver nas suas telas. Surgem então as obras com bandeiras, mapas, números, letras e alvos, algumas das quais podem ser vistas na exposição *Jasper Johns: Night Driver*, a retrospectiva que o Museu Guggenheim de Bilbao lhe dedica. Abre

hoje ao público e estará patente até 12 de outubro na cidade espanhola do País Basco, mostrando a trajetória deste artista de referência da arte do século XX, precursor da Pop Art, Arte Conceptual e Minimalismo.

“O trabalho de Johns é muito sobre a representação e a percepção, é um trabalho muito diferente do que se fazia nos Estados

Unidos quando aparece o Expressionismo Abstrato, que é uma pintura gestual sobre a identidade das pessoas, sobre o seu próprio pensamento, e Johns é um artista que é muito frio, ele gostava muito de Duchamp e Magritte, ele foi amigo de Duchamp e colecionava obras de Magritte”, sublinha Enrique Juncosa, o curador desta exposição.

Tudo começou com a obra *Flag* (1954-1955), que não está na mostra, em que ele representa a bandeira dos Estados Unidos. “Ele sonha que está a pintar a bandeira, é uma obra muito conhecida, e rompe com as obras que ele tinha até então. Ele pensa que encontrou o que queria, e então pinta as bandeiras, os alvos, os números, os mapas e as letras também”.

As bandeiras seriam recorrentes na sua obra e em Bilbao estão expostas *Flag on Orange Field* (1957), *Flags* (1965) e *Flags* de 1987. As bandeiras são abstrações e não símbolos políticos, pois o que interessava a Johns era a lógica interna da própria pintura. Por exemplo, na obra *Flags* de 1965 há um interessante jogo de percepção. A obra, que está na capa do catálogo que acompanha a exposição, representa uma bandeira americana mas em verde, preto e laranja, com um ponto branco no centro, e outra bandeira por baixo em cinzento com um ponto negro no meio. O espetador, ao olhar para o ponto branco durante um tempo e deslocando o olhar para o ponto negro, vê a bandeira cinzenta ga-

nhar cor – o azul e o vermelho aparecem surpreendentemente.

Estas obras estão numa primeira sala que reúne sobretudo as obras mais antigas pelas quais Jasper Johns ficou conhecido, dos anos 1950 e 1960, e onde se podem ver também *Drawer* (1957), *False Start* (1959), *Map* (1961) *0 Through to 9* (1961) ou *Target* (1961) em que representa mapas, números e alvos e coloca objetos físicos nas pinturas, como régua (*Painting with Ruler and Gray*, 1960), colheres (*In Memory of my Feelings - Frank O'Hara*, 1961) ou vassouras (*Fool's House*, 1961-62).

Na sala seguinte está exposta outra das suas obras mais conhecidas, *Painting with Two Balls* (1960) e também esculturas de objetos quotidianos em bronze ou metal, como uma lanterna (*Flashlight III*, 1958) e uma escova de dentes (*The Critic Smiles*, 1959).

Considerado o “pai da Arte Conceptual e do Minimalismo, com o tempo as obras não mantêm o mesmo estilo, vão mudando muito”, enquadra Enrique Juncosa.

Entre 1964 e 1972 a figura humana entra nas pinturas do artista, assim como o seu estúdio. Nesta segunda sala da exposição veem-se três obras de grande formato alusivas ao atelier de Johns, com a representação de portas e janelas e objetos como trinchas ou régua. Exibe-se também um autorretrato, *Souvenir* (1964), realizado após uma viagem ao Japão, uma tela pintada de cinzento em que o seu rosto aparece impresso num prato de louça, e a que juntou uma lanterna e um espelho retrovisor de uma bicicleta.

Entre 1973 e 1983 Johns inicia a série *Tramas Cruzadas* com trabalhos mais abstratos, traços repetidos e em espelho que remetem para várias origens, desde pintura primitiva, budismo zen ou uma pintura de Edvard Munch, *Self-Portrait: Between the Clock and the Bed* (1940-43).

Nos anos 1980 surgem também nos seus trabalhos referências à sua história pessoal e a obras de outros artistas, como Picasso (*After Picasso*, 1998), Frida Kahlo (*The Bath*, 1988) ou Barnett Newman (*Ventriloquist*, 1983), e na série *Estações*, com quatro quadros principais, sendo que nesta exposição podem ver-se as telas *Summer* (1985) e *Fall* (1986). Desta série resultaram ainda 32 desenhos e 50 gravuras

Jasper Johns também tem uma extensa obra impressa, que pode igualmente ser vista nesta mostra. Estes trabalhos eram feitos a partir de quadros e esculturas já realizados, numa espécie de reinterpretar dos mesmos. “Pondo as ideias de lado para concentrar no ato de fazer”, terá dito o artista certa vez. Mas ainda antes de chegar a estas últimas salas do percurso que reúnem as suas obras sobre papel, mostram-se os trabalhos dos anos 1990 para a frente, incluindo o último quadro que pintou, *Slice*, de 2020, em que representa um mapa de galáxias e o desenho anatómico de um Joelho. Surgem aqui também duas obras da série *Catenary* de 1998 e 1999, telas mais austeras, com motivos nas laterais remetendo para memórias de infância, em que aparecem também fios pendurados em curva. Está também exposta nesta sala a tela *Montez Singing* (1989-1990) em que o artista evoca a infância.

A retrospectiva também não passa ao lado das colaborações de Jasper Johns com outros artistas, como o coreógrafo Merce Cunningham e o dramaturgo irlandês Samuel Beckett. É mostrado o vídeo *Walkaround Time* (1968) com uma coreografia de Cunningham em que a música e os movimentos são independentes e para a qual Johns criou o guarda-roupa e o cenário, inspirado na obra *O Grande Vidro. A Noiva Despida por Seus Celibatários, Mesmo* (1915-1923) de Duchamp, na qual se representam sete máquinas sobrepostas. Com a autorização do artista francês,

de quem Johns era amigo, ele criou sete peças cúbicas em vinil transparente na qual estão reproduzidos de forma autónoma os sete desenhos originais. As peças expostas em Bilbao são reproduções efetuadas para uma apresentação da coreografia na Ópera de Paris em 2017.

Também se mostram nesta exposição as 30 gravuras que Johns fez para o livro de Beckett *Foires d'Ifzilles*, com cinco textos, editado em 1976.

Em *Jasper Johns: Night Driver* exibem-se 140 obras do artista, mas aquela que dá nome à exposição, *Night Driver* (1960), não está entre elas. Trata-se de uma obra em carvão, pastel e colagem sobre papel que pertence a um colecionador já centenário (104 anos), que não quis que a obra viajasse, revela o curador.

Juncosa escolheu este título para esta retrospectiva, conta, porque Johns disse que era “um desenho feito com uma emoção, um desenho baseado naquilo que sentiu quando conduziu um carro pela primeira vez à noite por uma autoestrada. É um desenho puramente negro em que debaixo tem dois retângulos, que está relacionado com outro desenho maior, em que os retângulos são em vermelho e amarelo parecendo um pouco as luzes de um carro”, descreve. “Gostava da ideia do mundo negro, noturno, da viagem, a ideia de transformação, de mudança, de concentração. Inclusive pode ter um significado erótico, conduzir pela noite. E é um título muito bonito, parece o título de uma canção”.

Para Enrique Juncosa, mais do que a repetição de determinadas imagens (que existe), o que permanece ao longo das décadas no trabalho de Johns “são as ideias que manipulam as imagens, como ler imagens, como entender, como olhar, como ver as coisas”.

Para Juncosa, a obra de Jasper Johns continua pertinente. Escreve o curador no catálogo desta retrospectiva que “no contexto atual, onde temas como a identidade são prevaletentes na arte contemporânea, a par de preocupações políticas e ecológicas, a obra de Johns assume uma posição central, confirmando o poder que as linguagens artísticas têm *per se*, sem necessidade de retórica afetada fazendo alarde de conteúdos de última hora”.

Em 2022 Jaspers Johns anunciou que não produziria mais arte, mas, revela Roberta Bernsteim, uma das maiores especialistas na obra do artista norte-americano no catálogo da exposição, ele produziu mais alguns trabalhos até 2025 em *mix media* sobre impressões.

O curador esteve em contacto com Jasper Johns para a realização desta retrospectiva, e diz que teve liberdade total. “Ele disse-me que já não participa, podia fazer o que eu quisesse, os textos iguais”. Esta exposição não deverá viajar para outros museus, por ser demasiado cara, adianta o curador. Só uma das obras expostas foi valorizada em 200 milhões de euros para efeitos de seguro (*False Start*, 1959).



Primeiro fim de semana da Feira do Livro. Há livros, debates, música e cinema

LISBOA Éme atua esta noite no Parque Eduardo VII e amanhã há cinema, com a exibição d'*O Clube dos Poetas Mortos*.

Acontece todos os anos na capital atraindo visitantes que vão em busca de livros, mas não só. A Feira do Livro de Lisboa, organizada pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) oferece uma vasta programação espalhada pelos 350 pavilhões, dois auditórios e seis praças. Entre 27 de maio e 14 de junho vão decorrer 3200 eventos, garante a APEL, entre sessões de autógrafos, apresentações de livros, debates, atividades para famílias e encontros com autores.

Uma das novidades deste ano são as sessões de “*silent listening*”, que decorrem diariamente no Espaço das Bibliotecas de Lisboa, durante uma hora em diferentes horários. Através de 30 auscultadores, oferece-se uma experiência de escuta e leitura silenciosa de sequências de obras literárias áudio selecionadas pela Tale House.

A programação está recheada de mesas redondas e debates sobre temas diversificados. Por exemplo, esta sexta-feira, às 18 horas, na Praça Azul, o Plano Nacional de Leitura promove um encontro para falar sobre o tema “Jovens leitores, jovens escritores?”, com a participação de vencedores de várias edições do Concurso Nacional de Leitura.

No sábado, às 15 horas, na Praça Laranja, José Pedro Cas-

tanheira, autor de *Histórias da PIDE*, e Maria José Oliveira, que escreveu *Casa dos Mortos*, estarão à conversa numa sessão intitulada “No tempo da PIDE”, um debate organizado pela Tinta da China.

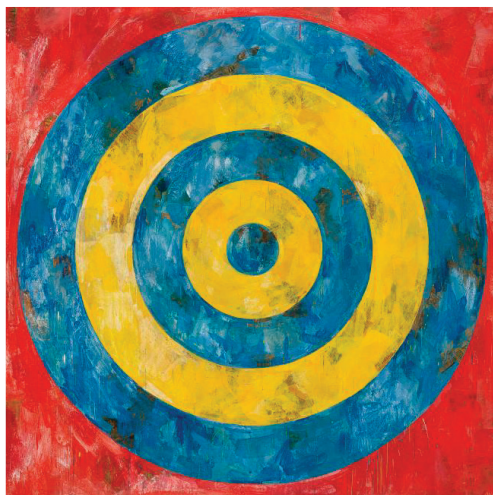
Já a Guerra e Paz Editores organiza na Praça Vermelha, às 19h, um debate sobre “Descolonização: duas visões, dois autores”, com José Sá Carneiro e Xavier de Figueiredo. A essa mesma hora, na Praça Laranja, o escritor colombiano Juan Gabriel Vásquez e o português Bruno Vieira Amaral trocam ideias sobre literatura.

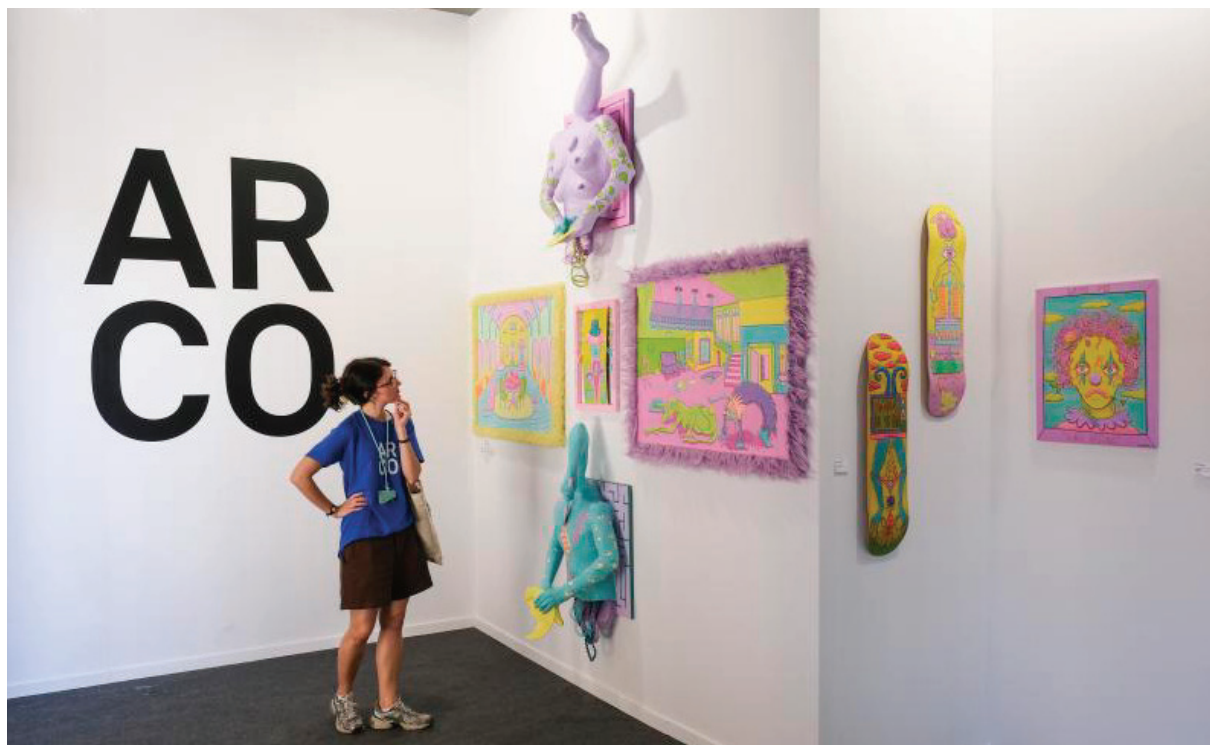
No domingo, na Praça Verde, às 16h, a convite da Bertrand Editora, Francisco Sena Santos e Clara Almeida Santos estarão à conversa com Alexandre Quintanilha a propósito do livro *A última lição de Alexandre Quintanilha*.

Também há música e cinema na Feira do Livro de Lisboa. Sexta é dia de música ao vivo com as “Sextas Há Música”, sempre às 21h30, com atuações de Éme (29 de maio, Auditório Norte), Emmy Curl (5 de junho, Auditório Norte) e Gabriel Gomes (12 de junho, Auditório Lusíadas Saúde).

E aos sábados, às 21h30, no relvado central, há cinema, com a exibição dos filmes *Clube dos Poetas Mortos* (30 de maio), *Jurassic Park* (6 de junho) e *Orgulho e Preconceito* (13 de junho). **C.A.R.**

Obras iniciais de Johns, *Flag on Orange Field* (1957) e *Target* (1961), em encáustica e colagem sobre tela.





Na 9.ª edição da ARCOLisboa 84 galerias expõem obras dos artistas que representam, a maioria delas portuguesas e espanholas, com a intenção de fazerem vendas. A diversidade das propostas apresentadas pelos galeristas é grande e para todos os bolsos.



Artista Jorge Martins fala com a ministra da Cultura e Carlos Moedas sobre a sua mostra.



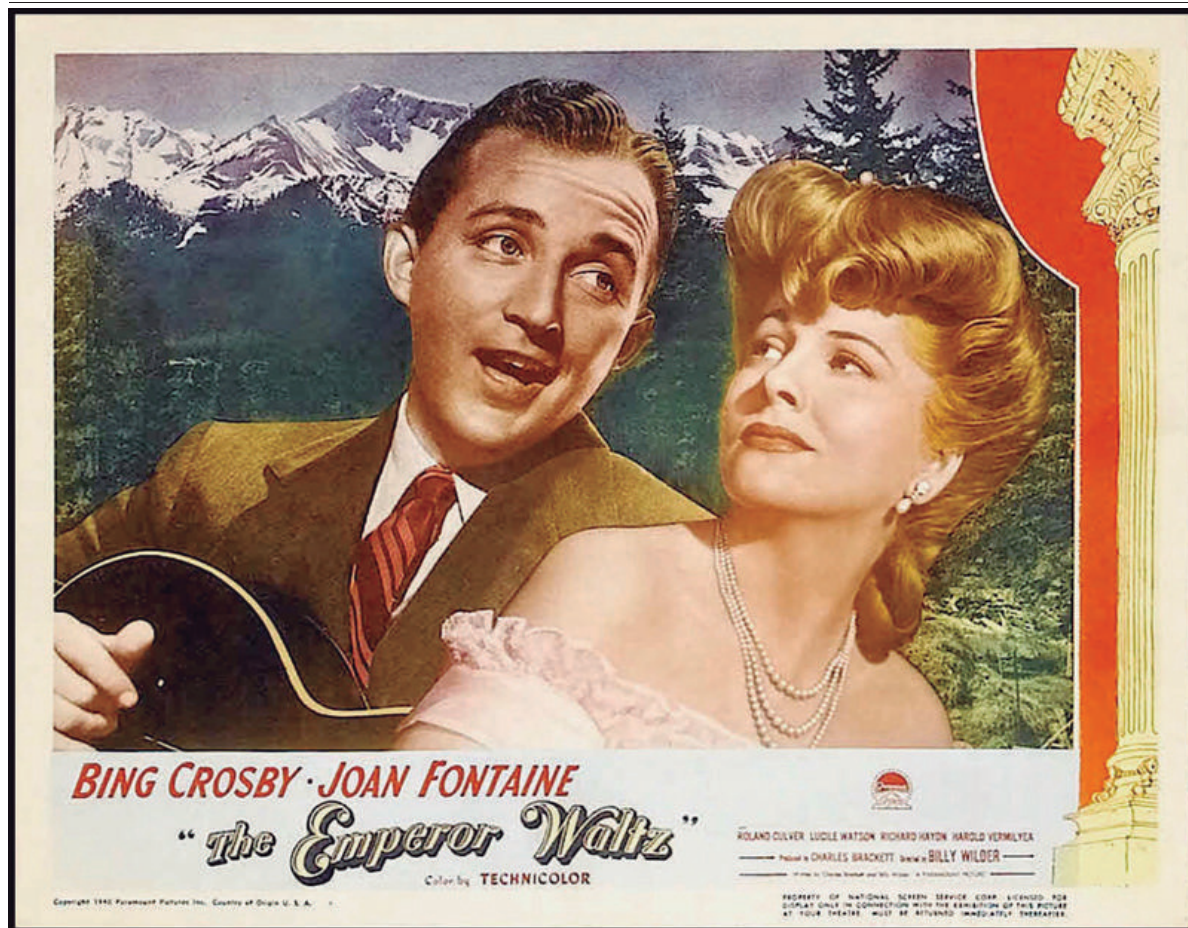
ARTE PARA TODOS OS GOSTOS PARA VER NA CORDOARIA NACIONAL

FOTOS LEONARDO NEGRÃO

A ARCOLisboa abriu ontem com a presença da ministra da Cultura, Margarida Balseiro Lopes e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas, que iniciaram a visita ao evento que decorre na Cordoaria Nacional pela exposição *Timescape* do artista Jorge Martins, no Torreão Nascente. A governante e o autarca, entre outras personalidades da vida cultural nacional, percorreram a mostra com 60 obras e trocaram palavras com o artista, de 86 anos.

Oscar Faria, o curador da exposição de Jorge Martins, revela que a ministra da Cultura perguntou ao artista qual dos quadros ali expostos era o seu preferido. O artista diz que não tem nenhum preferido, mas escolheu um quadro em óleo sobre tela cujo título dá o nome à exposição. Começou a ser feito em 2009 e foi concluído este ano. Diz Jorge Martins que as obras expostas são recentes, foram criadas desde pandemia. “O que me interessa na arte é criar qualquer coisa que seja mais forte do que a realidade. Portanto, uma metarrealidade. É uma ambição excessiva, mas sem ambição excessiva não se faz nada, não vale a pena”, diz o artista ao DN.

A comitiva oficial continuaria depois a visita ao resto da feira, nesta 9ª edição com 84 galerias de 18 países, a maioria portuguesas (30) e espanholas (18). Ontem a feira foi só para profissionais, mas a partir de hoje e até domingo, quando encerra, está aberta ao público a partir das 14 horas, com entrada gratuita para até aos 25 anos. **C.A.R**



Para matar saudades do musical

CINEMA Embora sem uma produção regular no presente, o musical nunca deixou de seduzir o imaginário cinéfilo — a partir de segunda-feira, e durante dois meses, a Cinemateca evoca a sua história, com grandes clássicos e algumas raridades.

TEXTO **JOÃO LOPES**

O cinema musical está de volta a Lisboa com um grande ciclo na Cinemateca Portuguesa. A partir de segunda-feira, durante dois meses, as duas salas da rua Barata Salgueiro celebrarão um género que, apesar de ter perdido a importância industrial que teve (sobretudo nas primeiras décadas da produção sonora), continua a ocupar um lugar muito especial no imaginário cinéfilo — quando as personagens estão a falar e, de repente, começam a cantar ou dançar (ou as duas coisas ao mesmo tempo), dir-se-ia que o cinema se liberta da “obrigação” de repetir as aparências do mundo, reinventando-o.

A sessão de abertura (dia 1, 15h30) envolve a evocação de Ma-

rilyn Monroe, já que a data coincide com o 100º aniversário do seu nascimento. Assim, será exibido *Parada de Estrelas* (1954), uma realização de Walter Lang que foi concebida como uma homenagem às composições de Irving Berlin, um dos nomes nucleares da tradição do musical, cruzando os palcos da Broadway e os estúdios de Hollywood — com Marilyn contracenam Ethel Merman e Donald O’Connor.

A produção de Hollywood, precisamente, está representada através de alguns títulos emblemáticos, ou não fossem os estúdios da Califórnia (com inevitável destaque para a Metro Goldwyn Mayer) o sofisticado laboratório de muitos dos grandes clássicos que arastaram multidões, sobretudo ao



Entre os musicais deste ciclo está *A Ópera dos Três Vinténs* (1932), tendo por base o texto de Bertolt Brecht com música de Kurt Weill.

longo das décadas de 1930/40. *Não Há como a Nossa Casa* (1944), de Vincente Minnelli, ou *Um Dia em Nova Iorque* (1949), de Stanley Donen e Gene Kelly, são marcos fundamentais desses tempos de glória. Seja como for, não faltarão títulos menos conhecidos como *Sonho de uma Noite de Verão* (1935), realizado pelo grande mestre austríaco do teatro, Max Reinhardt, em colaboração com William Dieterle — Reinhardt exilou-se nos EUA depois da anexação do seu país pelos nazis. Outro caso a merecer destaque será *A Valsa do Imperador* (1948), com Billy Wilder a dirigir o par Bing Crosby/Joan Fontaine, uma produção tanto mais original quanto se aproxima das regras da ópera.

Muito para lá dos contrastes da produção de Hollywood, as três dezenas de filmes desta primeira parte do ciclo de revisitação do musical apontam também para a redescoberta do género em contextos muito diversos, incluindo Portugal — *O Pátio das Cantigas* (1942), de Francisco Ribeiro, surgirá, assim, como um objeto marcado pelo cruzamento da comédia melodramática com os artificios do teatro de revista, além do mais consagrando a dupla António Silva/Vasco Santana.

A galeria de clássicos menos conhecidos, sobretudo menos divulgados, inclui *O Milhão* (1931), do francês René Clair, porventura um dos exemplos mais sugestivos de “transição” do musical teatral para os códigos do cinema, *A Verbena de La Paloma* (1932), produção do cinema republicano espanhol com direção de Benito Perojo, e ainda *A Ópera dos Três Vinténs* (1932), de George W. Pabst, lendária encenação do texto de Bertolt Brecht com música de Kurt Weill. Esta primeira parte do ciclo encerra (dia 30, 15h30) com *Oklahoma!* (1952), adaptação da obra de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II que ficou como a única incursão do realizador Fred Zinnemann no musical.



'Lisbon Diaries' Zeynep Tinaz Redmont

O toque português em todos os sentidos humanos na Bienal de Veneza

A Bienal de Veneza 2026, que abriu este mês no meio de controvérsia e protestos devido à inclusão dos pavilhões nacionais da Rússia e de Israel, reuniu 99 países e 111 artistas nos seus dois principais espaços. No entanto, apenas um país faz literalmente tremer o chão: Portugal, representado pelo artista Alexandre Estrela.

Ao entrar por um corredor estreito no Pavilhão de Portugal, situado no interior do Fondaco Marcello, uma casa mercantil do século XV outrora utilizada para armazenar tabaco e seda, os funcionários avisam os visitantes sobre a possibilidade de exposição a sons intensos desencadeados por um tremor sísmico. De facto, quando o sismo ocorreu com um rugido ensurdecedor, a minha reação foi um grito embaraçoso. Não admira que a instalação se chame REDSKYFALLS.

Dentro da sala escurecida, contempla-se uma bela paisagem montanhosa, o tipo de imagem que seria um protetor de ecrã ideal para um portátil. No entanto, a projeção gerada por computador sobre placas de alumínio gravadas que representam diferentes espécies torna-se gradualmente inquietante à medida que um tremor se aproxima.

REDSKYFALLS apresenta dados de atividade sísmica captados em tempo real de algumas das cidades mais propensas a sísmos do mundo: São Francisco, Lima, Los Angeles e Lisboa. À medida que os tremores se aproximam, as rãs abandonam os charcos, as cobras e os vermes emergem das suas tocas, as abelhas enxameiam e as cigarras ficam em silêncio. Observa-se os peixes a imobilizarem-se; as moscas a perderem as asas quando ocorre o impacto destruidor. A natureza funciona como um sistema de alerta.

No seu discurso na cerimónia de abertura do Pavilhão, a ministra da Cultura, Juventude e Desporto de Portugal, Margarida Balseiro Lopes, afirmou que a obra de Estrela não só evocava o devastador terramoto de Lisboa de 1755 como uma "assinatura histórica da transformação do planeta", mas também refletia

sobre a necessidade de aprender a reconhecer sinais. "Talvez esta seja uma das tarefas mais urgentes da atualidade", afirmou.

A exposição principal da Bienal de Veneza 2026 reúne-se sob o título *In Minor Keys* e foi marcada pela morte súbita da curadora nascida nos Camarões, Koyo Kouoh, apenas algumas semanas antes da abertura. Mais tarde, surgiram protestos devido à inclusão de Israel e da Rússia por parte dos organizadores. A decisão levou à demissão do júri oficial, resultando assim no cancelamento da cerimónia oficial de entrega de prémios. O júri declarou que não avaliaria artistas de países cujos líderes estejam sujeitos a mandados de captura por crimes contra a humanidade. O artista português Estrela esteve entre os quase 200 artistas e trabalhadores culturais que assinaram uma carta aberta da Art Not Genocide Alliance (ANGA).

Em suma, a Bienal de Veneza recebeu a sua quota-parte do tumulto contínuo do mundo.

Depois surge o Pavilhão do Vaticano, comissariado pelo cardeal português José Tolentino de Mendonça sob o título "The Ear Is the Eye of the Soul". O cardeal, o "ministro da Cultura" da Santa Sé, juntamente com os curadores Hans Ulrich Obrist e Ben Vickers, apresenta uma experiência de escuta profunda e da beleza autêntica de um jardim. Por um momento, esquecem-se os problemas do mundo e mergulha-se por completo neste momento de felicidade.

Ao colocar os auscultadores estereofónicos e entrar no Jardim Místico das Carmelitas Descalças, uma joia escondida de Veneza, encontra-se um ambiente transcendental. Já não se caminha, mas flutua-se entre visões de branco, verde e amarelo, flores, o aroma das árvores de jasmim, árias e outras músicas terapêuticas que fluem suavemente pelos ouvidos em transições perfeitas.

Esta experiência espiritual conduz naturalmente a uma exposição de tom mais religioso de Pedro Cabrita Reis, de Portugal. Intitulada *XIV Steps*, reimagina as 14 Estações da Cruz através de uma

perspetiva contemporânea. Trata-se de um projeto independente, oficialmente reconhecido pela Bienal de Veneza.

A exposição está instalada num armazém de sal do século XIV, atualmente gerido pela Accademia di Belle Arti di Venezia. Localizado junto à frente ribeirinha das Zattere, a arquitetura industrial em pedra e madeira do espaço oferece um cenário apropriado para as monumentais 14 pinturas de Reis.

As suas obras abstratas estão abertas à interpretação individual de cada visitante sobre a jornada de Jesus. Em algumas telas, a cruz, os anjos e até a figura da Virgem Maria parecem quase emergir das camadas de tinta.

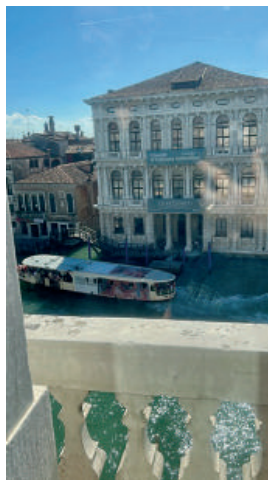
"Olho para o mundo como pintor, sinto como pintor, penso como pintor", lê-se na declaração de Cabrita Reis que acolhe os visitantes à entrada do antigo armazém.

Embora tenha sido inaugurada fora das atividades da Bienal, ainda em março, outra exposição portuguesa está a atrair multidões à medida que se aproxima a sua data de encerramento, a 8 de junho. Intitulada *I Guardi de Calouste Gulbenkian*, apresenta uma magnífica seleção de obras do célebre pintor veneziano de paisagens do século XVIII, Francesco Guardi. São os olhos de Gulbenkian.

Dez das suas pinturas mais icónicas da coleção Gulbenkian estão expostas no autêntico palácio barroco Ca' Rezzonico, o Museu da Veneza do século XVIII. O espaço encontra-se adornado com uma grande faixa da Gulbenkian, impossível de ignorar enquanto o *vaporetto* desliza pelo Grande Canal. A exposição apresenta cenas festivas venezianas, incluindo as lendárias Regatas e A Festa da Ascensão na Praça de São Marcos.

Durante mais de seis meses, de dois em dois anos, até 22 de novembro, Veneza transborda de arte em cada esquina.

Desta vez, parece que a contribuição portuguesa conseguiu tocar todos os sentidos humanos.



“

Durante mais de seis meses, de dois em dois anos, até 22 de novembro, Veneza transborda de arte em cada esquina. Desta vez, parece que a contribuição portuguesa conseguiu tocar todos os sentidos humanos”.

Jornalista turca a viver em Portugal, publica *Lisbon Diaries* no Substack



Entre as imagens
João Lopes

O renascimento da Nova Vaga

Apresentado na secção de clássicos do Festival de Cannes, o filme *La Dérive* (1964), da escritora e realizadora Paula Delsol (1923-2015), é uma preciosa raridade (assinado como “Paule”). O filme convida-nos a revisitar os tempos heróicos da Nova Vaga francesa com o espírito aberto — entenda-se: evitando considerar que a história desse período está encerrada em cânones mais ou menos imutáveis e inquestionáveis.

Não se trata, de qualquer modo, de um filme “desaparecido”. Não creio que, em anos recentes, a sua difusão possa ter acontecido numa cópia impecavelmente restaurada (como a que foi projetada em Cannes), mas é um facto que, em 2022, em Nova Iorque, no MoMA, a sua exibição já tinha sido um acontecimento especial, integrado num ciclo *Cineastas esquecidos da Nova Vaga francesa*. Também entre nós, em 2024, *La Dérive* foi apresentado na Casa do Comum, no Festival Internacional de Arte Contemporânea Sête Lisboa.

Dito isto, importa sublinhar o essencial: a memória do cinema francês da década de 1960, com a galeria de nomes que simbolizam a sua perene energia — Jean-Luc Godard, François Truffaut, Jacques Demy, Eric Rohmer, Jacques Rivette, etc. —, continua a renascer como um território dinâmico, eminentemente criativo, cujas significações não estão fechadas. Aliás, em Cannes, a passagem de um filme com mais de 60 anos como *La Dérive* teve como sugestivo contraponto a exibição de *Merci d’Être Venu*, na Quinzena dos Cineastas, novíssimo trabalho de Alain Cavalier (a poucos meses de completar 95 anos), outro nome algo “esquecido” da Nova Vaga.

Como outros títulos da mesma época, com especial destaque para *Duas Horas na Vida de Uma Mulher* (1962), de Agnès Varda, *La Dérive* é aquilo que o seu título já sugere. A saber: a deambulação de uma mulher, Jacqueline (Jacqueline Vandal), a viver uma solidão paradoxal, que envolve uma obstinada pesquisa de satisfação e prazer.

Em termos “sociológicos”, *La Dérive* talvez possa ser indexado num conjunto de filmes, franceses ou não, que na



Jacqueline Vandal: memórias cinéfilas de 1964.

época ajudaram a reconverter, não exatamente a representação das personagens de mulheres, mas a própria ideia de feminino.

Para nos ficarmos por um exemplo emblemático da produção francesa da época, lembremos o misto de interrogação existencial e distanciamento irónico que Godard encenou em 1961 no bem chamado *Uma Mulher É Uma Mulher* — sem esquecer, já agora, que no mesmo ano, na Suécia, Ingmar Bergman realizava *Em Busca da Verdade*.

Muito longe dos lugares-comuns “feministas” de algum cinema do presen-

te, *La Dérive* segue uma envolvente lógica anarquizante — se é que, em termos estéticos, o impulso anarquista pode equivaler a algum tipo de lógica. Da alegria dos gestos quotidianos à transparência dos impulsos sexuais, Jacqueline não surge como “mensageira” do que quer que seja, existindo antes como entidade viva de um desejo de descoberta e transformação que nunca se aquieta.

Paula Delsol filma como quem confirma e sublinha os movimentos (a deriva, justamente) de Jacqueline, explorando as hipóteses de um cinema

alheio a qualquer divisão académica entre o primado realista dos corpos e os artifícios da ficção. Em Cannes, algumas cenas de *La Dérive* na orla marítima suscitaram paralelos com o cinema de Truffaut e, em particular, *Os 400 Golpes* (1959) — claro que a herança de Truffaut possui uma dimensão incomparável, mas isso não invalida que estejamos perante um filme que continua a dizer-nos que, no jogo de imagens e sons do cinema, tudo é possível.

“
Visto numa cópia restaurada em Cannes, *La Dérive* ajuda-nos a revalorizar a herança do cinema francês da década de 1960”.





Opinião
Sofia Lisboa

O PS e a arte da amnésia selectiva

Há textos que merecem ser guardados pela impressionante elasticidade com que moldam a realidade. Depois de um conjunto de considerações sobre a forma como o PCP assinalou o falecimento de Carlos Brito – reveladoras de que o objectivo não é honrar o percurso da figura, mas sim cavalgar o ataque aos supostos deméritos do seu antigo partido –, Davide Amado, presidente da Concelhia do PS de Lisboa, acusa o PCP de ter “chumbado” uma recomendação do PS relativa ao aumento do custo de vida. Ora, o PCP não chumbou nada, o PCP absteve-se. Quem votou contra e efectivamente chumbou as propostas foi a direita (PSD, IL e CH), aquela mesma direita cujas políticas macroeconómicas mais penalizam as famílias e ao lado da qual o PS escolhe posicionar-se.

O PS escreve recomendações em Lisboa com o descaramento de quem parece ter habitado um planeta distante nos últimos anos. Convém recordar a Davide Amado o rasto da governação do seu próprio partido, que governou inclusivamente com maioria absoluta.

Foi o PS que optou por não revogar as normas gravosas da legislação laboral de Passos e *troika*, perpetuando a precariedade e os salários de miséria. Foi o PS que recusou a redução do IVA da electricidade, do gás e dos combustíveis. Foi o PS que manteve a lei dos despejos e encheu de benefícios fiscais os grandes fundos imobiliários, transformando o direito à habitação numa miragem. Foi o PS que, aceitando a proposta do PCP de reduzir o valor dos passes, mais tarde asfixiou o investimento nos transportes

públicos. Foi o PS que assistiu, de braços cruzados, à degradação do SNS, para ajudar o negócio privado da doença a florescer.

E agora, perante o desastre social que ajudaram a semear, oferecem aos lisboetas um programa limitado a três meses, ao mesmo tempo que aprovam o Orçamento do Estado do Governo AD. Enquanto as famílias são esmagadas, os grandes grupos económicos – como a Galp, a EDP, a Jerónimo Martins ou a Sonae – distribuem dividendos obscenos. E isso não é uma fatalidade, é uma opção política partilhada por PS, PSD e CDS.

O debate municipal, aliás, atingiu picos de alta comédia. Quando confrontado pela direita com a suposta “irresponsabilidade financeira” destas propostas, o PS defendeu-se com uma tirada magnífica: irresponsabilidade financeira é aprovar isenções fiscais ao Rock in Rio. Um argumento fantástico, não fosse o pormenor de essa ter sido uma política praticada pelo próprio PS e que o PS continua alegremente a viabilizar. Tal como viabiliza a escandalosa política da chamada devolução de IRS aos municípios mais ricos da cidade.

O PS ficou profundamente ofendido. Acha que fica muito mal ao PCP apontar o dedo à sua hipocrisia e acusa-nos de “alinhar com a direita”, fingindo não perceber que o PCP critica, precisamente, o alinhamento estrutural do PS com a direita: é o PS que actua como cúmplice activo das políticas que transferem a riqueza produzida por quem trabalha para uma minoria que dela se apropria.

Davide Amado vaticina que os eleitores empurram o PCP para a irrelevância. Mas ninguém colocaria tanto afinco em reiteradamente atacar algo irrelevante. Aquilo que o PS chama de “irrelevância” é, na verdade, a recusa do PCP em ser cúmplice no teatro da hipocrisia.

Deputada municipal pelo PCP em Lisboa.
Escreve sem aplicação do Acordo Ortográfico.



Tribuna Social
Eduardo Teixeira

Calor extremo exige responsabilidade – ação e prevenção

Portugal enfrenta hoje uma realidade cada vez mais evidente: os fenómenos climáticos extremos deixaram de ser exceção para passarem a fazer parte do nosso quotidiano. O aumento das temperaturas, as ondas de calor mais frequentes e o agravamento do risco de incêndio obrigam o país a encarar a ação climática não como uma bandeira ideológica, mas como uma necessidade nacional.

Nos últimos dias, várias regiões do país registaram temperaturas próximas dos 40 graus. O calor chegou mais cedo, de forma intensa, e trouxe consigo um risco acrescido de incêndios rurais. O cenário repete-se ano após ano, mas continua a exigir respostas rápidas, planeamento sério e uma cultura de prevenção que envolva o Estado, os municípios e os próprios cidadãos.

Falar de ação climática também exige equilíbrio e pragmatismo. Não basta anunciar metas ou multiplicar discursos políticos. É fundamental investir em medidas concretas de mitigação e adaptação, capazes de proteger as populações e garantir maior resiliência ao território nacional.

A prevenção de incêndios é hoje uma das áreas mais críticas dessa adaptação. Limpar terrenos, criar faixas de gestão de combustível, evitar queimadas em períodos de perigo elevado e garantir vigilância ativa são medidas simples, mas essenciais para evitar tragédias.

Portugal conhece demasiado bem as consequências da falta de prevenção. Ao longo das últimas décadas, os incêndios destruíram milhares de hectares de floresta, colocaram vidas em risco e deixaram marcas profundas em muitas comunidades do interior do país. Não podemos continuar presos à lógica de agir apenas depois da tragédia acontecer.

Importa reconhecer o esforço dos operacionais no terreno, bombeiros, proteção civil, forças de segurança e equipas de sapadores florestais, que todos os anos enfrentam condições extremamente difíceis para proteger pessoas e bens. O reforço anunciado de meios e

operacionais é importante, mas a verdadeira eficácia mede-se na capacidade de prevenir, planejar e coordenar respostas antes do pior cenário acontecer.

A ação climática também passa pelas escolhas do dia a dia. A poupança energética, a utilização de transportes mais sustentáveis, a aposta na reciclagem e na economia circular ou a eficiência no consumo de recursos são pequenas mudanças que, somadas, produzem impacto real.

Ao mesmo tempo, os municípios têm um papel cada vez mais decisivo. O ordenamento do território, a limpeza das zonas florestais, a manutenção de caminhos rurais, os planos municipais de emergência e a monitorização permanente do risco são instrumentos fundamentais para reduzir vulnerabilidades e proteger as populações. O combate às alterações climáticas não pode ser feito apenas com *slogans* ou campanhas mediáticas. Exige responsabilidade política, investimento inteligente e uma estratégia nacional capaz de conciliar proteção ambiental, segurança das populações e desenvolvimento económico.

Portugal precisa de uma política climática séria, mas também de um país preparado para responder aos desafios do presente. Porque perante temperaturas extremas, risco elevado de incêndio e fenómenos cada vez mais imprevisíveis, a prevenção deixou de ser uma opção. É uma obrigação coletiva.

Ainda vamos a tempo de evitar muitas tragédias, mas isso exige consciência, responsabilidade e vigilância de todos. Cada cidadão pode fazer a diferença através de pequenos gestos de prevenção, respeito pelas regras de segurança e proteção do território. Num verão que se prevê exigente, o apelo é simples: estejam atentos, protejam a floresta e não ignorem qualquer sinal de perigo. A prevenção começa em cada um de nós.

Economista e deputado à Assembleia da República

“

Convém recordar a Davide Amado o rasto da governação do seu próprio partido (...)”



Global Media GROUP

FCiências

ANÚNCIO

FCiências.ID - Recrutamento de um Investigador Doutorado (Investigador de Nível Inicial)

A FCiências.ID - Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências, através do seu presidente do Conselho de Administração, faz saber que, nos termos Decreto n.º 57/2016, de 29 de agosto, na redação que lhe foi conferida pela Lei n.º 57/2017, de 19/07, se encontra aberto o concurso com a referência #5304 até à data de 15/06/2026, procedimento concursal internacional para contratação de um Investigador doutorado (Investigador de Nível Inicial) na área de Biologia ou áreas afins; o(a) candidato(a) terá de ter experiência comprovada em Ecologia Aquática de água doce, experiência em invertebrados aquáticos de água doce, bem como experiência científica comprovada nos temas acima mencionados, demonstrada pela qualidade e número de artigos científicos publicados em revistas científicas com arbitragem por pares; através de Contrato de Trabalho a Termo Resolutivo Incerto, em regime de exclusividade, com duração previsível até 31/12/2027, não podendo exceder os limites previstos no RCD, no âmbito do projeto AquaPLAN: Aquatic Pollution from Light and Anthropogenic Noise: management of impacts on biodiversity (Ref. HORIZON-WIDERA-2023-ACCESS-06-HORIZON-CL6-2023-BIODIV-01-1 01135471), financiado pela União Europeia no âmbito do Horizonte Europa - Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação, através do Grant Agreement N. 101135471.

O aviso integral do procedimento concursal será disponibilizado no sítio eletrónico da FCiências.ID, em <https://fciencias-id.pt/node/115>, e na plataforma EURAXESS através de <https://www.euraxess.pt/jobs/440117>.

FINANCIADO POR:
 Funded by the European Union

SINDICATO NACIONAL DOS QUADROS E TÉCNICOS BANCÁRIOS CONVOCATÓRIA

Ao abrigo das disposições previstas nos artigos 15.º, 16.º, número 1, alínea b), 18.º e 56.º, número 3, dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários, para reunir, em sessão extraordinária, no próximo dia 30 de junho de 2026, pelas 10h30m, na sede do Sindicato, sita na Rua Pinheiro Chagas, n.º 6, 1050-177 Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único: Discussão e votação da proposta de revisão dos Estatutos.

INFORMAÇÕES

O projeto de revisão estatutária é divulgado com a antecedência de 30 dias estatutariamente prevista, encontrando-se disponível para consulta na sede e delegações do Sindicato, bem como pelos meios de divulgação institucionais do SNQTB; (n.º 2 do art. 56.º)

A assembleia geral do Sindicato é constituída por todos os associados no pleno gozo dos seus direitos sindicais e que tenham as suas quotas em dia à data da realização da mesma; (arts. 11.º e 15.º)

A deliberação será tomada por voto direto e secreto, exigindo-se maioria simples dos votantes (n.º 1 do art. 56.º)

As reuniões da assembleia geral funcionam à hora marcada com a presença da maioria dos associados ou passada meia hora, com qualquer número de associados presentes, no mesmo local. (n.º 8 do art. 18.º)

Lisboa, 28 de maio de 2026

O Presidente da Mesa Unificada da Assembleia Geral e do Conselho Geral
 José Luís Barroso

Centro Social José Luís Coelho
 NIPC 501 331 441
 Rua Costa Pimenta, frações A e B, 1350-340 Lisboa
ASSEMBLEIA-GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos e para os efeitos dos artigos 21.º e 22.º dos Estatutos do Centro Social José Coelho, a Senhora Presidente da mesa da Assembleia Geral, Mariana da Silva Sousa, convoca os Senhores Associados para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 18 de Junho de 2026, pelas 12 horas, na sede social do Centro Social, sito na Rua Costa Pimenta, frações A e B, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

UM: Ratificar o valor da quota a pagar por cada associado.

DOIS: Renovação da deliberação tomada em Assembleia Geral de 20/10/2023, referente à eleição dos membros dos órgãos sociais.

A Assembleia reúne à hora marcada, se estiverem presentes mais de metade dos associados com direito a voto e caso não esteja reunida esta maioria, a assembleia realizar-se-á trinta minutos depois, ou seja, às 12 h30, independentemente do número de presenças, nos termos do artigo 23.º, n.º 1 dos Estatutos do Centro Social.

A Assembleia Geral será constituída por todos os associados admitidos há pelo menos 12 meses, que tenham as suas quotas em dia e que não se encontrem suspensos, nos termos do artigo 20.º, n.º 1 dos Estatutos do Centro Social.

Lisboa, 25 de Maio de 2026.

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Diário de Notícias

NOVO SUPLEMENTO
DN SPORT

às sextas com o seu DN

O Diário de Notícias reforça a sua oferta na área do Desporto, com um novo suplemento multimídia dedicado aos principais eventos em Portugal e no mundo. O DN SPORT oferece uma abordagem diferenciada, com histórias de interesse humano, entrevistas com os protagonistas do mundo desportivo.

O DN SPORT inclui um caderno semanal, publicações selecionadas de filmes de animação do DN, bem como uma secção especial no site www.dn.pt, com conteúdos em texto, vídeo, áudio, atualizados em tempo real. Inclui, ainda, uma newsletter semanal.

Diário de Notícias 800 241 241
PARA ANUNCIAR » CHAMADA GRATUITA

GRIMALDI LINES

| West Africa Southern Express | Grande Ghana | Grande Benin |
|------------------------------|--------------|--------------|
| Antwerp | GGH0326 | GBN0426 |
| Le Havre | 24/05 | 09/06 |
| Lisboas | 13/06 | 13/06 |
| Dakar | 02/06 | 15/06 |
| Lomé | 07/06 | 21/06 |
| Luanda | 12/06 | 26/06 |
| Pointe Noire | - | 30/06 |
| Douala | 16/06 | 03/07 |
| | | 06/07 |

| Euroegean Northbound | Grande Colonia | Grande Detroit |
|----------------------|----------------|----------------|
| Salerne | ECO0426 | GDE0526 |
| Livorno | 25/05 | 28/05 |
| Casablanca | 17/05 | - |
| Tanger Med | - | 01/06 |
| Setúbal | 30/05 | - |
| Portbury | 31/05 | 03/06 |
| Cork | 04/06 | 07/06 |
| | | 08/06 |

| Euroegean Southbound (Euroshuttle) | Grande Guinea | Grande Mediterraneo |
|------------------------------------|---------------|---------------------|
| Portbury | GGU0326 | GMD0426 |
| Vigo | 21/05 | 31/05 |
| Hamburg | 25/05 | 07/06 |
| Setúbal | 29/05 | 08/06 |
| Valencia | - | 11/06 |
| Cotonou | 07/06 | - |
| Salerne | - | 14/06 |
| Terna | 11/06 | - |

Grimaldi Portugal

info@grimaldi.pt // Lisboa: 213216300 - Leixões: 239998450 - Setúbal: 265526018

SANTA CASA
 Misericórdia de Vila Rica de Gaia

VENDA DE PATRIMÓNIO IMÓVEL EM LISBOA

PROPRIEDADE DA MISERICÓRDIA DE GAIA

A Misericórdia de Gaia, com sede na Rua Teixeira Lopes, 33, 4405-320 Vila Nova de Gaia, procedeu à abertura do procedimento designado "Consulta Pública n.º 1/2026-MG", para a alienação do património seguinte:

a) **Travessa das Palmeiras**, n.ºs 6, 7, 9 e 11, compreendendo os prédios urbanos com os artigos matriciais n.ºs 261, 289, 285 e 287, inscritos na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n.º 811, da Freguesia de Santo António (secção Freguesia do Concelho de Jesus), Concelho de Lisboa e;

b) **Rua do Passadizo**, n.º 118, compreendendo o prédio urbano com o artigo matricial n.º 275, inscrito na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n.º 812, da Freguesia de Santo António (secção Freguesia do Concelho de Jesus), Concelho de Lisboa, sem medição imobiliária.

O preço base é de € 3.760.000,00 e as propostas deverão ser entregues até às 17h30 do dia 30/06/2026, nos termos do programa do procedimento disponível em www.santa-casa.pt. O programa da consulta pública define as regras do procedimento, incluindo o modo e os documentos necessários para a apresentação de propostas e o modo de pedido de esclarecimentos, que podem ser realizadas por email para: com@scg.pt.



RETRATADO RODRIGUES

António Rebelo de Sousa escreveu 'Desafios' ao longo de três anos sob a forme de crónicas no DN.

'Desafios', o "pragmatismo raro" de António Rebelo de Sousa

LANÇAMENTO Textos publicados no Diário de Notícias nos últimos três anos são um "testemunho da consistência" sobre a economia.

TEXTO VÍTOR MOITA CORDEIRO

A premissa parece simples e acessível. Um livro que agrega ensaios e perspetivas que não estão limitadas ao universo académico sobre fenómenos que afetam as pessoas, publicados entre janeiro de 2023 e janeiro de 2026 no Diário de Notícias. Foi assim que o Grémio Literário, em Lisboa, se tornou ontem palco do lançamento do livro *Desafios*, escrito pelo economista António Rebelo de Sousa, que surge aqui também com a função de cronista. É um conjunto de artigos de opinião onde "defende o modelo em que o Estado cria condições, regula com inteligência e protege quem precisa, enquanto o setor privado inova, investe e assume riscos", explicou o diretor do DN, Filipe Alves, numa sessão que também contou com a presença do presidente do Conselho das Ar-

tes do Centro Nacional de Cultura, Guilherme d'Oliveira Martins, e do professor universitário e bastonário dos Economistas, António Mendonça, tendo ambos escrito, respetivamente, o prefácio e o posfácio do livro.

"O critério último de António Rebelo de Sousa não é ideológico, é humano. E o que importa é saber se as políticas públicas e as decisões económicas contribuem para

António Rebelo de Sousa foi destacado em 'Desafios' pela "coerência" sobre a democracia liberal e importância da União Europeia.

melhorar o dia a dia das pessoas, reforçar a coesão social e ampliar as oportunidades", insistiu Filipe Alves, enquanto destacava a "visão ética e estratégica" do autor neste livro, que chega aos escaparates sob a forma de "uma síntese do seu pensamento, rigor analítico, sentido histórico, preocupação com o bem comum e uma leitura global dos fenómenos económicos".

Na perspetiva de Guilherme d'Oliveira Martins, o autor mostra nestes textos que encara a "democracia não como sistema formal de escolha dos titulares de um poder político, mas como um sistema de valores". Já António Mendonça explicou que no autor "há uma preocupação permanente sobre a questão europeia e, portanto, a importância do seu desenvolvimento para dar resposta aos grandes problemas da atualidade".



Além-Fronteiras
Helena Tecedeiro

Entre os falsos padres 'sexy' e os perigos da IA

Quem já foi a Roma não teve como não reparar no calendário ilustrado com jovens padres de inegável bom aspeto, à venda em qualquer loja de *souvenirs* no centro histórico da capital italiana. Há mais de duas décadas que o oficialmente *Calendario Romano* – oficiosamente "calendário dos padres *sexy*" – acompanha cada um dos 12 meses com a fotografia de um jovem de soutana e colarinho branco.

Ora, pelo menos alguns dos jovens retratados no catálogo, se são de facto bem-parecidos, não são de todo padres. A verdade foi revelada há dias por Giovanni Galizia, cuja imagem sorridente tem surgido em todas as edições do *Calendario Romano* dos últimos 23 anos. "Esta história começa com um amigo de amigos, com um encontro em Palermo há vários anos. Estávamos em 2004 e o fotógrafo chamava-se Piero Pazzi. Ele queria retratar as cidades através de uma série de fotografias. E assim surgiu Veneza com os gondoleiros [que também deu um calendário] e Roma com os padres. A certa altura, perguntou-me se eu gostaria de participar. Era uma brincadeira, ele já tinha todo o material preparado", contou Galizia ao *La Repubblica* na primeira de uma série de entrevistas que deu desde então.

À AP o agora comissário de bordo, de 39 anos, explicou que a fotografia não passou de uma "brincadeira". "Era o sorriso de um miúdo envergonhado, porque via os meus amigos à minha frente a rir às gargalhadas, porque eu estava vestido como se fosse padre", recordou. Quanto a ser *sexy*, Galizia desvaloriza o epíteto, afirmando que "hoje há tendência para confundir o belo com o que é sensual". Mas diz encarar-lo como um elogio, "porque conseguir ser *sexy* com um colarinho de padre não é tarefa fácil", brinca.

Afirmando não ter qualquer responsabilidade na publicação do calendário, o Vaticano recusou responder às solicitações de vários *media* para reagir ao caso dos "falsos padres". Um caso que vem pôr à prova a nossa fé não só na veracidade das vocações dos seus modelos, como neste tipo de calendário: será que os bombeiros *sexy* são mesmo bombeiros? E os polícias *sexy*? Ou os médicos *sexy*? Acreditado que alguns serão reais.

A polémica em torno do *Calendario Romano* coincidiu com a divulgação da primeira encíclica do papa Leão XIV. Intitulada *Magnifica Humanitas*, o documento alerta para os perigos da Inteligência Artificial (IA), inclusive o facto de que "quem detém o controlo das plataformas digitais e dos meios de comunicação possui uma enorme capacidade de influenciar o imaginário coletivo e de apresentar como desejável uma determinada visão da realidade."

Mas no caso do calendário, nem foi preciso IA, bastou a velha inteligência humana para tornar um adolescente sorridente num padre *sexy* e agora nos fazer duvidar de que a realidade seja aquela que sempre achámos ser.

Editora-executiva do Diário de Notícias



Conselho de Administração Luis Figueiredo de Barbedo Trindade (Presidente), Kevin King Lun Ho, Vítor Manuel Almeida Santos de Menezes e António Manuel Mendes Ferreira
Direção Filipe Alves (Diretor Geral Editorial), Leonídio Paulo Ferreira e Nuno Vinha (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** Ricardo Ferro **Diretora Jurídica** Rita Cabral
Propriedade Global Noticias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Sede: Rua Tomás da Fonseca, Torre E - 3.º Andar 1600-209 Lisboa **Redação:** Rua Mouzinho da Silveira, 27, 2.º - 1250-166 Lisboa Tel.: 213876679 **Recursos Humanos** Ricardo Ferro **Controller** António Ribeiro da Cunha **Direção Comercial** Daniel Barata, Pedro de Almeida Lima (Coordenador) **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda - 41,51%, KNJ Global Holdings Limited - 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro - 20,40%, Grandes Notícias, Lda - 8,74% **Impressão** Navprint (EN, 14 (km 705) - Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP, Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E-mail: apociiente@dn.pt

